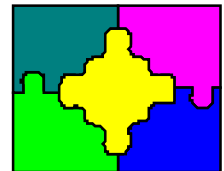
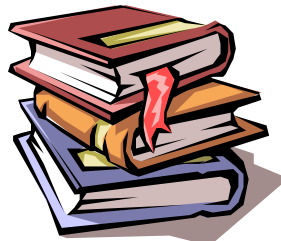


# Educação Religiosa Uma reflexão para os dias atuais

Em busca de novos paradigmas  
para a Educação Religiosa



**Lourenço Stelio Rega ©**  
**rega@etica.pro.br**

**1ª Conferência sobre Educação Cristã  
do Estado de Minas Gerais  
Convenção Batista Mineira  
2 e 3 de abril de 2004**

versão 2.1

# Revitalizando a Educação Religiosa na Igreja

## Em busca de novos paradigmas para a Educação Religiosa

Laurenço Stelio Rega<sup>1</sup> ©

### 1. A educação religiosa como componente da missão da igreja

#### O ENSINO NA BÍBLIA

Princípio	Texto
Objetivos do ensino	<i>2 Tm 3.16,17: Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para <u>ensinar</u>, repreender, corrigir, instruir na justiça; <u>para que</u> o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.</i>
Abrangência do ensino, estratégia, conteúdo	<i>Atos 1.1: Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo relatando todas as coisas que Jesus começou a <u>fazer</u> e <u>a ensinar</u>.</i>
Qualidade do ensino	<i>Atos 18.25: (Apolo) era instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso de espírito, falava e <u>ensinava com precisão</u> a respeito de Jesus ...</i>

### A educação e a missão da igreja

® Nossa herança do protestantismo conversionista

® Salvacionismo – foco na salvação

® Formação teológica no Brasil – sua origem, conteúdo, ênfases e tensões

® Nossa teologia, práticas eclesiais e litúrgicas orientadas pelo salvacionismo

® Perdas & ganhos

- ganhos em missões
- perdas em formação de vidas
- perdas em não termos a integralidade do evangelho

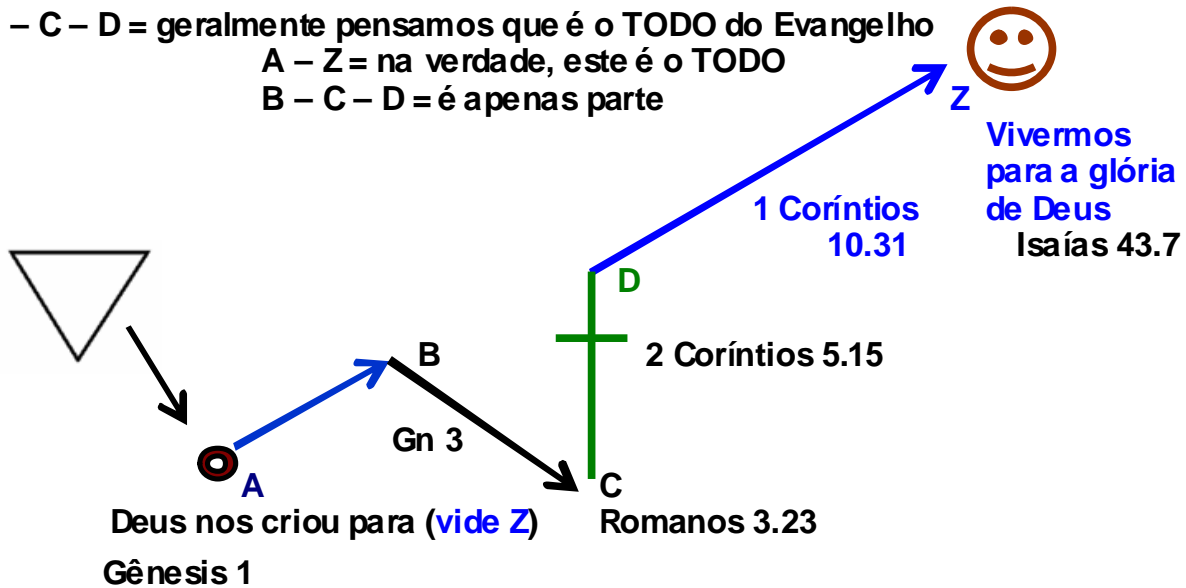
® Vamos rever tudo desde o início? Como tudo começou?

® Vamos rever tudo desde o início? Como tudo começou?

<sup>1</sup> Laurenço Stelio Rega é Bacharel em Teologia, Mestre em Teologia (espec. em Ética), Licenciado em Filosofia, Pós-Graduado em Administração (núcleo de Análise de Sistemas), tem curso de extensão pedagógica do ensino superior, Mestre em Educação e Doutorando em Ciências da Religião. É Diretor Geral e professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, ex-Presidente da Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico (ABIBET), Diretor do Programa de Educação Religiosa do Estado de São Paulo (CETM-CBESP), foi assessor na área de educação da Igreja Evangélica Batista da Liberdade (S. Paulo). Foi Ministro de Educação da Igreja Batista em Perdizes (S. Paulo) e Igreja Batista da Praia do Canto (Vitória – ES).

## Para que fomos criados?

B – C – D = geralmente pensamos que é o TODO do Evangelho  
 A – Z = na verdade, este é o TODO  
 B – C – D = é apenas parte



## MISSÃO TRIDIMENSIONAL DA IGREJA



## A educação como componente da missão da igreja

® O ensino está contido na missão integral da igreja (tridimensional)

® Ensino como dom – portanto integra o plano de Deus

- é ferramenta para que a igreja cumpra a sua missão
- empobrecimento com o salvacionismo
- ensino é mais do que EBD
- ensino é mais do que educação infantil
- ensino é mais do que manter as crianças distraídas enquanto temos oculto
- ensinar é mais do que fazer recortes e usar flanelógrafo
- ensinar é mais do que informar, é formar e transformar
- temos formado/transformado ou deformado vidas?

## Qual a diferença entre educação cristã, religiosa e teológica?

Educação	Significado	aplicação
<b>Educação Cristã</b>	a concepção filosófica, teológica, política, sociológica, psicológica da educação em geral. O que é a educação do ponto de vista cristão?	toda educação praticada na denominação: colégios batistas, programas (incluindo Instituições e Entidades) de educação religiosa e teológica, treinamento de líderes
<b>Educação Religiosa</b>	a educação aplicada à realidade da igreja local	Ministério de Educação Religiosa na igreja, EBD, EBF, Escola de Treinamento, Uniões (organizações), programa de treinamento de líderes
<b>Educação Teológica</b>	a educação aplicada na formação ministerial e na pesquisa teológica	seminários

## 2. Reflexões sobre a educação para hoje

- ® Não tivemos avanços na quantidade nem em qualidade
- ® Educação tem sido mais atividade/evento – educação como educação -> fazer com fundamento
- ® Foco mais no “como” e em estruturas
- ® Educação – tarefa de segunda classe na igreja
- ® Educador religioso = “ama-seca” de nossos filhos para que não atrapalhem o culto?
- ® Ensino é atividade profilática e estratégica
- ® Parece que estamos investindo mais em *pronto-socorro e ambulatório*

## 3. A educação como sistema de hegemonia – prós e contras

- 3.1 – A educação como ação adestradora dos espíritos
- 3.2 – A educação como "aparelho ideológico"<sup>2</sup>
- 3.3 – Riscos e perigos de uma educação reprodutivista

## 4. Uma breve análise do sistema atual ou é a educação religiosa uma “caixa preta”?

Estamos juntos no “barco”, temos de fazer um diagnóstico do que está ocorrendo e ajudar a corrigir os rumos. Mãos à obra ...

<sup>2</sup> vide *Aparelhos ideológicos de Estado*, por Louis Althusser, Rio de Janeiro : Graal, 1985

Será preciso analisar alguns princípios e categorias-chave:

#### 4.1 – Currículo e sistema nacional

- a. É mais barato e fácil de produzir
- b. Desconsidera as variáveis ambientais, regionais, é descontextualizado – veja análise de Michael Apple<sup>3</sup>
  - (a) Do Acre ao Rio Grande do Sul, mesmo que o país tenha características/necessidades diferentes, temos o mesmo currículo, o mesmo temário, por isso mesmo descontextualizado
  - (b) Como é elaborado o projeto da educação religiosa da igreja? Em geral copiado de manuais oficiais (Organizações – UM, UF, JUMOC), a partir do que o formato das lições e revistas exigem e da “tradição oral”
- c. Pode ter um caráter ideológico e reprodutivista
- d. Ficamos presos a uma cultura do momento visto pela liderança presente (estudo dos dons ausente por muito tempo, devido à visão traumatizada das crises passadas)
- e. Por isso mesmo a nossa JUERP precisaria ser uma implementadora de sistemas, consultora, mais do que mera produtora de revistas e editora. Se a JUERP tivesse se dedicado mais a isso teríamos projetos contextualizados e as igrejas, pequenas ou grandes, conseguiriam elaborar, cada uma, o seu projeto contextualizado para buscar atender as suas demandas.
- f. O currículo não é neutro, muito menos o sistema educacional. Lucíola Santos (1990, p. 23), afirma comentando Ivor Goodson e Young, em que “as disciplinas ou conteúdos escolares são estruturados de acordo com os ‘interesses dominantes daqueles que têm poder na sociedade.’ Sobre isso Resende (1995, p. 146) nos informa que “os movimentos que acontecem no interior da escola refletem aspectos de uma cultura social mais ampla e que garantem a penetração de paradigmas ideologicamente construídos que funcionam como matrizes de comportamentos que se expressam das mais diferentes formas.” Michael W. Apple (in Moreira & Silva, 1999, p. 59) afirma que<sup>4</sup>

o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma *tradição seletiva*, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo. (grifo do autor)

#### 4.2 – Ênfase em estrutura e metodologia

- a. Em geral os congressos educacionais oferecem ênfase mais nestes níveis
- b. Nem sempre há discussão sobre filosofia da educação, políticas de educação, a sociologia da educação. O quanto muito fala-se em psicologia da educação,

---

<sup>3</sup> APPLE, Michael W. “A política do conhecimento oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional?” in: MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu. *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 59-91. Veja também, APPLE, Michael W. (*Conhecimento Oficial*, 1999, Vozes; *Educação e poder*, Artes Médicas, 1989.

<sup>4</sup> Sobre o assunto veja as seguintes obras: RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves. *Relações de poder no cotidiano escolar*. Campinas : Papyrus, 1995; SANTOS, Lucíola Lidno de C. P. “História das disciplinas escolares: perspectivas de análise” in : *Teoria & Educação*, Porto Alegre, nº 2, p. 21-29, 1990; MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo : Cortez, 1999.

especialmente em temas da psicologia do desenvolvimento.

#### 4.3 – Divulgação do currículo anual

- a. Currículo anual tipo caixa de surpresa
- b. Ainda que se tente divulgar o programa plurianual da Educação Religiosa, tenho a impressão que a maioria das igrejas ficam sabendo o que vai ser lecionado no próximo ano pelos Pontos Salientes ou quando as revistas chegam;
- c. Quem constrói o plano educacional praticado
- d. O dito e o feito – qual é o espaço de distância entre esses dois fatos?
  - (a) **Discurso pedagógico:** as nossas práticas escolares são compatíveis com nosso discurso pedagógico?
  - (b) **o dito e o feito:** há uma relação entre o que se propõe e o que se realiza?
  - (c) Onde queremos chegar? O currículo formal e o real: o dito e o feito

#### 4.4 – Sistema orientado por conteúdos (conteudista) em vez de orientado por objetivos educacionais

O sistema educacional oferecido pela denominação é orientado por conteúdos oferecidos em vez de ser orientado por um conjunto de valores e objetivos educacionais. Daí também vem a descontextualização, pois não considera os objetivos contextuais à partir do ambiente eclesial. Este é outro item que precisa ser discutido no campo das pressuposições educacionais. Ele diz respeito à construção de todo processo educacional (currículo, plano de curso, plano de aula, conteúdo, carga horária, avaliação, etc.). Em termos gerais a educação pode ser orientada ou direcionada por, pelo menos duas alternativas, por objetivos educacionais ou por conteúdos.

a. *Por conteúdos:* seguir um currículo e conteúdo emprestado ou imposto de fora; é o sistema atual adotado na maioria das igrejas no Brasil.

b. *Por objetivos educacionais:* os objetivos indicam onde devemos chegar, que fins devemos atingir. Neste caso temos:

(a) Objetivos gerais da educação cristã – valores permanentes do Reino: são os objetivos obtidos no levantamento bíblico sobre os fins da educação cristã.

- i. compreensão doutrinal das Escrituras;
- ii. compreensão literária das Escrituras;
- iii. compreensão ética geral das Escrituras;
- iv. compreensão da experiência cristã à luz das Escrituras;
- v. treinamento operacional do cristão no desempenho do seu ministério

(b) Objetivos contextuais da educação cristã: são os objetivos obtidos no levantamento do ambiente da sua aplicação. Cada igreja local está inserida num ambiente e vive uma realidade cultural específica.

i. análise dos fenômenos sociais, culturais, econômicos e religiosos do contexto à luz dos princípios bíblicos. Isso envolve o *Zeitgeist* (espírito de época) e a sua influência no cotidiano (ex.: pragmatismo, existencialismo como forças filosóficas de nossa era; globalização, etc);

ii. busca de respostas aos dilemas contextuais da comunidade;

iii. interpretação ética do contexto e estabelecimento da conduta ética específica para o contexto;

iv. treinamento específico do cristão no desempenho do ministério contextual;

(c) a busca dos objetivos contextuais da educação é obtida através do levantamento descritivo do público-alvo para se estabelecer o seu perfil. A nossa pergunta será: quem é o membro da nossa igreja? quais as suas características? quais são os seus dilemas? quais são os seus objetivos pessoais? Esses objetivos contextuais devem

ser interpretados à luz dos gerais e servem para referenciar o processo educacional ao contexto. Enfim, associando-se esses dois objetivos, se obtém uma educação contextualizada que influenciará na estruturação de todo sistema educacional - currículo, conteúdo, didática, avaliação, etc.

(d) depois de feito o levantamento dos objetivos educacionais (gerais e contextuais) prepara-se uma taxionomia de objetivos educacionais que norteará o planejamento da grade curricular e do conteúdo, bem como da integração deste conteúdo entre as diversas classes e diversos setores educacionais da igreja.

Como vimos, não se pode fazer educação, meramente, criando mais classes, arranjando temas diversos, novos livros para serem estudados, ou mesmo reescrevendo toda literatura que será utilizada na estrutura educacional da igreja, mudando o horário da EBD, fazendo uma campanha de freqüência, concurso bíblico, etc. Será preciso estabelecer qual a ideologia que funcionará como pressuposto para direcionar todo o projeto educacional. Essa ideologia norteará o caminho que deveremos seguir, a elaboração da missão e da política de qualidade da área de educação da igreja, além de seus objetivos básicos a serem conquistados. Após isso será possível traçar um plano de metas e um cronograma a serem cumpridos.

#### 4.5 – Filosofia fragmentária de ensino

- a. Fragmentamos a educação em **teoria e prática**: EBD e ETM. Há uma dissociação teoria / prática (EBD: estudo teórico da Bíblia / ETM: estudo das práticas eclesiais). Outra discussão dentro dos pressupostos do trabalho educacional está na dicotomia entre o ensino teórico ou abstrato e o ensino calcado no treinamento prático ou operacional. Esta última ênfase tem como pressuposto que as pessoas devem ser preparadas para a vida prática, para serem úteis a sociedade, criando um sistema instrumental de educação em que enfatiza o cidadão útil e domesticado. Enquanto que a primeira ênfase defende que qualquer prática precisa de teoria. O sujeito é também um ser pensante. Por trás destas duas tensões dialéticas há a discussão em que se aborda a questão de desenvolvermos um sistema de ensino (reprodutivista, utilitário e instrumental – hoje conhecida como educação profissional), ou um sistema de pesquisa (desenvolvimento de descobertas, reflexão, etc.). A verdade é que em vez de pensarmos que essas duas ênfases estão numa posição dicotômica, poderíamos imaginá-las como necessárias para uma formação integrada da pessoa. Então, elas não estão em oposição, mas devem ser integradas, interligadas. Afinal, toda prática é produto de uma hipótese teórica. Pois, mesmo que não admitamos, somos influenciados por alguma ou algumas ideologias (de fundo abstrato) presentes na cultura em que vivemos. Por outro lado, a teoria apenas nos levaria a uma contemplação monastérica e inócua.
- b. Ainda trabalhamos com faixas etárias. Há outras descobertas na educação que poderão alterar essa abordagem - estágios morais, Piaget, e.g.; fases da vida – mas que vão requerer um trabalho mais profissionalizado com testes, entrevistas **em vez da simples promoção para outra classe**, que tem se demonstrado cruel e desconsideradora da pessoa como **indivíduo singular**.
- c. O conteúdo e o sistema privilegia mais o cérebro: O programa deve envolver **toda a pessoa**: não só o saber / fazer, mas também o sentir, o conviver e o ser;
- d. **Orientação da educação por organizações**: fragmentamos a educação em organizações e cada uma delas tem um programa, sem integração. Aliás o GT Repensando está iniciando diálogos sobre isso com UF, UM, JUMOC. As organizações não estão integradas, cada uma faz o seu trabalho separadamente, tem seu calendário próprio.

- e. Lições teóricas muitas vezes despidas da prática ética.
- f. Caso da literatura de uma igreja (Freedom): lições literárias sobre a Bíblia, primeiro aprender sobre, depois aprender a viver (congelar a realidade de vida, as decisões, até aprender sobre ... )
- g. O projeto pedagógico da denominação é fragmentado
  - (a) Mas há um projeto??
  - (b) É um sistema (se é que existe um??!!) orientado por organizações.
  - (c) As organizações não estão integradas, cada uma faz o seu trabalho separadamente, tem seu calendário próprio
- h. Como integrar o programa de Educação Religiosa “oficial” com o da igreja?
  - (a) Deve ter um programa ou sistema oficial?
  - (b) Ou devemos capacitar a igreja local a construir o seu sistema?
  - (c) E as igrejas pequenas conseguirão ter um sistema próprio? Poderão ter um sistema básico, mas contextualizável?

#### 4.6 – Indefinição filosófica educacional

- a. Que teoria da aprendizagem devemos seguir?
- b. Há uma abordagem cristã à educação?
- c. Política: quem não segue a revista oficial não é batista??!!

#### 4.7 – Política de oferta, mas não de demandas

Assim, uma **política de ofertas** deverá ser transformada numa **política de demandas** na modelagem de todo sistema educacional da CBB. Isto é, em vez de cada segmento educacional e funcional da CBB planejar e agir considerando o que deve oferecer às igrejas e ao povo batista dentro de seu ponto de vista, agirá à partir do que as igrejas e o povo explicitam através da manifestação de seus anseios e expectativas. Sem dúvida, as tendências contextuais do mundo em que vivemos e norteadoras de nosso futuro deverão ser consideradas na elaboração de um planejamento estratégico, global, integrado e integrador. Assim, em vez de partir da estrutura para as igrejas/povo batista, **a CBB partirá das igrejas/povo batista** para suas necessárias elaborações e ação e se voltará novamente à igreja/povo prestando seu serviço nas mais variadas esferas e áreas de atuação.

Do documento: Fundamentos do Repensar a CBB, livro do mensageiro

#### 4.8 – EBD, instituição de ensino e não tanto de pesquisa

- a. formar o imaginário batista brasileiro (diga-se Sul dos Estados Unidos)
- b. ETM também – ler o ponto
- c. Em vez de ensinar a pesquisar e interpretar a Bíblia (Sacerdócio universal dos crentes – princípio distintivo dos batistas)
- d. Escola reprodutivista: exemplos de ensino reprodutivista
  - (a) Culto noturno evangelístico
  - (b) Dízimo: veterotestamentário, reducionista em relação à mordomia integral do NT
  - (c) Sacralidade do templo
  - (d) Ministério pastocêntrico, pulpocêntrico

#### 4.9 – Projeto reducionista de Educação Religiosa e supervalorização do púlpito



- a. Escolarização do ensino – só é válido se for na estrutura escolar oficial e institucional (EBD, ETM, Organizações), assim, a instituição escolar passa a ser o **único locus de aprendizagem**, ou a ser o *locus* privilegiado disso.
- b. A Educação Religiosa no lar fica fora do “sistema”,
  - (a) É o principal meio de ensino
  - (b) A ER na igreja é profilática e instrumental, mas a ênfase deve ser na ER no lar. No NT não havia a igreja como instituição
  - (c) Culto doméstico – ausência do programa em geral da igreja
  - (d) ER – mais do que EBD
  - (e) O programa deve envolver **toda a pessoa**: não só o saber / fazer, mas também o sentir, o conviver e o ser.
- c. Tratar o ensino apenas como atividade e não como processo – com suas propriedades e peculiaridades:
  - (a) Como são escolhidos os professores?
  - (b) Como é elaborado o projeto da educação religiosa da igreja?
  - (c) A ER como atividade auxiliar, a ênfase está no púlpito (cópia do catolicismo – o sacerdote precisa dar o aval (mito do cartório) – do pentecostalismo – mas **há o pastor-mestre** (Ef 4.11)
  - (d) Quando se vai construir o edifício de ER, o engenheiro, a liderança da igreja, consultam um educador?
  - (e) A ausência geral de treinamento contínuo de liderança da igreja e professores
- d. Não tem havido tratamento e profilaxia ao fracasso escolar:
  - (a) por fracasso escolar entendo não apenas a reprovação/repetência, em última instância a evasão escolar, mas também situações indicativas de que o aluno não conseguiu atingir os objetivos propostos no Plano do Curso, pela escola, ou mesmo a saturação pedagógica ou cognitiva demonstrada pelo aluno;
  - (b) qual a percepção do aluno ao concluir um curso? Ele quer mais? Entendeu como o conteúdo se simetriza com sua formação global? Ele ficou com ojeriza da classe e do estudo? Livro: *Um gosto amargo da escola!* Frase: *a escola faz mal ao meu filho (... adverte: a escola faz mau à aprendizagem)*
  - (c) Quais as causas do fracasso escolar?
    - i. Escola: sistema educacional inadequado: carga curricular deficiente ou hipersuficiente; falta de recursos didáticos; deficiência no espaço físico; pré-requisitos incorretamente dimensionados (em menor ou maior dimensão); desprezo no atendimento dos pré-requisitos de origem do aluno; objetivos educacionais inexistentes ou até mesmo incorretamente dimensionados; sistema educacional que desconsidera a simetria ou conexão entre as disciplinas/conteúdos (o sistema não possui mecanismos ou procedimentos que tornam isso realidade), suporte deficiente à aprendizagem (biblioteca, recursos diversos); outras deficiências no ambiente em que se realiza a aprendizagem, etc.
    - ii. Professor: conhecedor do conteúdo, mas não das técnicas didático-pedagógicas (nem todo bom médico necessariamente será um bom professor de Medicina); sistema de avaliação mau dimensionado ou inadequado (até que ponto a prova pode avaliar adequadamente? O que queremos avaliar: conteúdo cognitivo, aplicabilidade do conteúdo, aluno mais do que o cérebro?); visão monolítica de sua disciplina sem a

conexão com o todo do sistema educacional da escola; desatualização em conteúdo e metodologia específica da disciplina, etc.

→ produção da legitimidade do saber: o professor tem o conhecimento do conteúdo, mas nem sempre da técnica de ensino

(d) Aluno: deficiência nos pré-requisitos de ingresso (teológico-espirituais, cultura geral, idioma nacional, etc); deficiência de aprendizagem; ausência ou má gerência de tempo,

(e) como se instala a lógica do fracasso escolar no interior da igreja?

### 3.10 – Sistema **adestrador** e **reprodutivista**:

a. Muito expositivo e pouco instrumental: os alunos estudam o que é posto, mas não aprendem a pesquisa e a busca da verdade por si mesmo.

b. Assim, é um sistema mais de **ensino** do que de **pesquisa**.

c. Isso é incompatível com o espírito batista do:

(a) livre exame das Escrituras; e,

(b) sacerdócio de cada crente.

d. A revista da EBD e da ETM, como **instrumento ideológico reprodutivista**? Isso no meio batista? É claro que não acredito no mito da neutralidade científica da pesquisa, especialmente no campo da Teologia e estudos bíblicos

(a) perpetua o imaginário batista brasileiro, diga-se do Sul dos Estados Unidos da época do século XIX, por isso mesmo é

(b) perpetuador da cultura popular religiosa batista e evangélica no Brasil, em vez de ser criativo e contextualizador. Por exemplo perpetua a visão salvacionista implantada pelos missionários e líderes pioneiros motivados pelo protestantismo conversionista. Isso empobrece o Evangelho e a Missão da igreja, pelo menos;

(c) em geral não oferece oportunidade para uma visão analítica e crítica da identidade batista que formamos a partir desse foco

e. Por isso mesmo precisamos descer ao **chão da igreja** (compare com a expressão “chão da fábrica”.

## 5. Uma educação integral no conteúdo e para o sujeito aprendente: em busca de uma definição filosófica educacional para a educação religiosa

Embora aplicada à Educação Teológica e Ministerial, cabe aqui a menção de uma situação que vivi. Um dia um líder regional me procurou e me perguntou se eu poderia ir na inauguração do seminário de sua região. Aí perguntei se eles já tinham decidido que modelo educacional iam seguir, quais os objetivos educacionais pretendidos, etc. Ele me respondeu, *bem, nós já temos o prédio e o estatuto, o diretor, a data da inauguração e fizemos propaganda, tudo aprovado pela Junta da Associação*. O que mais precisariam? Bastava inaugurar o seminário.

Poderemos até pensar que o ensino envolve apenas o papel do professor ministrando a lição em sala de aula, uma lousa e os alunos. A verdade é que existe uma série de fatores que influenciam diretamente todo processo e prática educativa. Estes fatores determinarão a visão que devemos ter de Deus, do mundo, do homem, da

sociedade, etc. Numa outra oportunidade poderei explicitar as principais alternativas educacionais.<sup>5</sup>

A verdade é que estamos tratando de educação, no âmbito da igreja e mesmo dos seminários, e nem sempre tratamos deste assunto à luz da ciência da educação. É como se um médico fosse fazer cirurgia e deixasse de lado toda técnica e conhecimento científico sobre Medicina.

Antes de se elaborar um currículo é preciso que haja o estabelecimento de uma declaração de valores e objetivos educacionais que será norteadora de todo sistema educacional. Mas mesmo antes de se estabelecer quais os objetivos educacionais que desejamos atingir será preciso decidir sobre qual modelo educacional vamos adotar para compor o nosso sistema de ensino. Pois isso vai determinar a composição da estrutura, do espaço físico, dos equipamentos necessários, do volume de conteúdo a ser ministrado.

Há diversos modelos que podemos adotar para elaborar um projeto educacional para uma igreja. Em termos mais simples indicar sete modelos principais, mas vamos indicar um oitavo que tem sido a opção que estamos sugerindo como um novo paradigma:

1. **Modelo humanista.** Neste caso a ênfase é na formação da pessoa, de seu caráter. A preocupação não será tanto com matérias teóricas ou doutrinárias. O currículo se concentrará em matérias como ética cristã, santificação, etc. É o modelo do **SER**.

2. **Modelo situacionista.** A preocupação neste modelo é o atendimento às necessidades, tendências e demandas atuais do mundo, do programa da igreja ou da denominação. Neste caso é traçado um perfil para o crente baseado nestas tendências. Que perfil de aluno queremos? Baseado nessas tendências e demandas, traça-se um perfil do aluno que se espera alcançar no cumprimento da carga curricular. Um dos principais riscos aqui é a constante desatualização do ensino neste modelo, uma vez que o ambiente está em contínua mudança.

3. **Modelo pragmático.** A ênfase neste modelo é treinar os alunos na operacionalização de tarefas no cumprimento de um programa de atividades. Neste caso, mais do que **saber** um conteúdo, o aluno deve aprender a **fazer** coisas (pregar, visitar, aconselhar, discipular, etc.). É o modelo do **FAZER**.

4. **Modelo academicista.** O importante neste modelo é a formação acadêmica do aluno. Há ênfase no conhecimento e espera-se que o professor ensine o aluno a pensar. O currículo se concentra em matérias teóricas e doutrinárias. É o modelo do **PENSAR**.

5. **Modelo especialista.** A preocupação aqui está em treinar o aluno num ministério ou saber específico, sem se deter em qualquer outro caráter da sua formação. É um modelo válido à medida que se almeja prover capacitação técnica e acadêmica aos alunos, à partir de uma formação genérica já existente.

6. **Modelo social-comunitário.** Aqui a preocupação não é tanto com o ensino, mas com o desenvolvimento da interação de cada aluno com o grupo a que pertence. As atividades educacionais valorizam sobremaneira a vivência em grupo. Em geral são utilizadas técnicas de dinâmica de grupo como recursos didáticos do professor. É o modelo do **CONVIVER**.

7. **Modelo afetivo.** O importante neste modelo é a formação afetivo/emocional do aluno. A preocupação é com os seus sentimentos e com a adaptação do contexto à realidade afetiva do aluno. É o modelo do **SENTIR**.

8. Como pudemos observar cada modelo converge para uma ênfase educacional enfocando um lado da formação do aluno. Tomado separadamente, cada

---

<sup>5</sup> Um texto resumido, mas muito útil, sobre isso é MIZUKAMI, Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo : EPU, 1986.

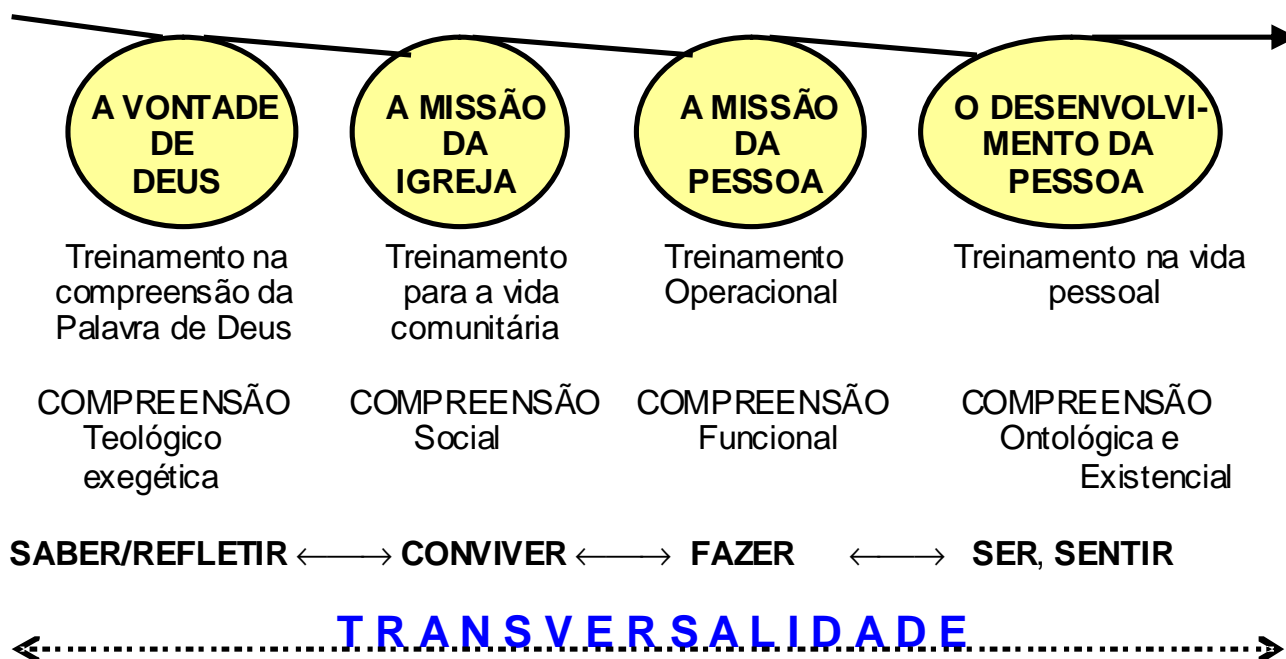
modelo valoriza apenas um aspecto do indivíduo. A proposta é criar um envoltório em torno de cada ênfase unindo-as num **MODELO INTEGRAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA**. A proposta é criar um envoltório em cada ênfase e interligá-las almejando a formação integral do aluno – **SABER / REFLETIR, CONVIVER, FAZER, SER e SENTIR**.

Esse modelo integral de educação, em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo, enfoca integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo. Assim, será preciso rever todo projeto educacional da igreja, seja o estabelecimento dos objetivos educacionais, seja o planejamento curricular, do conteúdo programático, do conteúdo das aulas, enfim, a didática adotada pelo professor, a visão do aluno, etc.

Como se pode observar, para atingirmos profundos e permanentes objetivos com a educação religiosa na igreja, será preciso rever todo processo educacional que temos desenvolvido e estarmos dispostos a assumir o custo, seja financeiro, operacional, material, em mão de obra ou temporal. Qualquer falha na escolha do modelo a ser adotado representará graves distúrbios em todo processo do trabalho educacional.

Por exemplo, aplicando-se esse mesmo conceito na Educação Teológica, temos na Filosofia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, a compreensão que alterou a designação de Educação Teológica para Educação Teológica e Ministerial (ETM), numa tentativa de ampliar o conceito do modelo do ensino teológico.

Este modelo integral de educação que proponho pode ser ilustrado pelo diagrama a seguir:

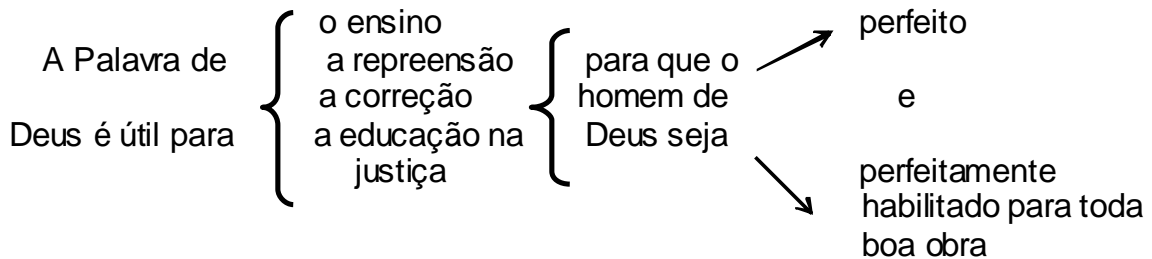


### **A - A VONTADE DE DEUS**

1. O ponto de partida para a Educação Religiosa, e mesmo para a Educação Teológica, dependerá do nível de autoridade que a Palavra de Deus exerce sobre a compreensão de nossa realidade, sobre a nossa fonte de verdade e direcionamento para a vida. (Objetivação da vida)
2. Em muitas obras de avaliação à Teologia da Libertação percebi que estudiosos afirmaram que os teólogos da Libertação buscaram compreender as questões humanas à luz da realidade e depois tentaram reinterpretar os referenciais bíblicos à luz desta compreensão. Hoje temos um mundo em convulsão,

secularismo, relativismo, sem referência, e à nossa geração foi deixada a possibilidade de negar a culpa.

3. Se a Palavra de Deus for apenas um referencial entre outros, não será colocada como ponto de partida para a Educação Religiosa.
4. A vontade de Deus está revelada nas Escrituras que são úteis para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação na justiça.

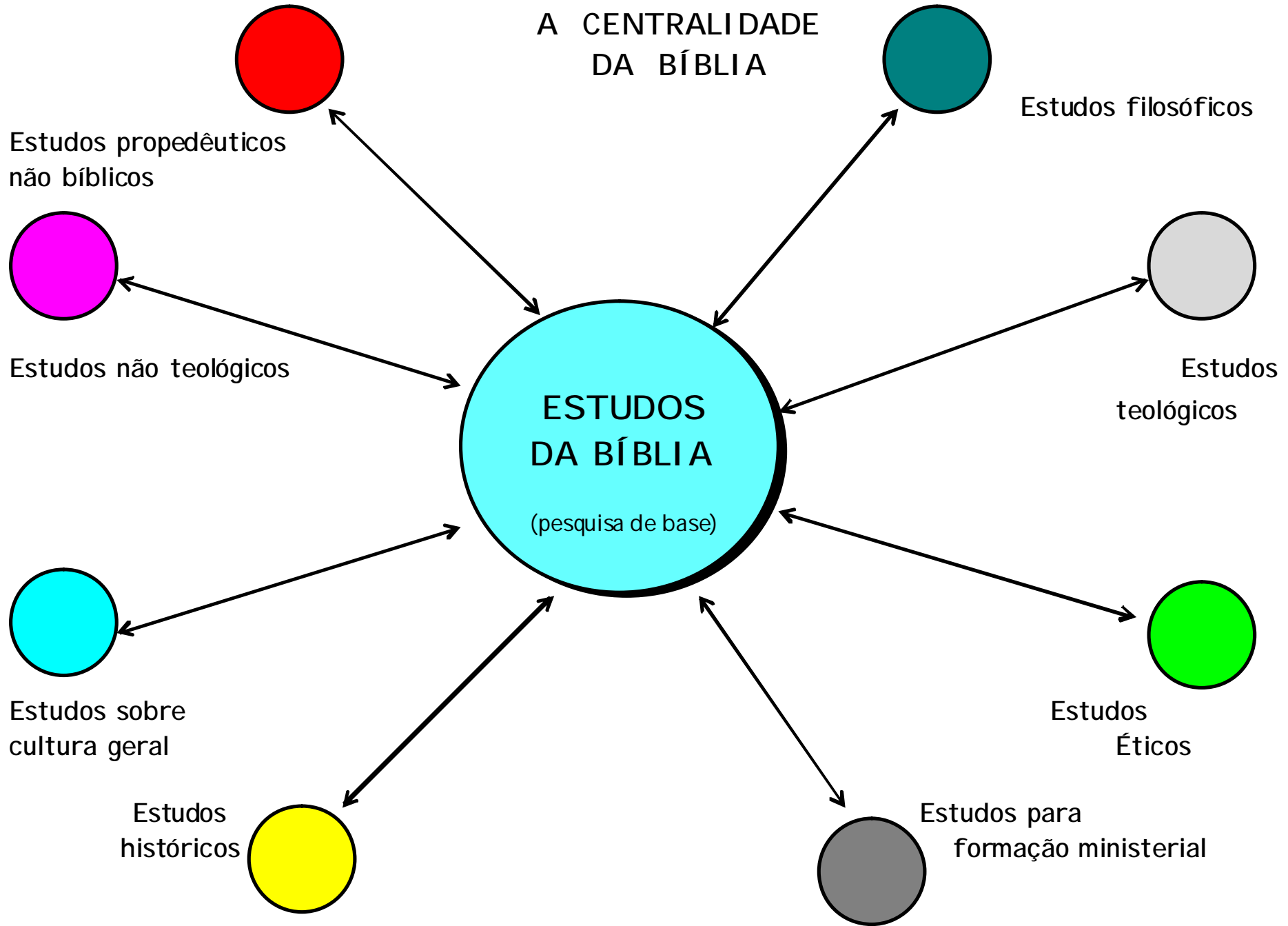


5. A Palavra de Deus é a fonte para a **PESQUISA DE BASE** no campo do saber para a Educação Religiosa e mesmo para a Educação Teológica:<sup>6</sup>
  - a. No desenho a seguir veja o diálogo que existe entre o Bíblia como pesquisa de base e outras áreas relacionadas do conhecimento:

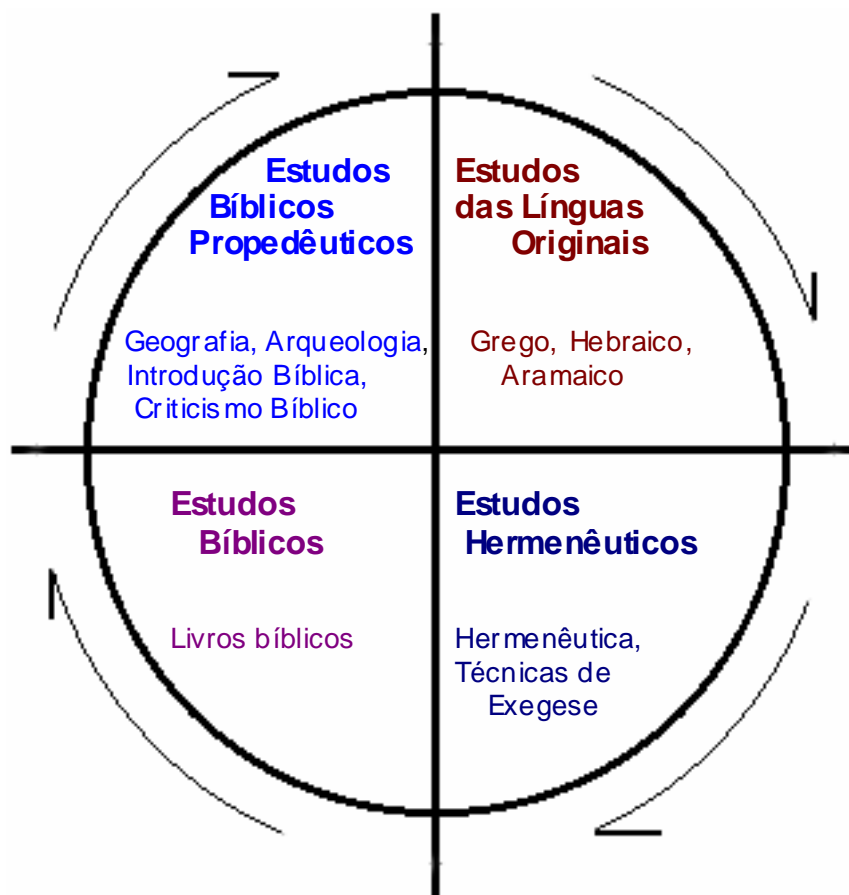
---

<sup>6</sup> O ponto de partida para os gráficos deste item me foram sugeridos pelo Dr. Hilmar Fürstenau na palestra "A Importância do Ensino das Línguas Originais no Seminário", proferida em 6.6.1992 na Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

# A CENTRALIDADE DA BÍBLIA



- b. No desenho a seguir a ilustração demonstra a Bíblia como núcleo do ensino, no caso temos as línguas originais que se aplica mais aos seminários:



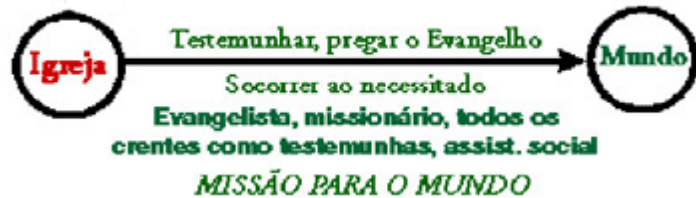
- c. Neste caso, o estudo da Palavra de Deus é o centro de convergência e “divergência” para o currículo da Educação Religiosa e Teológica também, gerando um contínuo fluxo de diálogo entre ela própria, como ponto de partida e chegada, e os diversos ramos do conhecimento humano.

## **B – A MISSÃO DA IGREJA**

1. Em geral, nutre-se a concepção de que a formação cristã visa, entre outras coisas, treinar o crente para o desempenho de seu ministério na igreja. Já ouvi a afirmação de que os seminários desempenham uma tarefa que pertence à igreja e, assim, nem deveriam existir. Mas sabemos a função estratégica desempenhada pelos seminários. Neste caso, será preciso estudar a finalidade da existência da igreja para que formemos crentes adequadamente para ela.
2. A pergunta *qual a missão da igreja?* geralmente tem sido respondida que é evangelizar o mundo perdido. Esta resposta tem seu transfundo na nossa origem no **"protestantismo conversionista"**<sup>7</sup> trazido para cá pelos nossos

<sup>7</sup> Para mais detalhes sobre esta tipologia do protestantismo no Brasil veja: Lourenço Stelio Rega, *A educação teológica batista no Brasil: uma análise histórica de seu ideário na gênese e a sua transformação no período de 1972* [dissertação de Mestrado], São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, abril de 2001, pgs. 40ss; Walter Altmann, *Lutero e libertação*, São Paulo: Ática & São Leopoldo: Sinodal, 1994, pgs. 90 e 95, 121-123; Jether Pereira Ramalho, *Prática educativa e sociedade – um estudo de*

fundadores. Dessa forma o crescimento da igreja, por exemplo, é medido numericamente. A vida da igreja local, suas tarefas, enfim, sua mensagem acaba sendo direcionada pelo enfoque de apenas evangelizar o mundo perdido. Esta **visão salvacionista** acabou por polarizar a concepção da missão da igreja apenas voltando-se ao mundo na busca da conquista das almas dos perdidos. Assim a missão da igreja **voltada ao mundo** pode ser ilustrada:



3. Afirmar isso é reduzir e polarizar a ampla dimensão da missão da igreja a apenas uma de suas facetas.
  - 3.1 – Já que pertencemos à igreja, um bom ponto de partida seria ampliar a resposta à luz dos objetivos de nossa criação e da nossa salvação. Neste caso nossa busca é **teleológica**. Para que existimos? para que somos chamados à salvação? Só para possuímos a segurança do céu?
  - 3.2 - A resposta é encontrada quando retornamos na história até a ocasião da criação e queda do homem no Éden.
    - a. Fomos criados para glorificar a Deus (Isaías 43.7), vivendo sob Sua dependência, alegrando-O e lhe sendo leais. Esse era o nosso papel na criação.
    - b. A queda consistiu na declaração de independência do homem contra Deus. Agindo assim, o homem se rebelou e se distanciou do propósito original do qual foi criado – deixou de glorificar a Deus (Romanos 3.23). O diagrama a seguir ilustra todo esse processo:<sup>8</sup>

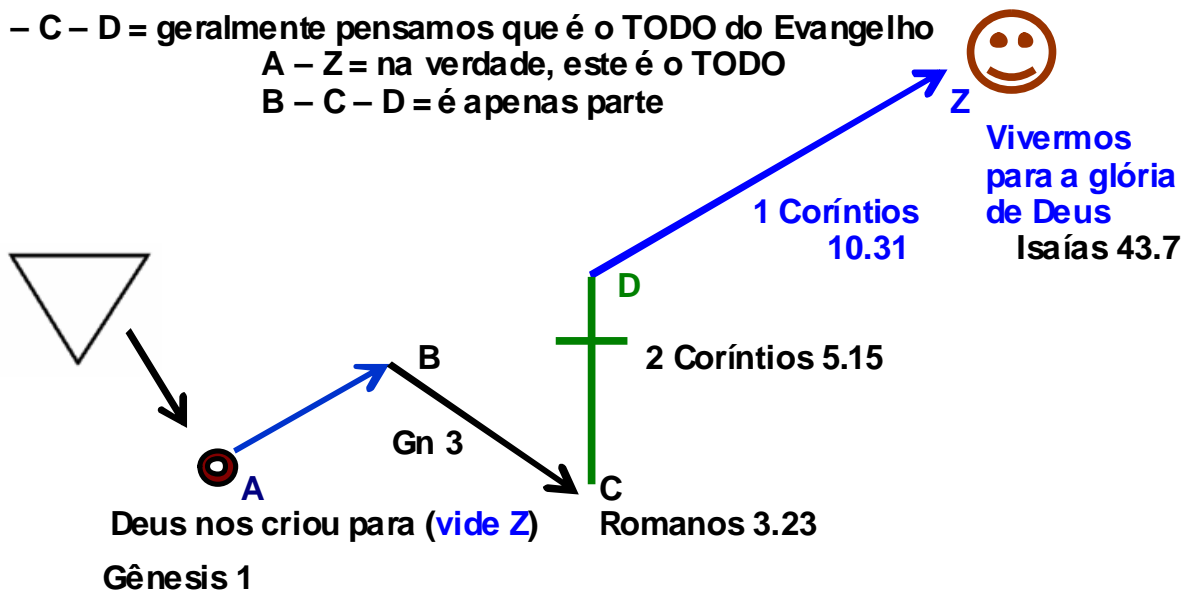
---

*sociologia da Educação*, Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pgs. 47-68; Cândido Procópio Ferreira de Camargo, *Católicos, protestantes, espíritas*, Petrópolis: Vozes, 1973, pgs. 105-157; Antônio Gouvêa de Mendonça, *O celeste porvir – a inserção do protestantismo no Brasil*, São Paulo: Paulinas, 1984, pgs 43ss; Antônio Gouvêa Mendonça & Prócoro Velasques Filho, *Introdução ao protestantismo no Brasil*, São Paulo: Loyola, 1990, pgs. 13-46. Veja também o artigo de Antônio Gouvêa Mendonça "Panorama atual e perspectivas históricas do protestantismo no Brasil" in: *Simpósio*, São Paulo: ASTE, ano XXXIII, n. 42, pgs. 32-51, outubro de 2000.

<sup>8</sup> Esse diagrama foi inspirado em DeVern Fromke, *O supremo propósito*, São Paulo: ELO, 1980.



B – C – D = geralmente pensamos que é o TODO do Evangelho  
 A – Z = na verdade, este é o TODO  
 B – C – D = é apenas parte



- c. A salvação, por intermédio de Jesus Cristo, nos recoloca neste estado original do qual nos desviamos em Adão. Se é a vontade de Deus que vivamos neste estado renovado de vida, é vontade de Deus também que ele se concretize coletivamente em nossa comunidade eclesial e, assim, podemos concluir que a comunidade dos salvos – a igreja – existe também para glorificar a Deus. Assim, temos a missão da igreja **voltada a Deus**:



4. Ora, adorar a Deus inclui muito mais que culto, louvor e liturgia. Inclui lealdade à Sua vontade, vida de serviço, de cooperação e convivência comunitária. Embora esse aspecto da vida seja desenvolvido pelo indivíduo, na somatória acaba envolvendo a própria comunidade e não é difícil deduzir que isso requererá constante manutenção. Desta forma podemos concluir que a missão da igreja inclui mais um aspecto que está diretamente relacionado com a sua própria comunidade. É a igreja promovendo a sua própria manutenção e fortalecimento para que seus membros tenham uma vida dedicada à comunidade, ao seu trabalho e desenvolvimento, ao treinamento para o serviço e testemunho ao mundo. Aqui está incluído o treinamento operacional dos crentes, a administração, a admoestação, o ensino da Palavra, a assistência espiritual e material aos “domésticos da fé” ( Gálatas 6.10), a manutenção da própria convivência ou comunhão na igreja do primeiro século ( Atos 2.42-47; 4.32,35). Assim, temos a missão da igreja **voltada a si mesma**.



5. Desta forma poderemos concluir que, no conjunto, a missão da igreja, em vez de única – evangelização, por exemplo – é tríplice. É direcionada a Deus, a si mesma e ao mundo. Assim temos:



6. Teologicamente essa maneira tridimensional de focar a missão da igreja pode ser chamada de **MISSÃO HOLÍSTICA**<sup>9</sup> ou **integral** da igreja. A expressão holística vem da palavra grega *oloi*, que significa “todo, inteiro”. Essa visão holística representa uma visão integral da missão da igreja, pois abrange outros aspectos e implicações que uma visão polarizada (parcial) deixa de lado.
7. Uma implicação prática da aceitação da missão holística da igreja é a ampliação da visão ministerial. Pois assim, teremos na igreja não apenas evangelistas, missionários, pastores e *leigos serviais*.
- 7.1- A igreja terá um ciclo de atividades contínuas envolvendo diversas áreas de atuação, bem como uma descentralização operacional e, conseqüentemente, de pessoas.
- 7.2- Assim, o crescimento da igreja será integral envolvendo diversas áreas e não apenas umas poucas, como evangelização, pregação, etc.

<sup>9</sup> Infelizmente a palavra "holística" nem sempre é bem entendida desta forma, uma vez que foi assumida pelo movimento "Nova Era", com nova semântica. Desta forma estamos utilizando atualmente a expressão "Missão Integral da Igreja".

Veja a seguir uma tabela ilustrativa das **atividades contínuas da igreja**. Compare-a com o gráfico anterior:

### ATIVIDADES CONTÍNUAS DA IGREJA

Atividades Contínuas da Igreja	Textos	Algumas áreas ministeriais envolvidas
a. Adorar a Deus	Atos 2.42ss 1 Co. 0.31	Música Sacra – Pastoral
b. Admoestar aos crentes Quanto à vontade de Deus	Hb 1.:25	Pregação – Ensino
c. Ensinar os crentes	Mt 28.20	Ensino – Pastoral
d. Treinar os crentes para uma vida operacional frutífera	Ef 4.11,12	Ensino Pastoral
e. Dar assistência aos crentes 1. Espiritualmente 2. Materialmente	Gl 6.1-10	Pastoral – Aconselhamento Assistência Social – Diaconato
f. Promover comunhão ou convivência (no gr. koinwnia) entre os crentes	At 2.42-47; 4.32	Pastoral
g. Administrar seus negócios	Rm 12.8 1 Co. 12.28	Administração
h. Proclamar o Evangelho aos não-crentes	Mt 28.19	Apostolado (missões), Evangelização, Todos os crentes (como testemunhas - 1.8)

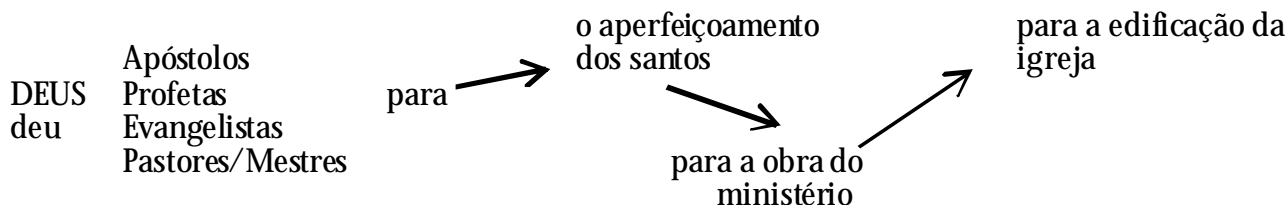
8. Este enlace lembra-nos que na Educação Religiosa devemos focar a igreja à luz de sua missão integral. Ela não pode ser vista apenas como agência de evangelização, por exemplo. Respostas na Palavra de Deus para o cumprimento dos diversos enfoques da missão da igreja precisarão ser abordados na Educação Religiosa também, afinal ela deve estar a serviço da igreja no cumprimento de sua missão diante do reino de Deus. Por exemplo, qual o papel da igreja em relação à ação, ao serviço e assistência social. Além disso a Teologia deixa de ser soteriocêntrica, para ser teocêntrica em seu enfoque teleológico, cristocêntrica em seu caráter interpretativo e pneumocêntrica em seu caráter operacional.

### **B - A MISSÃO DA PESSOA**

1. Devido à visão tridimensional da missão da igreja, vista no enlace anterior, já foi possível observar que ela possui diversos ministérios ou esferas de ação.
2. Esses ministérios aparecem muito cedo, tanto em Jerusalém quanto no desenrolar dos primeiros passos da igreja em sua expansão, principalmente entre os gentios.
  - 2.1 - Segundo o livro de Atos (6.1-6) os doze eram assistidos pelos sete para que pudessem se consagrar à oração e a ministração da palavra, enquanto aqueles cuidariam da assistência social da igreja.

2.2 - Em Jerusalém (Atos 11.30) temos também a existência de presbíteros, mesmo antes de Paulo apresentar as suas qualificações a Tito e a Timóteo. Neste trecho de Atos os apóstolos nem são mencionados, talvez por estarem fora em viagem missionária, e, assim, a liderança da igreja ficaria sob o comando dos presbíteros. É interessante notar aqui que não havia apenas um presbítero na liderança da igreja local do NT, mas presbíteros, indicando descentralização de poder.

3. Vemos, assim, já na igreja do NT a existência de líderes e liderados e o texto chave que indica esse fato é Efésios 4.11-16 e à luz deste texto é possível traçar o seguinte gráfico descrevendo a igreja em sua orientação por processos e resultados:



Assim, na formulação da Razão de Ser/Missão/Visão das igrejas, e de tudo o que a ela se referir, por exemplo as instituições de ensino teológico e ministerial é necessário que reavaliemos essas ponderações para que o serviço prestado ao reino de Deus resulte em crentes qualificados (perfeitos e perfeitamente habilitados para toda boa obra – 2 Tm 3.17), para que a igreja cumpra também a sua Razão de Ser/Missão/Visão adequadamente.

4. Para que, então deve existir o apóstolo, o profeta, o evangelista e o pastor-mestre? A partir do v. 12 temos a resposta:

4.1 - Para o aperfeiçoamento ( gr. **katartismoj**, preparo, equipamento, conserto de redes, tornar algo no que deve ser ) dos santos;

4.2 - Para que os santos, depois de devidamente preparados, possam desempenhar seu serviço;

4.3 – E, assim, ocorra a edificação da igreja.

5. E os liderados quem são? Paulo em Romanos 12.6-8 menciona representativamente alguns deles: *ministérios* (gr. Diakonia, que é a tarefa do diácono), ensino, exortação (talvez aconselhamento), exercício da misericórdia ( talvez assistência social ), etc.

6. No enlace anterior falamos sobre a missão holística da igreja e aqui poderemos dar um caráter prático ou funcional, isto se relacionarmos as diversas tarefas da igreja à sua própria missão e assim poderemos ilustrar essa integração *ministérios/missão* com a seguinte figura:

## MISSÃO TRIDIMENSIONAL DA IGREJA



7. Um conceito preocupante é o conceito de distinção entre o clero e leigos que alguns fazem ao crer, ainda que inconscientemente, que nós pastores somos mais importantes que nossas ovelhas. No Novo Testamento não há essa distinção. Podemos estar na liderança do povo de Deus, mas isso não nos faz melhores. Aliás o vocábulo *leigo* vem do grego **laikoj** (que vem de **laoj**, povo) que significa *alguém do povo*. Se a igreja é o povo de Deus (1 Pedro 2.9,10) todos nós somos leigos, isto é, pertencentes ao povo de Deus.

### 7.1 - sobre isso Ray C. Stedman afirma que:

... veio uma transferência gradativa de responsabilidade do povo para o que foi denominado de clero ... o conceito bíblico de que todo crente é um sacerdote diante de Deus foi se perdendo aos poucos, surgindo um corpo especial de super-cristãos que eram procurados praticamente para todos os fins e, assim, acabou sendo chamado de ministério (ou o pastorado). Agora, Efésios 4 deixa bem claro que todos os cristãos estão nos ministérios. A tarefa própria dos quatro ministérios de apoio é treinar, motivar e servir de suporte às pessoas no trabalho de seu próprio ministério. Quando o ministério foi, portanto, relegado aos profissionais, não sobrou nada para as pessoas fazerem a não servir à igreja e ficar escutando. dizia-se-lhes que era sua responsabilidade trazer o mundo para dentro do edifício da igreja, a fim de ouvir o pastor a pregar o Evangelho. Em breve o cristianismo se tornou nada mais, nada menos, do que um esporte de espectadores, muito parecido com o futebol: 22 homens em campo desesperadamente precisando de descanso, e 20 mil nas arquibancadas, desesperadamente precisando de exercício.<sup>10</sup>

### 7.2 – Neste caso a interpretação de Efésios 4.11, contextualizada para hoje ficaria assim:

DEUS	OS	honrar	Apóstolos	que	edificação
deu	SANTOS	obedecer	Profetas	deverão	da
	para	sustentar	Evangelistas	trabalhar	igreja
		velar	Pastores/Mestres	para a	

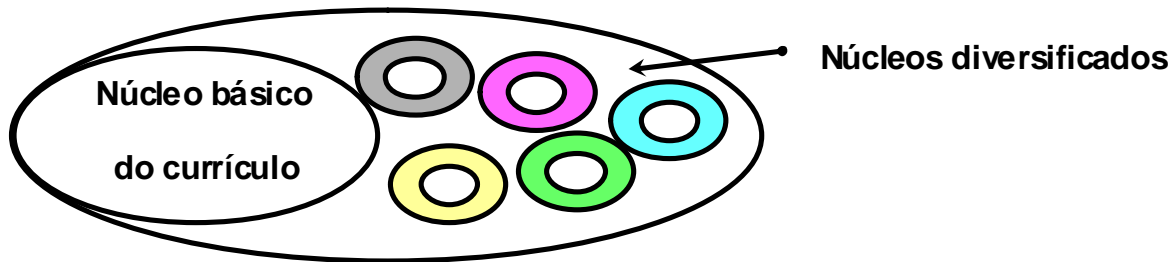
8. Este enlace desperta-nos para oferecer uma Educação Religiosa diversificada que possa promover a formação do crente em seus diversos dons e talentos. Então, em vez de oferecer um currículo padrão meramente seriado, o ideal

<sup>10</sup> A Igreja – Corpo Vivo de Cristo, São Paulo: Mundo Cristão, 1974, p. 79,80

poderia ser um currículo com um núcleo comum de matérias e diversos núcleos diversificados. Há algumas implicações para isso:

8.1 – *Corpo docente*: O corpo docente necessário para um projeto assim precisará ser maior do que o normal para atender a demanda dos diversos núcleos de pesquisa e especialização;

8.2 – *Custo operacional*: O custo operacional desse projeto é elevado, uma vez que será inevitável classes com poucos alunos devido a oferta de alternativas de formação aos alunos. O espaço físico deverá oferecer condições de mais salas, será preciso adquirir mais material didático e de suporte, etc. Veja gráfico a seguir:



8.3 – *Educação continuada – uma solução*: Uma alternativa poderá ser criar um projeto pedagógico que contemple uma educação continuada, em que o aluno começa os seus estudos por uma formação básica e tenha oportunidade alcançar outros segmentos de sua formação através de outros cursos diversificados.

- a. O **núcleo básico**, irá fornecer ao aluno a habilitação essencial para a sua formação;
- b. Os **núcleos diversificados** poderão oferecer, em termos de capacitação, um ensino instrumental na formação do crente em áreas específicas;

#### **IV - O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA**

1. Como já vimos, o crente deve ser perfeito e habilitado – 2 Timóteo 3.17; Efésios 4.15,16. Aqui pensamos no aluno como pessoa, como ser. Neste caso o projeto não deve considerar o aluno com a intenção de torná-lo mão de obra útil ao ministério, mas alguém que seja instrumentalizado ao trabalho e também que conheça o conteúdo básico da fé, ou mesma que consiga refletir. A preocupação é com o aluno quanto a **tornar-se pessoa**. O aluno é aqui considerado como um **sujeito histórico** participante da construção social da vida. O trabalho será focalizar a vida não como algo de consumo, mas como de um projeto a ser construído em seu cotidiano. O aluno deixa de ser um consumidor da realidade para ser participante em sua construção.
2. Quando pensamos na Educação Religiosa apenas focando o seu lado intelectual, literário e acadêmico para conduzir o aluno à compreensão da fé e sua reflexão, sem contudo considerarmos o seu desenvolvimento como pessoa, estaremos focando apenas as suas funções mentais e cognitivas. Se o aluno é um todo, não poderemos pensar em apenas parte dele. Vamos lembrar que o Evangelho é integrador da vida. Nesse caso será bom alistar alguns perigos do academismo teológico.

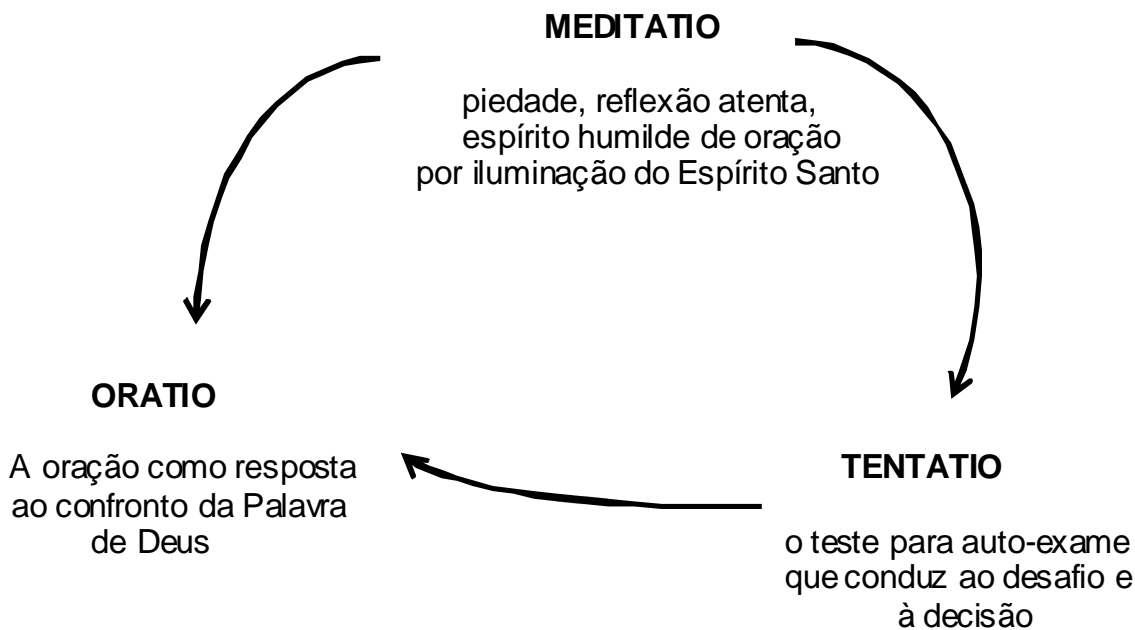
2.1– Dr. Daniel Ciobotea pergunta se a teologia acadêmica é a única teologia na igreja. A sua resposta informa que

a maioria dos estudiosos do mundo de hoje ( se não na teoria, mas na sua mentalidade) atuam mais ou menos dentro da concepção ocidental da escolástica medieval da teologia: *fides querens intellectum* – busca da compreensão intelectual. Esta definição, sem ser totalmente incorreta, é, entretanto, restritiva e unilateral, porque ela reduz ou limita o conhecimento teológico da fé em sua dimensão intelectual ou racional; em segundo lugar, porque essa espécie de conhecimento parece ser um alvo em si mesmo ... uma consequência desta compreensão escolástica da teologia, é que a espiritualidade, a liturgia e a vida de piedade em geral são consideradas à distância no trabalho teológico em seu próprio sentido ou *locus theologicus*, muitas vezes são apenas classificados como assuntos devocionais.<sup>11</sup>

2.2 – O prof. Robson Ramos afirma que “igualmente negativo pode ser o surgimento de uma elite pensante que não vai além da sua retórica, ainda que correta e necessária ... a reflexão sem ação carece de autoridade que vem da praxes onde a reflexão é testada.<sup>12</sup> Neste artigo ele cita Os Guinness

Os pensadores cristãos muitas vezes se aproximam mais de pessoas cultas que de prezam a fé, que de seus irmãos cristãos; o conhecimento dos especialistas é perseguido como um fim em si; o conhecimento especializado (que somente os especialistas podem entender) cria uma distância entre os especialistas e as pessoas comuns.<sup>13</sup>

3. Peter, o barbeiro de Martinho Lutero, perguntou-lhe, em 1535, sobre linhas mestras a respeito da oração. Em resposta, Lutero alistou três regras que constituem um básico método de oração e meditação:<sup>14</sup>



4. Neste enlace a Educação Religiosa deve contemplar o desenvolvimento integral da pessoa:

<sup>11</sup> Spiritual Theological Formation Through the Liturgical Life of the Church, *Ministerial Formation*, Genebra, (47), out 1989, p.12.

<sup>12</sup> A Mente Cristã: Uma Reflexão, *Boletim Teológico*, Fraternidade Teológica Latino-Americana-Seção Brasil, Porto Alegre, 5 (15), junho de 1991, p. 31.

<sup>13</sup> OS GUINNESS, A Missão frente à modernidade, *Boletim Teológico*, Fraternidade Teológica Latino-Americana-Seção Brasil, São Leopoldo, 4 (11), abril de 1991, p. 14 apud ibidem.

<sup>14</sup> Consultation on Spiritual Formation in Theological Education a Brief Report, *Ministerial Formation*, Genebra, (47), out 1989, p. 4.

- 4.1 – Na arte de refletir, pensar e descobrir as razões da realidade da vida e da sua fé. 1 Pedro 3.15
- 4.2 – Na piedade. 1 Timóteo 6.3-16
- 4.3 – No caráter (2 Timóteo 3.17). Penso que os maiores dilemas do ministério têm sido na área do caráter.
- 4.4 – Na formação de uma cosmovisão cristã e na compreensão da realidade existencial – conhecendo o mundo e a realidade em que vive. O prof. Robson Ramos afirmou que “quando um indivíduo se converte a Cristo ele traz consigo para a “nova vida” uma bagagem cosmovisional assimilada durante anos de vida desde a mais tenra idade, que, a partir da conversão ao evangelho, precisa ser reavaliada e reconstruída com premissas fundamentais nas Escrituras.”

5. A estrutura funcional da Educação Religiosa deve, então, abranger a formação pessoal do crente provendo disciplinas, oportunidades e suporte para o desenvolvimento do seu caráter.

**Observações conclusivas desta parte.** A título ilustrativo, nesta parte vou citar a introdução do documento “Objetivos Educacionais” da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, pertinente a este assunto.<sup>15</sup>

1. Formar o aluno, dando-lhe os instrumentos pelos quais possa chegar a ser um bom crente nas áreas do “ser”, “saber” e “fazer”. Assim o curso pretende abrir ao aluno o mais possível o leque dos conhecimentos, oportunidades e meios de serviço, bem como ajudá-lo a conhecer e desenvolver os talentos e os dons que o Espírito lhe deu.
2. Preparar o crente de tal maneira que possa combinar conhecimentos, atitudes, valores e habilidades com uma vida piedosa, a fim de que estes elementos combinados no obreiro sejam usados por Deus para capacitar a igreja a cumprir sua missão na sociedade.
3. Desenvolver o crente nas várias áreas de relacionamentos, conhecimentos, bem como habilidades de comunicação e trabalho com o povo, seja na igreja ou na comunidade em que esta igreja está inserida.
  - 3.1 - Desenvolver o crente em relação a Deus, a si mesmo, a outros e à sua missão.
  - 3.2 - Desenvolver no crente a compreensão das Escrituras e da fé cristã, bem como o conhecimento das habilidades necessárias para cumprir seu ministério.
  - 3.3 - Levar o aluno a adquirir as habilidades necessárias para comunicar a fé cristã, bem como para edificar a igreja e equipá-la para o serviço.
4. Formar o crente com a capacidade e a mentalidade de discipular os santos para desempenhar o serviço da igreja.

A luz destes pressupostos cabe-nos transportá-los à realidade de nossos seminários e formulando o modelo ideal e integral que devemos ter para o cumprimento de nosso trabalho educacional.

---

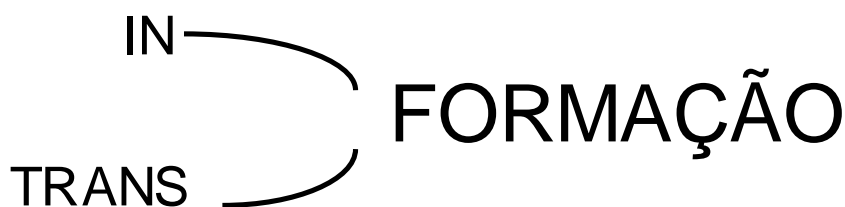
<sup>15</sup> Faculdade Teológica Batista de São Paulo, *Manual de informações gerais - 1995-1996*. São Paulo: FTBSP, 1994. pgs. 79-84.



## 6. Discutindo o centro da Educação Religiosa na igreja

Aqui desejo falar sobre qual o ponto de convergência no qual todas as práticas educacionais têm origem. Qual a nossa preocupação central quando vamos modelar o projeto educacional? O que deve ser o referencial que norteará o sistema educacional que vamos construir (Objetivos educacionais, currículo, espaço físico, estratégias didáticas, relacionamento professor/aluno, etc.). As tendências mais conhecidas são:

- a. Visão tradicional: ensino centrado no conteúdo/professor;
- b. Visão skinneriana: ensino centrado no processo, no estímulo-reposta (E-R);
- c. Visão roggeriana: ensino centrado no aluno;
- d. Visão freireana: ensino centrado na participação política do aluno como sujeito;
- e. Visão cristã: ensino centrado em Deus e sua vontade como currículo e conteúdo da vida do professor e aluno; ênfase na autenticidade da vida do aluno e do professor; a vida do professor como modelo para a do aluno; ênfase no aluno como discípulo e no professor como mestre ou discipulador; ênfase na integração teoria/prática; ênfase na operacionalidade do aluno como instrumento do reino de Deus na sua vivência; etc. Neste sentido, há não apenas a **informação**, mas a **formação** e a **transformação** da pessoa:



Assim, em vez de reprodutora, uma teremos educação formadora do sujeito histórico e mediadora entre o sujeito e o seu contexto – uma educação que informa, forma e transforma

## 7. Filosofia fragmentária de ensino – dissociação entre a teoria e a prática?

Outra discussão dentro dos pressupostos do trabalho educacional está na dicotomia entre o ensino teórico ou abstrato e o ensino calcado no treinamento prático ou operacional. Esta última ênfase tem como pressuposto que as pessoas devem ser preparadas para a vida prática, para serem úteis a sociedade, criando um sistema instrumental de educação em que enfatiza o cidadão útil e domesticado. Enquanto que a primeira ênfase defende que qualquer prática precisa de teoria. O sujeito é também um ser pensante. Por trás destas duas tensões dialéticas há a discussão em que se aborda a questão de desenvolvermos um sistema de ensino (reprodutivista, utilitário e instrumental – hoje conhecida como educação profissional), ou um sistema de pesquisa (desenvolvimento de descobertas, reflexão, etc.). A verdade é que em vez de pensarmos que essas duas ênfases estão numa posição dicotômica, poderíamos imaginá-las como necessárias à formação integral e integrada da pessoa. Então, elas não estão em oposição, mas devem ser integradas, interligadas. Afinal, toda prática é produto de uma hipótese teórica. Mesmo que não admitamos, somos influenciados por alguma ou algumas ideologias (de fundo abstrato) presentes na cultura em que vivemos. Por outro lado, a teoria apenas nos levaria a uma contemplação monastical e inócua. Cabem aqui algumas indagações concretas:

1. Lições teóricas despidas de prática: na ministração de diversas disciplinas no âmbito da igreja corre-se o risco de se ficar na abstração – Teologia Sistemática, História da Igreja, estudos bíblicos, etc.
2. Um exemplo concreto: recebi para análise a literatura que uma igreja utilizava para o ensino na Escola Bíblica Dominical. Logo notei que as lições tinham apenas o enfoque literário sobre a Bíblia. O aluno ia seguindo uma seqüência de estudos de modo que primeiro tinha de aprender sobre a Bíblia, Teologia, para depois aprender a viver. Fiquei pensando que o novo convertido precisaria “congelar” a realidade de vida, das decisões, até aprender sobre ... Hoje é muito comum a compreensão da **interdisciplinaridade** em que diversas áreas do saber estão interligadas.
3. O projeto pedagógico da denominação é fragmentado? É bem provável que muitos líderes e igrejas nem saibam se a denominação tem um projeto pedagógico. Eu mesmo estou procurando descobrir isso e não tenho encontrado. Na realidade temos um conjunto de projetos educacionais desconectados. Tenho a impressão que os, de modo geral, seminários não seguem uma linha pedagógica clara. No âmbito da educação religiosa, cada organização segue seu rumo. Nesse sentido poderíamos concluir que o sistema educacional da denominação é orientado por organizações. Mas nem as próprias organizações não estão integradas, cada uma faz o seu trabalho separadamente, tem seu calendário próprio. A própria Educação Teológica nem sempre tem um rumo definido a seguir. Cada seminário procura seguir o seu próprio rumo.

Estes são apenas alguns exemplos da desintegração educacional que deve ser objeto de nossa preocupação como educadores.

## **8. Qual o rumo a ser seguido – o dos conteúdos ou o dos objetivos educacionais e valores cristãos?**

Este é outro item que precisa ser discutido no campo das pressuposições educacionais. Ele diz respeito à construção de todo processo educacional (currículo, plano de curso, plano de aula, conteúdo, carga horária, avaliação, etc.). Em termos gerais a educação pode ser orientada ou direcionada, entre outras alternativas, por objetivos educacionais/valores ou por conteúdos.

1. *Por conteúdos*: seguir um currículo e conteúdo emprestado ou imposto de fora; é o sistema atual adotado na maioria das igrejas no Brasil, em termos de educação religiosa.
2. *Por objetivos educacionais e valores cristãos*: os objetivos indicam onde devemos chegar, que fins devemos atingir, os valores indicam nossas prioridades e o que valorizamos. Neste caso temos:
  - 2.1 – Valores e Objetivos gerais da educação cristã: são os objetivos obtidos no levantamento bíblico sobre os fins da educação cristã.
    - a. compreensão doutrinal das Escrituras;
    - b. compreensão literária das Escrituras;
    - c. compreensão e vivência ética das Escrituras;
    - d. compreensão e vivência experiencial cristã à luz das Escrituras;
    - e. treinamento operacional do cristão no desempenho do seu ministério
  - 2.2 – Objetivos contextuais da educação cristã: são os objetivos obtidos no levantamento do ambiente da sua aplicação. Cada igreja local está inserida num ambiente e vive uma realidade cultural específica.

- a. análise dos fenômenos sociais, culturais, econômicos e religiosos do contexto à luz dos princípios bíblicos. Isso envolve o *Zeitgeist* (espírito de época) e a sua influência no cotidiano (ex.: pragmatismo, existencialismo como forças filosóficas de nossa era; globalização, etc);
  - b. busca de respostas aos dilemas contextuais da comunidade;
  - c. interpretação ética do contexto e estabelecimento da conduta ética específica para o contexto;
  - d. treinamento específico do cristão no desempenho do ministério contextual;
- 2.3 – a busca dos objetivos contextuais da educação é obtida através do levantamento descritivo do público-alvo para se estabelecer o seu perfil. A nossa pergunta será: quem é o membro da nossa igreja? quais as suas características? quais são os seus dilemas? quais são os seus objetivos pessoais? Esses objetivos contextuais devem ser interpretados à luz dos gerais e servem para referenciar o processo educacional ao contexto. Enfim, associando-se esses dois objetivos, se obtém uma educação contextualizada que influenciará a estruturação de todo sistema educacional - currículo, conteúdo, didática, avaliação, etc.
- 2.4 – se seguirmos o modelo de Benjamin Bloom,<sup>16</sup> depois de feito o levantamento dos objetivos educacionais (gerais e contextuais) prepara-se uma taxionomia de objetivos educacionais que norteará o planejamento da grade curricular e do conteúdo, bem como da integração deste conteúdo entre as diversas classes e diversos setores educacionais da igreja, ou do seminário.

Como vimos, não se pode fazer educação, criando mais classes, novos cursos, usando esse ou aquele recurso didático. E na igreja local, arranjando temas diversos, novos livros para serem estudados, ou mesmo reescrevendo toda literatura que será utilizada na estrutura educacional da igreja, mudando o horário da EBD, fazendo uma campanha de frequência, concurso bíblico, etc. Será preciso estabelecer quais objetivos que funcionarão como pressupostos para direcionar todo o projeto educacional. Esses pressupostos nortearão a ser seguido, a elaboração da missão e da política de qualidade da igreja, além de seus objetivos básicos a serem conquistados. Após isso será possível traçar um plano de metas e um cronograma a serem cumpridos.

Me preocupa também como alguns seminários e igrejas, por exemplo, fazem alteração curricular como se troca de roupa, incluem, subtraem disciplinas, alteram a carga horária. Isso é uma abordagem conteudista, empírica e bem amadora da educação. Se temos uma educação orientada por objetivos educacionais e valores, os ajustes ou alterações curriculares precisarão corresponder a esses objetivos e valores.

## 9. Currículos entrópicos ou sinérgicos?

Um currículo não é apenas uma lista de matérias distribuídas por um período cronológico que será oferecido pela igreja para que, ao final de seu cumprimento, o aluno obtenha um diploma. Como já vimos, existem inúmeras forças impulsoras ou não que orientam um currículo e a sua elaboração. Essas forças modelam o enlace que haverá ou não entre as diversas disciplinas que compõe um currículo e o seu funcionamento.

Há diversas maneiras de descrever este fenômeno ideológico, aparentemente invisível, que existe por trás de um currículo. Lendo um livro sobre

---

<sup>16</sup> Sobre a abordagem de Bloom veja, Benjamin Bloom *et alli*, *Taxionomia de objetivos educacionais*, Rio de Janeiro: Globo, 1973 (volume 1: Domínio cognitivo; volume 2: Domínio afetivo). Sobre as diversas teorias de objetivos educacionais veja, Ivor K. Davies, *O planejamento de currículo e seus objetivos*, São Paulo: Saraiva, 1979.

administração<sup>17</sup> quando tratava de dois tipos gerenciais (entrópico e sinérgico), procurei imaginar essa abordagem na avaliação curricular.

Assim, podemos dizer que escolas **entrópicas**, são as que enfatizam apenas a sua dimensão prática ou pragmática e buscam gerenciar de forma racional seus "recursos humanos". Desta forma, elas têm sido bruscamente confrontadas com uma realidade mais ampla, mais complexa e diversificada. De forma impulsiva essas escolas progressivamente se fecham, se isolam do contexto maior, chegando a acreditar que aquilo que não se compreende não existe - **o mito do avestruz**. O fechamento de qualquer sistema implica menor comunicação e troca de informações com o ambiente, o que conduz gradativamente a níveis cada vez mais altos níveis de **entropia** e desagregação. Diversamente, as escolas **sinérgicas** tem uma arquitetura sistêmica flexível e adaptável. O que se observa é que os currículos entrópicos acabam se tornando um fim em si mesmo e os sinérgicos um meio para se conquistar os fins propostos na declaração de objetivos educacionais da Escola, que também deverão ser sinérgicos.

### **Currículos Entrópicos**

- ü enfatizam apenas uma dimensão da formação do aluno. Ex. : prática, ou teórica, etc.
- ü são confrontados com uma realidade mais ampla, mais complexa e diversificada
- ü estrutura curricular fechada, isolada do contexto maior
- ü menor comunicação e troca de informações com o ambiente
- ü aquilo que não se compreende não existe - mito do avestruz
- ü "produto final" fechado
- ü ciclo vicioso: currículos e escolas entrópicas conduzem o processo a níveis mais altos de entropia e desagregação
- ü conseguem sobreviver apenas em regime de monopólio ou cartelização

### **Currículos Sinérgicos**

- ü são capazes de se comunicar tanto com o seu público interno (professores, denominação), quanto com o externo (igrejas, sociedade)
- ü Flexíveis, dinâmicos e equilibrados
- ü Preparados para as alterações (demandas e ameaças) do contexto
- ü Formação adequada e equilibrada

### **Professores Sinérgicos**

- ü maturidade pessoal
- ü abertura para recebimento de crítica, participação dos alunos
- ü capacidade para auto-reflexão
- ü capacidade de integração de polaridades, sabendo evitar os extremos
- ü capacidade de se libertar de papéis estereotipados (opressor, defensor etc)
- ü capacidade de equilibrar entre as pessoas e as tarefas equilíbrio entre pragmatismo, existencialismo, conhecimento, etc.

Que tipo de educação religiosa almejamos para o futuro? Entrópica, ou sinérgica?

---

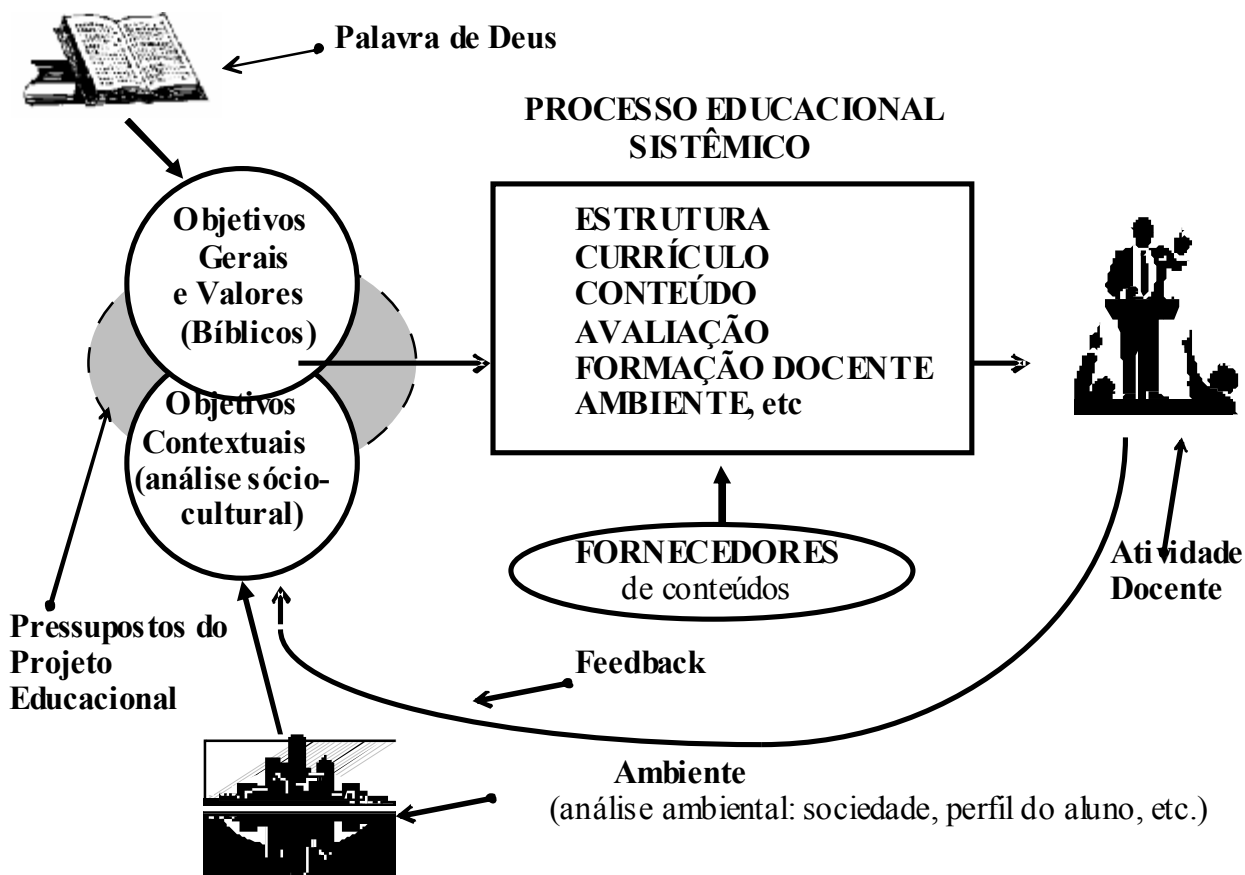
<sup>17</sup> Roberto Ziemer, *Mitos organizacionais - o poder invisível na vida das empresas*, São Paulo: Atlas, 1996.

## 10. A visão estrutural da educação planejada

Já vimos alguns aspectos importantes da fundamentação que alicerça o projeto educacional que deve ser implantando numa igreja. Agora chegou a hora de demonstrar os diversos componentes que devem estar contidos no sistema educacional que poderá ser **implantado em paralelo** sem convulsionar o processo e sistema educacional existente. Assim, evitando criar turbulências no cotidiano escolar já existente, será preciso elaborar e implantar o Plano Diretor Educacional da igreja. Esse método de implantação em paralelo é prática comum no campo da informática, quando um novo sistema é implementado e implantado lado a lado com o sistema já existente. Entre outras vantagens, a implantação em paralelo não interrompe o atendimento que o sistema atual oferece, além disso, aproveita nele o que de bom existe e com ele aprende a entender o contexto. À medida que o Plano Diretor implementa novos processos, os atuais lhe são agregados dentro da nova abordagem. Na realidade o que estamos fazendo é uma **reengenharia dosada da educação**.

Pois bem, com base em toda fundamentação até aqui exposta, que deverá ser considerada pela equipe pedagógica da igreja, será preciso agora responder a pergunta *como poderemos desenhar ou planejar a estrutura do Plano Diretor Educacional da igreja?* O gráfico a seguir resume essa estrutura.

### VISÃO GLOBAL DO PROJETO EDUCACIONAL



Lembrando que o nosso projeto está construindo a nossa realidade através de uma **educação orientada por objetivos educacionais e valores cristãos**, então, partimos deles e dos pressupostos filosófico-político-educacionais para reconstruir a estrutura do sistema, o currículo que será adotado por todos os setores educacionais da igreja (sendo, portanto, um currículo integrado e interdisciplinar), o conteúdo (aqui se incluem os Planos dos Cursos e os Planos das Aulas), que tipo de avaliação ocorrerá no processo

educacional (docente e discente), como será a formação e capacitação do corpo docente, como deverá ser tratado o ambiente (sala de aula, equipamentos e recursos didáticos, etc.). Num processo sistêmico assim gerado, cada disciplina não pode ser vista separadamente, mas num conjunto que segue sintonizado com os objetivos educacionais (gerais e contextuais) que foram propostos. Assim o professor não vai para a sala de aula apenas pensando em sua aula e no seu conteúdo, mas em como a sua aula irá completar todo o conjunto educacional da igreja.

Essa abordagem é radicalmente diferente daquela orientada por conteúdos que enfoca apenas o conteúdo das disciplinas e não todo o conjunto sistêmico educacional, gerando um processo educacional descontextualizado e desintegrado, que induz a uma intolerável redundância de conteúdo. Este tipo de abordagem poderia ser assim representada:



As bases do processo educacional proposto devem ser lançadas reconhecendo-se que a implantação do Plano Diretor é um processo que requer muita paciência de todos os participantes, principalmente considerando-se que o ideal é adotar-se uma administração por objetivos (APO) e co-participativa, isto é, uma administração que, não apenas gera atividades e eventos, mas que estabelece objetivos a serem perseguidos. Para isso será preciso elaborar a Declaração de Missão e da Política da Qualidade da igreja. Além disso, a administração co-participativa, embora exija mais tempo, envolve mais pessoas na elaboração do processo que será realização de todos e não apenas do Diretor da Instituição ou de seu Coordenador Acadêmico.

É relativamente fácil mudar estruturas, criar classes alternativas, oferecer cursos de capacitação, criar espaços, inaugurar salas novas, adquirir equipamentos e materiais didáticos. É fácil fazer muito barulho e movimentar muita gente. O difícil é fazer a reengenharia da educação religiosa a partir de todos os pressupostos filosófico-educacionais, reescrevendo conceitos, reconstruindo práticas de planejamento e de sala de aula. Para isso é preciso de conhecimento, paciência, coragem, ânimo para enfrentar as barreiras e desafios, muito trabalho de todos e constante auto-avaliação. E esta é a política que recomendamos para a continuidade do Plano Diretor Educacional, afinal muitas igrejas, seminários e líderes poderão agora ter sua esperança conquistada descobrindo como desenvolver seu próprio Plano, utilizando-se este modelo.

## Conclusão

Ao adotarmos um modelo integral de educação que, em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo, enfoca integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo, teremos de rever todo projeto educacional da igreja, seja o estabelecimento dos objetivos educacionais, seja o planejamento da matriz curricular, do conteúdo programático, do conteúdo das aulas, enfim, a didática adotada pelo professor, a visão do aluno, etc.

Como se pode observar, para atingirmos profundos e permanentes objetivos com a Educação Religiosa, será preciso rever todo processo educacional que temos desenvolvido e estarmos dispostos a assumir o custo, seja financeiro, operacional, material, em mão de obra ou temporal. Qualquer falha na escolha do modelo a ser adotado representará graves distúrbios em todo processo do trabalho educacional.

Outros desafios estão surgindo, tais como a **busca de uma educação proativa e preventiva, que trabalha estrategicamente estudando e considerando os cenários de mudança do mundo e como isso poderá afetar as igrejas e o Evangelho**. É também um desafio para estudo futuro a popularização do ensino bíblico formal, de modo a levar a Palavra de Deus ao povo ("leigos").

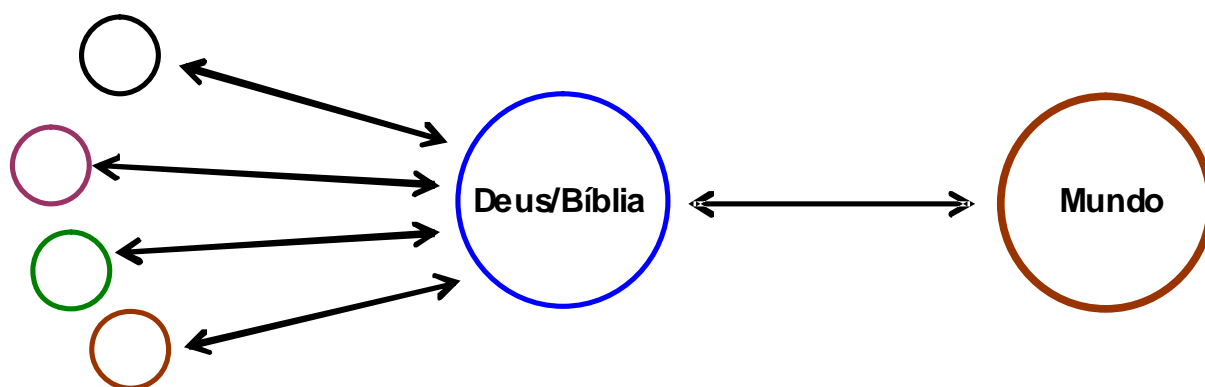
Procuraremos construir uma educação capacitadora dos dons de serviço – o cristão como agente do Reino de Deus na vivência, propagação e ensino da Palavra, levando, inclusive, a educação religiosa para o lar cristão

Vamos, nesta conclusão recordar alguns fatos que apresentamos:

a. Nosso ponto de partida e pesquisa de base: Bíblia → demais matérias são instrumentais (sociologia, psicologia, filosofia) ou extensivas (teologia, ética)

(a) Projeto político-pedagógico da Educação Religiosa

(b) Isto é fundamental para nosso trabalho docente – diferentes tipos de formação, convergindo para um só foco, e partindo daí para ver o mundo:



(c) Interdisciplinaridade convergente

b. "Sala de aula", que espaço é este?: a mística da sala de aula; a sala de aula como picadeiro; sala ou "salas" de aula – um desafio à escolarização do ensino; o espaço e o tempo escolar; espaço para o "jogo do saber"; etc.

c. O ensino de valores

(a) F. Kopp (appud Maria Christina Siqueira de Souza Campos, p. 16, 1985): Valor é tudo aquilo que é objeto de avaliação e é visto como significativo para alguém.

(b) Por uma educação orientada por valores e objetivos educacionais

(c) O currículo/conteúdo deve ser mais do que um cardápio atraente oferecido aos alunos dentro de uma política de "demanda de mercado".

(d) O aluno como sujeito histórico em vez de consumidor da realidade. Ser que pensa, que vive, que sente, que ordena; que cuida de gente, de negócios relativos à causa.

(e) Fornecimento de critérios para leitura crítica da realidade e construção significativa de sua história pessoal, familiar, social e ministerial;

(f) Mitos e paradigmas do ministério pastoral: reprodutivismo?

(g) **Kratologia** ensinar o aluno a usar sadiamente o poder – trabalhar para Deus vs. trabalhar para a "obra de Deus" (ou seria dos homens??!!)

(h) Capacitar o aluno a construir o seu projeto de vida e ministério – educação integral

d. Por uma escola interativa

- (a) Domesticação ou construção do sujeito histórico – ênfase na reflexão
- (b) Bíblia/cristianismo e a cultura ou cristianização / cristandade
- (c) Formar líderes que sejam cristãos autênticos e culturalmente sensíveis. Transparência das cinco janelas para a igreja do século XXI.
- (d) *Os conteúdos devem refletir os amplos aspectos da cultura, tanto do passado quanto do presente, assim como todas as possibilidades e necessidades futuras ... o aluno está inserido numa sociedade que lhe faz exigências de toda ordem e lhe impõe obrigações e responsabilidades.* (Maximiliano Menegolla e Ilza Martins Sant'Anna, *Por que planejar? Com que planejar? – currículo – área 'aula 'escola em debate*, 1999, Vozes).

e. Saberes bíblicos teológicos e atividade docente

- (a) As exigências do ambiente, as tendências e modismos que afetam as igrejas e a denominação, os anseios/expectativas populares, acabam gerando uma educação situacional, mas sem conteúdo de base
- (b) Formação do aluno como pessoa – como um todo
- (c) Como isso transpassa à sala de aula e práticas/cultura escolares e eclesiais?
- (d) Como já dissemos, devemos desenvolver uma educação que valorize o ensino, mas também a pesquisa, a reflexão e a formação do sujeito histórico.

f. Enfim, Precisamos explicitar os fundamentos do projeto político pedagógico da escola:

*A educação está intimamente ligada à política da cultura. O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo a respeito do que seja o conhecimento legítimo.* (Michael W. Apple in : *Currículo, Cultura e Sociedade*, p. 59, Cortez, 1999)

## Sugestão bibliográfica

- KOURGANOFF, Wladimir. *A face oculta da universidade*. São Paulo: UNESP, 1990.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 1997.
- MOREIRA, Antonio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da (organizadores). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1999.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (organizador). *Currículo: políticas e práticas*. Campinas: Papyrus, 1999.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (organizador). *Currículo: questões atuais*. Campinas: Papyrus, 1997.
- VEIGA, Ilma Passos A. *Projeto político-pedagógico da escola – uma construção possível*. Campinas: Papyrus, 1995.



## LIDERANÇA REATIVA E PROATIVA

<i>ESTILO REATIVO</i>	<i>ESTILO PROATIVO</i>
passivo	ativo
espera as coisas acontecerem	faz as coisas acontecerem
vida determinista	vida determinativa
somos um espelho social e reagimos como mapas determinados	somos construtores da realidade social
reagimos a scripts da vida	escrevemos a nossa história
o ambiente, as contingências são responsáveis	somos responsáveis pelos nossos atos
sem autoconsciência	com autoconsciência
vida orientada por situações, sentimentos e eventos	vida orientada por princípios e valores
as decisões são REAÇÕES a situações externas	conduzimos a maior parte das situações da vida
as decisões são tomadas e a organização anda a medida que as coisas vão acontecendo	possuímos a iniciativa e planejamos a vida da organização para um rumo definido

Laurenço Stelio Rega ©

## LINGUAGEM REATIVA E PROATIVA

<i>Linguagem reativa</i>	<i>Linguagem proativa</i>
não há nada mais que fazer	vamos procurar alternativas
sou assim e pronto, não mudo mais	posso tomar outra atitude
isso me deixa louco	preciso de um tempo para avaliar melhor meus sentimentos
eles nunca vão aceitar isso	vou procurar uma apresentação eficaz
tenho de fazer isso	preciso encontrar uma reação adequada
não posso	eu escolho não poder
eu preciso	eu escolho
Ah, se eu pudesse ...	eu vou fazer ...
a essa altura essa é a melhor saída (ou seria a <i>menos pior</i> ?)	bem, como tínhamos previsto, temos de valer mão do plano B ...
mas isso vai desagradar o fulano de tal	bem, como combinamos ...

Fonte: adaptado por Lourenço Stelio Rega de COVEY, Stephen R. Os 7 hábitos das pessoas muito saudáveis. São Paulo: Best Seller, 20ª edição, s.d.. pg. 84.

## Orientação para tempo ou para acontecimento

<i>PARA TEMPO</i>	<i>PARA ACONTECIMENTO</i>
horários/programas/pontualidade	preocupação mais com os detalhes dos acontecimentos do que com os horários
visão cronológica do tempo	visão acontecimental do tempo
o tempo é contado e medido	o tempo é vivido e experimentado
reuniões e trabalho são controlados pelo tempo	reuniões e trabalho são valorizados pelas oportunidades de realizações
nada pode ser feito sem planejamento prévio	os acontecimentos poderão indicar os rumos
preocupação com a pontualidade e quantidade de tempo gasto	preocupação com detalhes do acontecimento qualquer que seja o tempo necessário
gerenciamento do tempo para alcançar o máximo dentro dos limites fixados	consideração exaustiva de um problema até resolvê-lo
atividades marcadas com o tempo fixo e com objetivos específicos	atitude "venha o que vier", não presa a nenhum esquema
são oferecidas recompensas como incentivos para o uso eficiente do tempo	o esforço em completar o evento ou desafio é uma recompensa em si mesmo
ênfase em datas e história	ênfase na experiência presente, em vez de no passado ou no futuro

fonte: Antonia Leonora van der Meer, "O preparo cultural do missionário" in Capacitando para missões transculturais, São Paulo: volume 6, 1998, pgs. 25 a 45.

## Orientação para tarefas ou para relacionamentos

<i><b>PARA TAREFAS</b></i>	<i><b>PARA RELACIONAMENTOS</b></i>
enfoque em tarefas e normas	enfoque em pessoas e acontecimentos
satisfação em cumprir objetivos	satisfação nos relacionamentos
motivação em realizar coisas	motivação em interagir com pessoas
aceita solidão e privação social para alcançar realizações pessoais	lastima a solidão; sacrifica realizações pessoais pelo benefício do grupo
vidas frenéticas por tentar sempre se manter ocupado com alguma tarefa	gastam muito tempo e energia em manter laços pessoais
as pessoas são vistas como meros itens de seu esquema de trabalho	as pessoas são vistas como oportunidade para relacionamento e convivência
aceita as pessoas quando as tarefas e os objetivos estão sendo cumpridos	precisam da aceitação e do estímulo do grupo
recompensa pessoas que completam o máximo das tarefas e dos objetivos do grupo	recompensa pessoas que conseguem lidar com os conflitos e com relacionamentos
vida dirigida por uma sucessão interminável de objetivos e metas	a prioridade mais elevada é estabelecer e manter relacionamentos pessoais
passa mais tempo planejando, fazendo relatórios	passa mais tempo visitando, conversando
"vamos trabalhar e ser der tempo poderemos nos relacionar"	conhece a pessoa antes de iniciar a tarefa
burocrata - estruturalista	"humanocrata" - funcionalista
salário na base do "job description"	salário na base do valor da pessoa

*fonte: adaptado de Antonia Leonora van der Meer, "O preparo cultural do missionário" in Capacitando para missões transculturais, São Paulo: volume 6, 1998, pgs. 25 a 45*

# TESTE DE PERFIL DO LÍDER

Anote na coluna da direita um dos números a seguir, conforme o seu caso:

1 = nada a ver comigo

3 = raras vezes

4 = algumas vezes

5 = geralmente

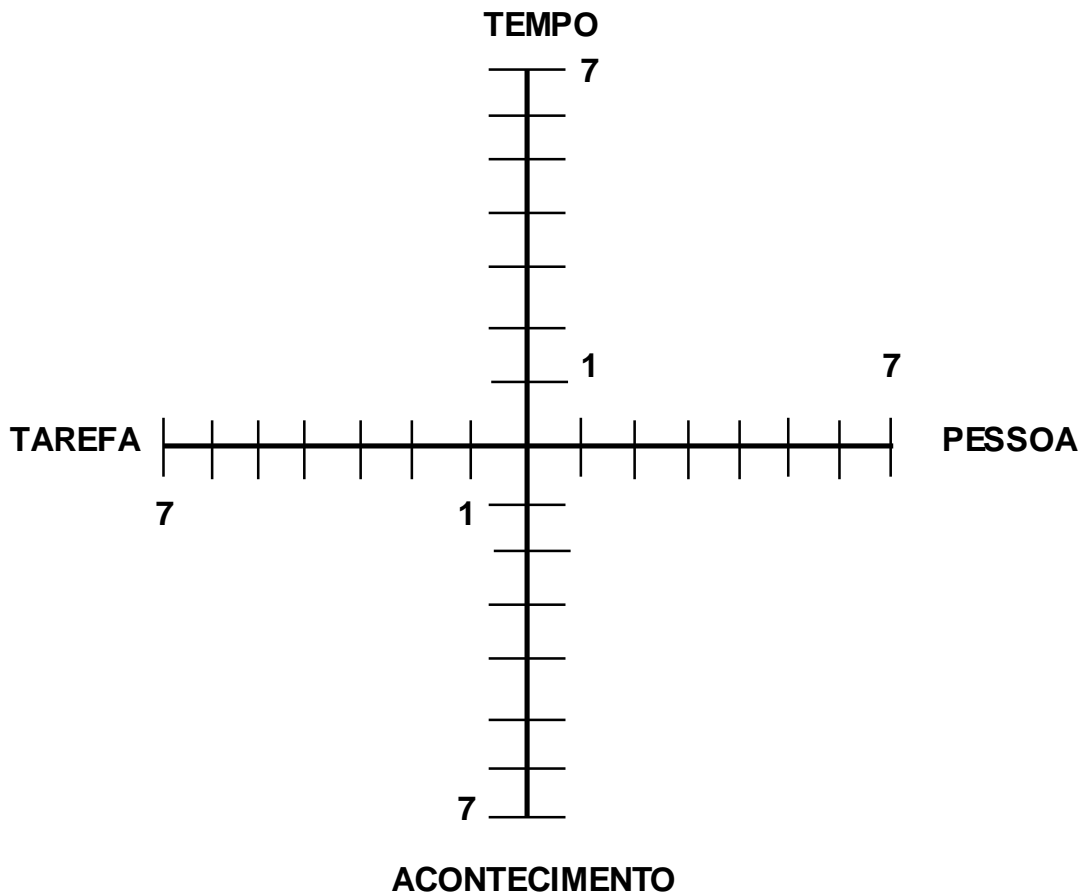
7 = sempre

	respostas
1. Eu procuro amigos e gosto de conversar sobre qualquer assunto que aparecer.	
2. Raramente penso no futuro; gosto de me envolver nas coisas quando elas aparecem.	
3. Quando escolho um objetivo, me esforço por alcançá-lo, mesmo quando outras áreas da minha vida fiquem prejudicadas.	
4. Sinto fortemente que o tempo é um recurso precioso e dou muito valor ao mesmo.	
5. Quando meu carro necessita de manutenção, eu vou à oficina autorizada, em vez de pedir que meu vizinho, que trabalha em sua própria garagem, faça o trabalho. Com profissionais eu sei que o trabalho será bem feito.	
6. Se me oferecerem uma promoção que envolve a mudança para outra cidade, o rompimento pela distância com os relacionamentos com pais e amigos não seriam impecilho para mim..	
7. Sempre uso um relógio e observo as horas freqüentemente, para não me atrasar em qualquer atividade/compromisso.	
8. Quando fico na fila, costumo começar a conversar com pessoas que não conheço.	
9. Detesto chegar atrasado, às vezes desisto de participar, para não entrar atrasado.	
10. Fico irritado com pessoas que querem parar a discussão e empurrar o grupo para a tomada de uma decisão, especialmente quando nem todos tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões.	
11. Eu planejo minhas atividades diárias e semanais. Fico irritado quando meu programa ou minha rotina ficam interrompidas.	
12. Completar uma tarefa é quase uma obsessão comigo e não fico satisfeito até estar pronto.	
13. Quando estou envolvido num projeto, tendo a trabalhar até completá-lo, mesmo se isso significa chegar tarde para outras coisas.	
14. Mesmo sabendo que poderia chover, eu participaria de um churrasco de um amigo, em vez de me desculpar dizendo que vou atender um outro compromisso.	
15. Eu converso com outras pessoas sobre meus problemas e peço seus conselhos.	
16. Mesmo se estou com pressa e tratando de assuntos urgentes, paro no caminho para conversar com um amigo.	
17. Eu fiz objetivos específicos para o que quero alcançar no próximo ano e nos próximos 5 anos.	
18. Eu resisto contra uma vida muito organizada, preterindo fazer as coisas quando aparecem.	
19. Quando dirijo uma reunião, cuido em fazer com que inicie e termine na hora certa.	

## Análise do Perfil

Para determinar o seu perfil, preencha suas respostas às declarações correspondentes do questionário. Por exemplo se sua resposta para a pergunta 4 era 5, então coloque um 5 após o "4=". Segue-se assim até preencher os números para perguntas 7, 9, 11 e 19. Depois some os 5 números de cada linha e divida o total por cinco para obter a média de cada característica, arredondando o resto para cima quando igual ou maior que 5.

Estilo – Orientado para						Total	Média
<b>Tempo</b>	4=	7=	9=	11=	19=		
<b>Acontecimento</b>	2=	10=	13=	14=	18=		
<b>Tarefa</b>	3=	5=	6=	12=	17=		
<b>Pessoa</b>	1=	15=	8=	14=	16=		



Fonte: Lingenfeiter, Sherwood G. & Mayers, Marvin K. *Ministering Cross-Culturally*. Grand Rapids: Baker Books, 1988, pgs. 34-38. Traduzido por Antonia Leonora van der Meer, "O preparo cultural do missionário" in *Capacitando para missões transculturais*, São Paulo: volume 6, 1998, pgs. 34 a 36. Gráfico final elaborado por Lourenço Stelio Rega

## Perfil do líder para este terceiro milênio – algumas notas

Lourenço Stelio Rega ©

### a. Leitura crítica do ambiente

- (a) que saiba ler as forças **impulsoras** e **inibidoras** do movimento da sociedade e suas instituições
- (b) que possua reação criativa e construtiva à realidade
- (c) que, em vez de ser um consumidor da realidade, seja seu construtor
- (d) que saiba selecionar a massa informacional produzida neste mundo contemporâneo evitando ficar “intoxicado” por ela

### b. Flexibilidade com convicção

- (a) que tenha um profundo e habilidoso conhecimento bíblico, teológico e ético como sua pesquisa de base e alicerce de relacionamentos e diálogos necessários com o ambiente
- (b) ênfase na apologética dialogal em vez de contestatória
- (c) disposição para ouvir os diversos segmentos da sociedade
- (d) que saiba “navegar” com segurança no relativismo e nihilismo contemporâneo sem contudo manter aberta a porta do diálogo para apresentar a alternativa cristã de vida

### c. Coerência vivencial, transparência

- (a) valorização do caráter, da honestidade, da veracidade acima da competência ou de cargos / títulos
- (b) coerência entre o que prega / ensina e o que realmente vive. Francis Shaeffer fala do *ponto de tensão* que existe entre o que pregamos e o que vivemos
- (c) “*em uma organização cuja cultura se baseia na confiança, as pessoas trocam informações e experiências antes que antes constituíam sua fonte de poder*” (Christopher<sup>a</sup> Bartlette e Sumantra Ghoshal “Características que fazem a diferença” in : HSM Management, nº 9, ano 2, julho e agosto de 1998, p. 71)
- (d) a geração contemporânea procura transparência e coerência

### d. Transversalidade

- (a) que saiba “navegar” nos diversos ramos do conhecimento, cultivando a multidisciplinaridade
- (b) que saiba fazer análise e abordagem transversal da vida e seus fatos
- (c) que saiba evitar o “ismo” teológico e espiritual, mas que saiba discernir as causas primeiras dos fenômenos sociais e humanos como advindos da ação satânica ( ...este mundo jaz no maligno ...)

### e. Aprendizagem continuada e liderança co-participativa

- (a) que sempre esteja pronto a aprender, fugindo da arrogância
- (b) *learning organization*: liderança orientada para o aprendizado, conceito organizacional enfatizado por Peter Senge (vide HSM Management, julho-agosto/98 op. cit., p. 57-88)
- (c) que desenvolva liderança envolvente. A *learning organization* é um modelo de organização / liderança que envolve o coração e a mente dos liderados em um processo de aprendizado contínuo capaz de liberar uma enorme força criativa existente em cada um (ib. p. 57)
- (d) *empowerment*

- i. vide texto de Keneth Blanchard
- ii. *As pessoas são nosso principal ativo*. Peter Drucker (1973)
- iii. validação da competência em vez do cargo ou título

#### f. Mais proatividade do que reatividade

- (a) que dê ênfase na prevenção e no planejamento
- (b) **proatividade**: *agir com base em princípios e valores, em vez de reagir guiado pelos impulsos ou circunstâncias* (Stephen R. Covey - Os sete hábitos das famílias muito eficazes - Best Seller, 1998, p. 52)

#### g. Gerenciar e mediar relacionamentos e conflitos humanos

- (a) que saiba fazer coisas, mas muito mais, que saiba lidar com “gente”
- (b) a ênfase bíblica está mais no relacionamento do que na elaboração de conceitos e proposições. Aliás existem para explicar os relacionamentos. Os dois grandes mandamentos enfocados por Jesus se baseiam em três níveis de relacionamentos
- (c) que conheça a Bíblia e a Teologia, mas que saiba aplicá-la no trato com as pessoas evitando um falso intelectualismo

#### h. Equilíbrio espiritual, emocional e de personalidade

- (a) *Estamos construindo super-homens e super-mulheres, totalmente equipados, só que emocionalmente infantilizados*. (Frei Betto, “Crise da Modernidade e espiritualidade in : Ética, Rio de Janeiro : Garamond, 1997, p. 27)
- (b) que seja uma pessoa resolvida consigo mesma
- (c) que seja uma pessoa possuidora de grandeza de espírito e humilde
- (d) que seja uma pessoa segura de modo a ser exemplo nesta complexa, confusa e turbulenta virada de século / milênio

#### i. Alteridade

- (a) uma forte tendência do mundo contemporâneo e o **triunfo do individualismo**
  - (b) que seja um semeador da valorização do próximo
  - (c) que seja sensível às carências humanas
  - (d) alteridade (alter ego) Martin Buber - Eu e tu
- i. Alteridade – *alter ego* – Martin Buber (Eu e tu. São Paulo : Cortez & Moraes, 1979), foi o teólogo judeu mais importante de nossa época. Sua chave de leitura da vida foi a **fenomenologia do relacionamento**.
  - ii. **EU – ISTO**: relacionamento superficial, com objetos ou pessoas. *Eu sei isto*. Segundas intenções, manipulação
  - iii. **EU – TU**: relacionamento pessoal. *Eu conheço este*. É profundo, quer o bem do outro, *veste os sapatos dos outros*, empatia.



iv. exemplos:

EU – TU	EU – ISTO
	Jacó – Esaú
Deus – Israel	Israel – Deus
Deus – Homem	Homem – Deus
Davi – Jônatas	Davi – Bate Seba
Interdependência	Individualismo
Bem	Mal
Sinceridade	Hipocrisia - segundas intenções
Participação	Autoritarismo, exclusão
União na diversidade	Exclusão
Diálogo	Contestação
Convivência	Posse ou marginalização

- v. Deus será o TU ao qual o homem pode se relacionar e falar. Nunca sobre o qual o homem poderá apenas e unicamente discorrer sistemática e dogmaticamente. O Tu eterno nunca poderá ser o ISTO.
- vi. Para Merleau-Ponty o sujeito não é pura interioridade, mas abertura ao OUTRO (*Fenomenologia da Percepção*, pg. 478).
- vii. A ampliação do relacionamento e convivência altera o nível e intensidade do EU-ISTO para o EU-TU.
- viii. *Não é bom que o homem esteja só ...* (Gn 2.18): há uma realidade vital no calor do relacionamento humano e o lugar do OUTRO é indispensável na nossa realização existencial. O cristão não pode mais viver numa reclusão espiritual e ativista eclesial, transformando as atividades da igreja num fim em si mesmo.

#### **j. Corporeidade**

- (a) a Filosofia contemporânea tem redescoberto o corpo
- (b) seria isso mais um “ismo”? ou talvez nos ensine a valorizar o ser humano como um todo?

#### **k. Comprometimento**

- (a) Nietzsche e suas ênfases na vontade de poder, além do bem e do mal, a moral cristã como perversa e escravizadora
- (b) que seja uma pessoa profundamente comprometida com Cristo e seus princípios éticos
- (c) que saiba lidar e gerenciar os impulsos humanos buscando soluções bíblicas viáveis num mundo imerso na instintividade

#### **l. Concretividade no discurso**

- (a) o mundo contemporâneo é geralmente avesso à reflexão. É um mundo que consegue associar o pragmatismo e existencialismo;
- (b)** que saiba ser concreto em suas reflexões e busca de respostas aos dilemas humanos evitando o falso intelectualismo

## Ministério orientado por uma visão

CONTÁBIL	HISTÓRICA
olha apenas para os resultados palpáveis e visíveis	olha para o futuro em busca dos resultados palpáveis e visíveis
conta as pessoas	vê as pessoas
conta as pessoas que estão trabalhando	conta todos por olhar para o potencial das pessoas
vê se elas estão produzindo	busca compreender porque elas não estão produzindo
se preocupa apenas se os resultados foram alcançados	se preocupa em demonstrar a validade da visão do grupo
deixa de lado as pessoas que não cooperam, "é perda de tempo se preocupar com elas"	procura envolver as pessoas que ainda não aderiram à visão
produtividade no ministério vida intensa	construção histórica do ministério vida extensa
ênfase em tarefas, atividade	ênfase em relacionamentos, para depois pensar em tarefas

*Lourenço Stelio Rega ©*

## Diferenças entre ser gerente/administrador e ser líder

	<b>SER GERENTE / ADMINISTRADOR</b>	<b>SER LÍDER</b>
<b>ENFOQUE</b>	<p>manter o bom funcionamento de um sistema ou organização já existente realizando o trabalho com a qualidade necessária, dentro do prazo certo e do orçamento fixado, cuidar da burocracia e rotina diária para que as coisas funcionem</p> <p style="text-align: center;"><b>enfoque contábil</b></p>	<p>gerar o processo de criação desse sistema ou organização, ou o processo de ajudar a mudar alguns aspectos fundamentais para aproveitar as condições mutantes do ambiente, escolher a direção na qual a organização deve caminhar, criar visão e estratégias, conseguir fazer com que as pessoas estejam dispostas a segui-lo, motivar essas pessoas para que a visão se torne realidade apesar de obstáculos</p> <p style="text-align: center;"><b>enfoque histórico</b></p>
<b>COMO PROCESSO</b>	planejar rotinas, elaborar orçamentos, organizar funcionários, controlar e resolver problemas rotineiros	determinar a direção na qual a organização deve caminhar, criar uma visão de futuro, capacidade de conquistar funcionários e pessoas a aceitar idéias novas e implementá-las, transferir poder e capacidade a pessoas para que façam as coisas acontecerem
<b>CAPACIDADES</b>	saber como fazer funcionar os sistemas existentes	capacidade de mudar e transformar os sistemas através de novas visões e alternativas
<b>INVESTEM TEMPO EM:</b>	ver se as coisas estão funcionando; criar condições para que a organização possa funcionar;	buscando novos caminhos para a organização; transmitindo idéias a outras pessoas
<b>FAZEM AS PESSOAS:</b>	trabalhar e produzir	mudar de rumo, acreditar em alternativas novas
<b>TEMPO</b>	presente ou futuro bem próximo, atividade de "consumo" (fez – acabou)	longo prazo, atividade que geram novas expectativas, que mostram esperança, futuro
<b>INTENSIDADE DE ATUAÇÃO EM RELAÇÃO AO SISTEMA</b>	20%	80%
	provavelmente estamos usando a proporção inversa, ou seja 80% de atividades gerenciais/administrativas e 20% de liderança	
<b>ATIVIDADE ENFATIZADA</b>	atividade "braçal", "cumprir expediente"	atividade reflexiva, de observação, relacional e perceptiva do ambiente, "transpirar o ambiente"
	Há um ditado que diz que o sucesso depende nem tanto de <b>transpiração</b> , como de <b>inspiração</b>	

Lourenço Stelio Rega ©

## Diferenças entre o gerente e o líder - resumo

<b>GERENTE</b>	<b>LÍDER</b>
Administra – mantém o sistema	Inova – cria o sistema
É uma cópia	É original
Focaliza sistemas e estrutura	Focaliza e valoriza pessoas
Busca e depende de controles	Facilita a mudança e inspira confiança
Pensa a curto prazo	Tem visão a longo prazo
Pergunta “como”, “quando”	Pergunta “por que”
Olha apenas os resultados imediatos	Tem seus olhos para o futuro
Aceita o “status quo”	Desafia o “status quo”
É dependente	É o seu próprio “boss”
Segue projetos estabelecidos	Estabelece projetos
Enfoque contábil	Enfoque histórico
Atividade “braçal”	Atividade reflexiva, visionária
Trabalhar e produzir	Mudar o rumo
Planejar rotina do dia a dia	determinar a direção da organização
Ver se as coisas estão funcionando	Buscar novos caminhos para a organização

## CHEFE vs. LÍDER

CHEFE	LÍDER
existe para controlar o que <b>em cima</b> foi decidido, e para ter certeza que <b>embaixo</b> foi feito	existe para ser o facilitador e educador do próprio processo de mudança
<b>é obedecido</b>	<b>é respeitado</b>
exerce <b>poder/autoritarismo</b>	exerce <b>autoridade</b>
busca <b>o controle</b>	<b>facilita as mudanças</b>
<b>é imposto por alguém</b>	<b>é aceito como modelo</b>
olha <b>para o presente</b>	olha <b>para o futuro</b>
olha <b>para os erros das pessoas e as pune</b>	olha <b>a pessoa e busca recuperá-la</b>
só olha a hierarquia – é entrópico	busca a sinergia
exige respeito	é respeitado
determina e exige obediência	desenvolve seus colaboradores e desperta neles a criatividade
olha para o que é externo, a aparência	busca o interior do coração, as intenções
exige obediência	estimula seguir princípios

# Ministério de Educação Cristã da Igreja Batista da Praia do Canto

## MISSÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO

Desenvolver e prestar serviços educacionais, prioritariamente religiosos, à Igreja Batista da Praia do Canto, e em outras áreas do conhecimento sempre que necessário, dentro dos mais elevados padrões de qualidade, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos na formação do seu SER, SABER, FAZER, SENTIR e CONVIVER.

## POLÍTICA DA QUALIDADE

### DO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ DA IBPC (MEC-IBPC)

- a. É missão do MEC-IBPC contribuir para o atendimento adequado aos membros da IBPC, não deixando de lado a valorização de cada membro da IBPC como pessoa humana, buscando-se o constante desenvolvimento de sua vida espiritual e de sua capacidade técnico-social, elevação de seus índices de desempenho, tanto na vida cristã pessoal e familiar, quanto na vida eclesiástica e social;
- b. A **qualidade** do desempenho da área de educação da IBPC é responsabilidade de todos, desde o Ministro de Educação Cristã até o membro parceiro que executa tarefas mais simples;
- c. A qualidade dos serviços da área de educação da IBPC deverá sempre ser aprimorada, através do uso de princípios e técnicas educacionais depuradas;
- d. O MEC-IBPC deve buscar a parceria com os membros colaboradores, tendo em vista atender os objetivos educacionais básicos destinados à igreja e encontrados na Bíblia e os objetivos educacionais específicos à luz do contexto vivencial dos membros da IBPC;
- e. Todo membro da IBPC, parceiro da área de educação, deverá empenhar-se em seu auto-primoramento visando colaborar de forma efetiva para a qualidade do serviço educacional prestado à IBPC;
- f. A integração e a harmonia entre os diversos setores educacionais da IBPC deverá ser buscada e preservada continuamente visando a eficácia do sistema de qualidade.

## **OBJETIVOS BÁSICOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO**

Implementar o ensino da Bíblia em temas: doutrinários, éticos e literários

Implementar o ensino de fatos históricos relacionados com a história eclesiástica, missionária e denominacional

Fomentar o debate e a reflexão sobre temas atuais à luz da Bíblia

Implementar treinamento operacional para o desempenho dos dons na igreja

Desenvolver o treinamento contínuo a liderança da IBPC

Gerenciar a obtenção e manutenção dos recursos pedagógicos e didáticos para os objetivos acima criando o setor de recursos audio-visuais da IBPC aplicáveis à área educacional

Incentivar a leitura da Bíblia e a prática do culto doméstico entre os membros da IBPC

Gerenciar a biblioteca da IBPC

Gerenciar a videoteca da IBPC

Assistir à terceira idade da IBPC

Assessorar a Comissão de Registro Histórico da IBPC

Assistir o segmento da IBPC chamado "solitário" e o da terceira idade

Fornecer um Projeto Educacional Piloto para servir de modelo para as frentes missionárias

Vitória, 14 de maio de 1996

Pr. Lourenço Stelio Rega  
Ministro de Educação Cristã

## A prática do Ministério de Educação Religiosa na igreja local

Pr. Lourenço Stelio Rega ©

Sem dúvida o ensino é ingrediente importantíssimo em toda vivência eclesial. Já na chamada Grande Comissão (Mateus 28.19,20) temos a sua presença como uma das alavancas da operosidade do reino de Deus. O texto é iniciado por um particípio aoristo indicando provavelmente uma ação natural *Tendo ido* (lamentavelmente traduzido pelo imperativo *ide*), depois vem o verbo principal da frase, um presente imperativo, *fazei discípulos*. Esse imperativo é cumprido através do processo evangelizante que se manifesta pelo verbo *batizando-os*, e pelo processo oferecido pelo ensino (*ensinando-os*).

O ensino na igreja visa não apenas oferecer conhecimentos literários, doutrinários e teológicos aos crentes. Visa também instrumentalizá-los ao serviço e à uma vivência piedosa e ética compatível com os princípios cristãos delineados nas Sagradas Letras. Mas, acima de tudo, todo processo de ensino deve objetivar o desenvolvimento total da pessoa humana à luz do primogênito de toda criação - Jesus Cristo. Ele é o nosso modelo ideal de personalidade.

A educação religiosa não deve ser um instrumento de dominação ideológica ou mesmo da formação de uma mentalidade amorfa e sem identidade. É uma educação que deve levar o aluno a desenvolver uma leitura crítica da realidade através da construção do seu SER, SABER, SENTIR, FAZER e CONVIVER à luz da razão de ser de todos nós - vivermos para a glória e alegria de Deus (Isaías 43.7 e 1 Co 10.31). Por isso, a participação de cada um na construção de sua compreensão e vivência a respeito do reino de Deus é requerida, a fim de que sejamos, não meros consumidores da realidade cotidiana, mas participantes em sua construção.

Uma igreja deve ter um Plano Diretor de Educação Religiosa. Um plano desse tipo tem também seus pressupostos filosófico-político-educacionais, que já têm sido objeto de artigos que tenho escrito. Não pode ser um plano construído num vazio, visando apenas alterar estruturas funcionais, políticas, organizacionais ou mesmo organogramas, mas um plano que busque reler e revisar toda base fundamental em que está assentada a atual educação nas igrejas à luz de uma perspectiva filosófica, política, teológica e educacional com base cristã aliada aos instrumentos oferecidos pelas ciências humanas tais como Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Ciência da Política, etc.

Muitas vezes, ao assumir a área de Educação Religiosa de uma igreja, o Ministro precisará atender as situações emergenciais que demandam rápida e efetiva atuação. Assim, muitas vezes o Ministro deverá fortalecer o Programa de Culto Infantil criando uma estrutura básica e ampliando o número de colaboradores. Outras vezes, o Departamento Infantil da EBD também é objeto de imediata preocupação. Oferecer Clínicas para Capacitação Pedagógica e Didática aos professores da igreja, envolvendo o maior número possível de professores ativos ou inativos, e também os interessados.

Mas, além de tudo, ele deve trabalhar em paralelo atendendo a situação vigente e lançando as sementes para o futuro preparando e implantando o Plano Diretor da Educação Religiosa da igreja. E logo no primeiro período em que assume o Ministério de Educação Religiosa, o Ministro deve elaborar um diagnóstico da situação concreta da educação na igreja para que possa lançar os preparativos para a elaboração do Plano Diretor de Educação Religiosa.

Logo que as primeiras linhas mestras do Plano estejam traçadas, ele deve envolver educadores capazes e elaborar para a igreja um documento contendo uma minuta informativa dos caminhos que serão seguidos. Deve incluir neste documento os anteprojetos, fundamentos ou pressupostos teóricos da educação que estarão sendo



considerados no Plano, aspectos gerais do Plano que demonstrem diversas alternativas que poderão ser adotadas, alguns dilemas da educação cristã, declaração da missão e da política de qualidade do Ministério de Educação Religiosa da igreja, objetivos básicos da área de educação, metas e cronograma de atividades para o período (especialmente abrangendo os cinco próximos anos), e descrição do funcionamento do Conselho de Educação Religiosa.

Numa linguagem bem moderna, precisamos construir um Plano Diretor com **arquitetura aberta**, embora possua elementos nobres indispensáveis que formem seu esqueleto ou arcabouço de sustentação.

No bojo deste documento deve ser proposta uma estrutura básica de funcionamento da área de Educação Religiosa, tal como a criação do Conselho de Educação Religiosa, um colegiado representativo da igreja que, sendo dirigido pelo Ministro de Educação, coordenará a área educacional da igreja além de traçar a forma final do Plano Diretor e gerenciar a sua implantação.

Fora isso, o Ministro deve fazer um censo da equipe envolvida na área, bem como de pessoas potenciais que poderão ser despertadas à colaboração e serem treinadas. Precisamos pensar em treinamento contínuo. Por exemplo, na Igreja Batista da Praia do Canto, com cerca de 750 membros na época em que estivemos lá, contava com uma equipe educacional composta por preciosos colaboradores que chegavam a ultrapassar de 100 pessoas, todas dispostas e voluntárias em seu trabalho praticamente semanal de atendimento aos alunos e à administração do expediente da área educacional da IBPC.

Como se pode ver, a educação não trabalha só com conteúdo, ela envolve “gente” atendendo “gente”. É um trabalho de equipe, sem o que não poderá ser realizado. É um trabalho que requer planejamento e gerência estratégica e uma administração co-participativa envolvendo todos os que desejam servir com carinho e dedicação ao nosso Mestre dos mestres - Jesus Cristo. Por isso, desafiamos a todos, que possuindo o dom de ensinar, se juntem nesse ministério de serviço visando o crescimento espiritual, doutrinal e operacional dos membros da igreja. Que Deus nos dê sabedoria e capacitação para que tudo seja feito para sua glória e honra. Amém

# EDUCAÇÃO CRISTÃ – MUDANÇA RADICAL

*Pr. Lourenço Stelio Rega©*

Já mencionei em outro artigo que o processo educacional, dentro da perspectiva cristã, deve não apenas **INFORMAR** conteúdos ao aluno. No caso da Educação Cristã, esse conteúdo envolve a doutrina bíblica (Teologia Sistemática, Teologia Bíblica), a história de heróis bíblicos ou não, o estudo literário da Bíblia, a geografia bíblica, a cronologia bíblica, etc. O que se almeja aqui é a ampliação do conhecimento do aluno. O verbo que denota essa ação é **SABER**.

Na perspectiva cristã, o ensino atinge outros níveis, pois deve também **FORMAR** o caráter do aluno. A teologia bíblica nos ensina que o caráter humano está corrompido pela natureza pecaminosa que herdamos de Adão. Portanto, nossos atos conseqüentemente são fruto de um processo decisório corrompido e viciado pelas tendências pecaminosas. Neste sentido, o Apóstolo Paulo nos ensina que, ainda que queiramos fazer o bem, não conseguimos efetuar-lo, pois estamos escravizados pelo pecado que em nós habita (Romanos 7).

O nosso caráter precisa passar por um processo de reengenharia total. Precisa ser reconstruído, para efetivar a realidade de sermos considerados por Deus como novas criaturas (2 Coríntios 5.17). As nossas decisões são produto de todo processo elaborado internamente pela nossa estrutura mental, emocional e intuitiva, e diversas influências externas, tais como a cultura, o grupo em que vivemos. Esses conteúdos internos, que fazem parte dos ingredientes de nossas decisões, precisam ser reconstruídos ou reformados, conforme nos ensina o Apóstolo em sua carta aos Romanos (12.2), quando fala da renovação da mente.

Assim, quando falamos que a Educação Cristã tem uma natureza formativa, estamos falando de uma **REFORMA INTERNA** em nossa personalidade, a ponto de refletir a vontade de Deus através de nossas decisões e escolhas diárias e cotidianas, sejam pessoais, familiares, profissionais, sentimentais ou sociais. Aqui os verbos que expressam essa parte do processo educacional é **SER, SENTIR e PENSAR**.

Mas a formação proporcionada pela Educação Cristã, também visa preparar operacionalmente ao crente para o exercício de seus dons no desempenho de seu ministério na obra de Deus. Neste caso temos a formação operacional, o treinamento para o ensino, pregação, evangelização, visitação, aconselhamento, assistência social, administração eclesial, etc.

Além disso, a Educação Cristã também se preocupa em **TRANSFORMAR** o aluno. Aqui estamos falando da demonstração vivencial através de atos concretos transformados que são produto de um caráter reconstruído. Enquanto a formação do caráter é interior, é força motriz, a transformação é o produto externo desse interior mudado. É a religião prática de que Tiago fala em sua carta (1.19-27). Aliás, o Evangelho prevê não apenas uma via gloriosa no céu, mas também uma vida transformada e concreta aqui na Terra, como uma antevisão à vida celestial. Aqui, no quadro a seguir, os verbos representados são **VIVER, CONVIVER e FAZER**.

<b>NÍVEL DO PROCESSO EDUCACIONAL</b>	<b>VERBO REPRESENTATIVO</b>
INFORMAR	<b>SABER</b>
FORMAR	<b>SER, SENTIR, REFLETIR</b>
TRANSFORMAR	<b>VIVER, CONVIVER, FAZER</b>

Esse complexo processo de **informação, formação e transformação**

não ocorre por acaso, automaticamente ou como que num *passé de mágica*. É produto de muito labor. E a operacionalização desse processo todo requer planejamento e gerência estratégica séria e bem cuidadosa, implementações técnicas, capacitação e treinamento especializado. É um processo que deve prever o futuro e prover os recursos necessários para, desde já, informar e formar o aluno na busca de uma contínua transformação concreta de sua vida.

A Educação Cristã é, então, fruto de um processo demorado e paciente, mas que poderá não se realizar, se houver qualquer interrupção operacional ou a busca de um ativismo útil apenas para preencher calendário e manter ocupados os participantes do processo educacional.

Invistamos, portanto, num sério planejamento e operacionalização de nosso projeto educacional, objetivando conquistar grandes resultados futuros no crescimento cristão de nossa igreja e na transformação de nossas vidas para que sejamos luz do mundo e sal da terra. Amém.

## **Educação - sabendo para onde ir e com qualidade!**

*Lourenço Stelio Rega ©*

Expressões como REENGENHARIA, PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO, DOWNSIZING, estão cada vez mais comuns no meio administrativo hoje. Contudo nem sempre imaginamos que muitos desses conceitos estão presentes em ensinamentos bíblicos a respeito da funcionalidade da igreja local. DONS ESPIRITUAIS é uma expressão antiga, da época do Novo Testamento, mas reflete muitas das preocupações modernas dos administradores. A aplicação concreta deste tema provocará completa REENGENHARIA no funcionamento da igreja moderna. O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO numa igreja só será praticável se considerarmos os dons de cada crente à luz da missão e razão de ser da igreja. E ainda mais, a “desclericalização” da igreja nada mais é do que um processo de DOWNSIZING e representa a devolução a cada membro do seu direito de exercer seus dons e talentos em seu ministério na igreja.

O parágrafo acima pode parecer um aglomerado de palavras futurísticas de algum teórico mirabolante da administração que esteja querendo reinventar a roda, ou melhor a igreja. Na realidade o que se tentou com tal parágrafo foi demonstrar que os princípios funcionais que encontramos no Novo Testamento para a igreja não incluem a idéia do “banco de reservas” que a maioria dos crentes ocupam na vivência eclesial. O Novo Testamento deixa claro que os ministros da igreja não são apenas os pastores ou ministros dum colegiado tal como o ministro de educação cristã, o de juventude, o de música, o de assistência social, todos os crentes são ministros, chamados por Deus para cumprirem papéis específicos na igreja local (Ef 4; Rm 12.4-8; 1 Co 12). Precisamos devolver ao povo de Deus o seu direito de ministrar (diakonia, no grego), criando meios para que descubram os seus dons, e oportunidades para que possam exercitá-los, cumprindo assim o seu ministério, de forma que haja edificação do corpo de Cristo (Ef 4.11).

Além disso, será preciso desenvolver uma política da qualidade no desempenho ministerial de todos. O trabalho há de ser feito, mas com qualidade. Não basta ter boa vontade, é preciso fazer, e fazer bem feita a obra a que Deus nos chamou para cumprirmos. É claro que o conceito de qualidade total geralmente divulgado tem algumas pressuposições que podem até ser questionadas, mas um fato não pode deixar de ser considerado: já não dá mais para continuar trabalhando amadorística e diletantisticamente no evangelho. Não há mais lugar para experimentos inconseqüentes.

Numa política da qualidade será preciso envolver todos os que forem exercer seu ministério na igreja. Não somente isso, mas envolver também todo processo operacional que será executado - desde o planejamento, até a avaliação e o replanejamento. Qualificar os membros da igreja capacitando-os no exercício de seus dons, envolvendo-os nos processos de decisão e na construção dos projetos da igreja.

Quem será beneficiado com uma política da qualidade? Todos, quem ministra, porque se sentirá realizado fazendo bem, e quem recebe a ministração, porque receberá um serviço adequado. Mas acima de tudo temos de lembrar que devemos trabalhar, não para agradar a homens, mas a Deus. Afinal de contas ele merece o melhor de nós.

Conta-se a história de um ilustre homem, alta autoridade política, que fazia longa viagem num trem de luxo. Vindo o fiscal, lhe pediu o bilhete. Depois de procurar em vão por todos os bolsos, pediu escusas e solicitou que o fiscal passasse na volta, pois certamente encontraria. No retorno, o fiscal observou que ele estava com toda a mala desarrumada em busca do bilhete. Sabendo de sua honestidade, o fiscal lhe disse que não precisaria mais se preocupar em lhe mostrar o bilhete. O homem insistiu que precisaria encontrá-lo de qualquer jeito, pois ele sequer sabia o destino que nele estava registrado.

Pode não parecer, mas, muitas vezes, o trabalho da igreja segue o mesmo

caminho daquele homem. “Freqüentamos” os cultos, participamos das reuniões, temos algum cargo, cantamos no coral, vamos aos retiros, fazemos vigília de oração e jejum, damos o dízimo. Mas afinal para onde estamos indo, quais são os nossos objetivos?

Para que existem tantas organizações e departamentos numa igreja? Para onde tudo isto está nos levando? Os nossos esforços não estão sendo repetitivos desnecessariamente? Será que os objetivos de todos os departamentos da igreja estão sintonizados e sincronizados? Será que todos estamos caminhando juntos congregando esforços para uma obra comum?

Estas perguntas não poderão ser respondidas se não soubermos o destino de nossa viagem como igreja. Muitas vezes o excesso de atividades nos ocupa tanto que esquecemos de fazer tais perguntas. Desta forma, para muitos a vida eclesial passa a ser uma rotina estressante, para outros uma distração estontante no final de semana.

Para encurtar a abordagem, é preciso entender que, para conhecer o seu destino, qualquer grupo ou instituição, de natureza religiosa ou não, deve definir em primeiro lugar, pelo menos a sua RAZÃO DE SER e a sua MISSÃO. Estes dois itens traçam os primeiros e principais detalhes que indicam o destino da caminhada de um grupo de pessoas, como por exemplo a igreja.

A RAZÃO DE SER irá determinar a legitimação da existência da igreja. Infelizmente, para muitos, a igreja se tornou um fim em si mesma. Uma posição assim tomada, deixou de considerar quais seriam os motivos que Deus teve para instituir a igreja. Numa palavra breve, a razão da existência da igreja deve se reportar à criação, ocasião em que Deus estabeleceu que o homem fôra criado para a sua glória e alegria (Is 43.7). Com a entrada do pecado na história humana esta razão de ser da humanidade fôra deixada de lado (Rm 3.23). Cristo Jesus veio e restaurou as relações entre Deus e a humanidade. Todo aquele que se arrepende de sua condição pecadora e entrega sua vida a ele, tem restaurada a sua razão de ser e assim deve viver (1 Co 10.31). A igreja é o instrumento que Deus institui para congregar e dar suporte aos salvos, levá-los a propagar o evangelho de Jesus para que outros possam ser salvos e, assim, serem restaurados em sua razão de ser (Ef 1.22,23; 3.10,11,16-21; Hb 10.25). Desta forma, a RAZÃO DE SER da igreja, numa linguagem simples, é ser instrumento para a promoção da glória de Deus.

A MISSÃO de um grupo ou instituição indica como a razão de ser será concretizada ou materializada. Como há três focos de relações no âmbito da igreja - Deus, mundo e a própria igreja - a sua missão também possui três focos. Direcionada a Deus, o foco primordial, a igreja deve promover a Sua glória e alegria. Direcionada ao mundo, a igreja deve alcançar o homem sem Cristo, através da evangelização, bem como pelo uso do atendimento social e comunitário. Direcionada à si mesma, a igreja deve promover a sua auto-manutenção, através de diversos instrumentos tal como a educação, a pregação, o aconselhamento, etc.

É natural que na condução do Ministério de Educação Cristã de uma igreja tenhamos de estabelecer também a sua missão, que deverá estar sintonizada com a missão da igreja. Assim, neste artigo, procuramos declarar a missão do Ministério de Educação da Igreja Batista da Praia do Canto.

## **MISSÃO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO**

Desenvolver e prestar serviços educacionais, prioritariamente religiosos, à Igreja Batista da Praia do Canto, e em outras áreas do conhecimento sempre que necessário, dentro dos mais elevados padrões de qualidade, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos na formação do seu SER, SABER, FAZER, SENTIR e CONVIVER.

Mas não é suficiente a declaração de missão de um ministério da igreja. Será preciso, logo de início, estabelecer em que condições todo o processo educacional será tratado. A isto dá-se o nome de POLÍTICA DA QUALIDADE que estabelece princípios a serem aplicados no desenvolvimento de qualquer atividade ou projeto. A declaração da política da qualidade do Ministério de Educação Cristã da IBPC é:

## **POLÍTICA DA QUALIDADE**

### **DO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ DA IBPC**

**(MEC-IBPC)**

1) O MEC-IBPC deve contribuir para o atendimento adequado aos membros da IBPC, não deixando de lado a valorização de cada membro da IBPC como pessoa humana, buscando-se o constante desenvolvimento de sua vida espiritual e de sua capacidade técnico-social, elevação de seus índices de desempenho, tanto na vida cristã pessoal e familiar, quanto na vida eclesial e social;

2) A qualidade do desempenho da área de educação da IBPC é responsabilidade de todos, desde o Ministro de Educação Cristã até o membro parceiro que executa tarefas mais simples;

3) A qualidade dos serviços da área de educação da IBPC deverá sempre ser aprimorada, através do uso de princípios e técnicas educacionais depuradas;

4) O MEC-IBPC deve buscar a parceria com os membros colaboradores, tendo em vista atender os objetivos educacionais básicos destinados à igreja e encontrados na Bíblia e os objetivos educacionais específicos à luz do contexto vivencial dos membros da IBPC;

5) Todo membro da IBPC, parceiro da área de educação, deverá empenhar-se em seu auto-primoramento visando colaborar de forma efetiva para a qualidade do serviço educacional prestado à IBPC;

6) A integração e a harmonia entre os diversos setores educacionais da IBPC deverá ser buscada e preservada continuamente visando a eficácia do sistema da qualidade.

Somente depois destas declarações conceituais da MISSÃO e da POLÍTICA DA QUALIDADE, é que será possível declarar em termos concretos quais os objetivos básicos que a área educacional da IBPC deverá perseguir.

# OBJETIVOS BÁSICOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO

Implementar o ensino da Bíblia em temas: doutrinários, éticos e literários
Implementar o ensino de fatos históricos relacionados com a história eclesial, missionária e denominacional
Fomentar o debate e a reflexão sobre temas atuais à luz da Bíblia
Implementar treinamento operacional para o desempenho dos dons na igreja
Desenvolver o treinamento contínuo a liderança da IBPC
Gerenciar a obtenção e manutenção dos recursos pedagógicos e didáticos para os objetivos acima criando o setor de recursos audio-visuais da IBPC aplicáveis à área educacional
Incentivar a leitura da Bíblia e a prática do culto doméstico entre os membros da IBPC
Gerenciar a biblioteca da IBPC
Gerenciar a videoteca da IBPC
Assistir à terceira idade da IBPC
Assessorar a Comissão de Registro Histórico da IBPC
Assistir o segmento da IBPC chamado "solitário" e o da terceira idade
Fornecer um Projeto Educacional Piloto para servir de modelo para as frentes missionárias

Uma vez estabelecidos os objetivos, é possível alistar as atividades e projetos para um dado período, que neste caso é o de 1996. Será preciso entender que uma atividade tem caráter permanente e um projeto tem um ciclo de vida determinado.

# ATIVIDADES E PROJETOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO EM 1996

DESCRIÇÃO	STATUS DA SITUAÇÃO
Alterar a estrutura político-administrativa da área de Educação da IBPC, criando o Conselho de Educação Cristã (CEC)	realizado
Planejar e implantar o projeto educacional da IBPC	em andamento
Planejar e implementar o programa de leitura bíblica diária e culto devocional	material em preparação
Oferecer cursos para liderança	em 29/6/96: o tema será Planejamento Estratégico; no segundo semestre haverá outro curso
Oferecer curso para treinamento de professores para crianças	realizado em 12 e 13/4/96
Oferecer um curso para capacitação pedagógica e didática	programado para o final do segundo semestre
Planejar e implantar um Curso Bíblico Básico	em andamento
Equipar as salas de aulas	em andamento e aguardando verba
Preparar um escritório de apoio no 5º andar do Edifício de Educação Cristã da IBPC	realizado
Informatizar o cadastro de alunos da EBD	em andamento
Planejar e operacionalizar a transferência do berçário para o 5º andar para funcionar junto à classe de 1-2 anos	em fase de estudos
Ampliar o acervo da historioteca infantil	realização contínua
Operacionalizar o estudo da revista Estudos sobre Mordomia (Walter Kaschel, Betânia) no 2T96	realizado
Preparar o material escrito e operacionalizar os estudos sobre dons espirituais considerando princípios do Planejamento Estratégico e Qualidade Total aplicados à igreja e à luz de pressupostos teológicos	em andamento
Oferecer treinamento básico em Planejamento Estratégico prioritariamente ao Conselho de Educação Cristã e aos principais diretores da área educacional da IBPC	dia 29/6/96
Assistir os Grupos ECOs	atendendo um grupo de forma experimental



Realizar dois encontros gerais com o pessoal da terceira idade	o primeiro encontro foi no dia 31/5/96
Apoiar a realização de dois encontros de casais	o primeiro foi realizado em 1 e 2/6/96
Promover no mês de abril/96 a Educação Cristã	realizado
Organizar, operacionalizar e ampliar o acervo da biblioteca da IBPC	biblioteca inaugurada em 21/4/96; a ampliação do acervo já se iniciou
Ampliar o acervo da videoteca da IBPC	aguardando verba
Promover atividades com o segmento solitário da IBPC em cooperação com o Ministério "Não Estou Só"	em andamento
Publicar trimestralmente o jornal Atos	realização contínua
Assessorar a Comissão para Registro Histórico da IBPC, principalmente na publicação do jornal ATOS especial de aniversário em maio/96	publicação do ATOS ESPECIAL realizada - assessoramento em realização contínua

Para qualquer viagem, precisamos determinar o nosso destino. Assim, precisamos saber de antemão quais são os destinos almejados para a área educacional da igreja para que não desperdicemos energias preciosas. Uma vez iniciada a viagem esperemos que ela tenha boa qualidade, pois somente assim será inesquecível. Esta deve ser a nossa esperança em todo o nosso labutar educacional. Amém.

## QUAL A DIFERENÇA ENTRE EDUCAÇÃO E *EDUCAÇÃO*?

Pr. Lourenço Stelio Rega©

Uma das tarefas mais nobres da vida é o ensino. Contudo, é comum entendermos o processo de aprendizagem numa igreja através dos princípios e padrões do sistema secular tradicional de educação que geralmente é orientado pelo conteúdo e pelo saber, com o intelecto como um fim em si mesmo. Assim, o ensino na igreja, muitas vezes se resume na transmissão de conhecimentos abstratos e conceituais sem imediata aplicação para a vida cotidiana.

A *Educação Cristã*, por ser cristã, não se preocupa apenas com o *saber*, mas também com o *ser*, o *sentir*, o *conviver*, o *fazer*, o *ter*. Se preocupa, enfim, com toda pessoa e com a pessoa toda. Na educação secular tradicional temos as técnicas para a transmissão do conhecimento, mas o que fazer para que o processo educacional objetive a construção de vidas abrangendo a transformação da personalidade? Como ir além do ensino formal e seus instrumentos - sala de aula, professor por uma hora, aluno passivo, armazenamento de informações, etc?

A preocupação da *Educação Cristã* há de ser diferente. Ao escolher doze pessoas para estarem com ele (Mc 3.14), Jesus deixou-nos o ponto de partida, pois enquanto a educação secular tradicional geralmente leva o aluno a **saber** o que o professor sabe, a *Educação Cristã* procura levar as pessoas a **serem** o que os seus professores são.

Nas muitas experiências da vida real no relacionamento *interpessoal* entre mestre e aluno, há um processo de aprendizagem mais profundo e compromissado que leva o aluno a ser como o supremo mestre - Cristo - é (Gl 4.19). Para que isto se materialize é preciso haver transmissão de vida entre mestre e aluno, onde é necessário que o mestre reparta o seu modo de viver, que deve ser semelhante ao de Cristo para que o aluno, tendo o mestre como modelo concreto alcance o concreto modelo de Cristo, em doutrina, atitudes, valores éticos, emoções, etc. Para isso é mister que haja um modelo, um exemplo (Jo 13.15), por isso é que Jesus pôde dizer aos seus alunos "sigam-me ..." (Mt 9.9). As atitudes, o conhecimento e os valores do mestre hão de se encarnar na personalidade de seu aluno. Temos aqui a **educação por modelos** onde ocorre como que uma espécie de **transusão vivencial** entre mestre e aluno.

Na *Educação Cristã*, então, a preocupação deve ser com informação de conteúdos, a formação do caráter e a transformação do que precisa ser redimido.

Essa é a grande ênfase na *Educação Cristã*. Portanto, nem sempre é possível utilizar os mesmos padrões e referenciais da educação secular e tradicional para avaliar o ensino na igreja. O processo educacional na *Educação Cristã* é mais custoso e demorado, pois o que está em jogo é mais do que um conjunto de informações, é a transformação de vidas. Sendo assim, não existem soluções mágicas e a curto prazo para os dilemas da educação nas igrejas. Não é difícil programar uma estrutura de ensino, a educação moderna tem muitos instrumentos para isso, o difícil é entender que a vontade das pessoas não é programável, uma vez que a *Educação Cristã* tem como sua grande preocupação a estruturação da vontade e do caráter da pessoa à semelhança de Cristo.

# MODELOS DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

*Laurenço Stelio Rega ©*

Muita gente pensa que o ensino envolve apenas o papel do professor ministrando a lição em sala de aula, uma lousa e o aluno. A verdade é que existe uma série de fatores que influenciam diretamente todo processo e prática educativa. Estes fatores determinarão a visão que devemos ter de Deus, do mundo, do homem, da sociedade, etc. Numa outra oportunidade procuro explicitar as principais alternativas filosóficas educacionais. Mesmo assim, posso indicar para você um texto resumido, mas que lhe ajudará muito:

MIZUKAMI, Nicoletti. Ensino : as abordagens do processo. São Paulo : EPU, 1986.

Minha preocupação hoje é demonstrar os diversos modelos que podemos adotar para elaborar um projeto educacional para a igreja. Em termos mais simples podemos dizer que existem sete modelos principais, mas vou lhe indicar um oitavo que tem sido a minha opção:

1. **Modelo humanista**. Neste caso a ênfase é na formação da pessoa, de seu caráter. A preocupação não será tanto com matérias teóricas ou doutrinárias. O currículo se concentrará em matérias como ética cristã, santificação, etc. É o modelo do **SER**.

2. **Modelo situacionista**. A preocupação neste modelo é o atendimento às necessidades e tendências atuais do mundo, do programa da igreja ou da denominação. Baseado nessas tendências, traça-se um perfil do aluno que se espera alcançar no cumprimento da carga curricular.

3. **Modelo pragmático**. A ênfase neste modelo é treinar os alunos na operacionalização de tarefas no cumprimento de um programa de atividades. Neste caso, mais do que **saber** um conteúdo, o aluno deve aprender a **fazer** coisas (pregar, visitar, aconselhar, discipular, etc). É o modelo do **FAZER**.

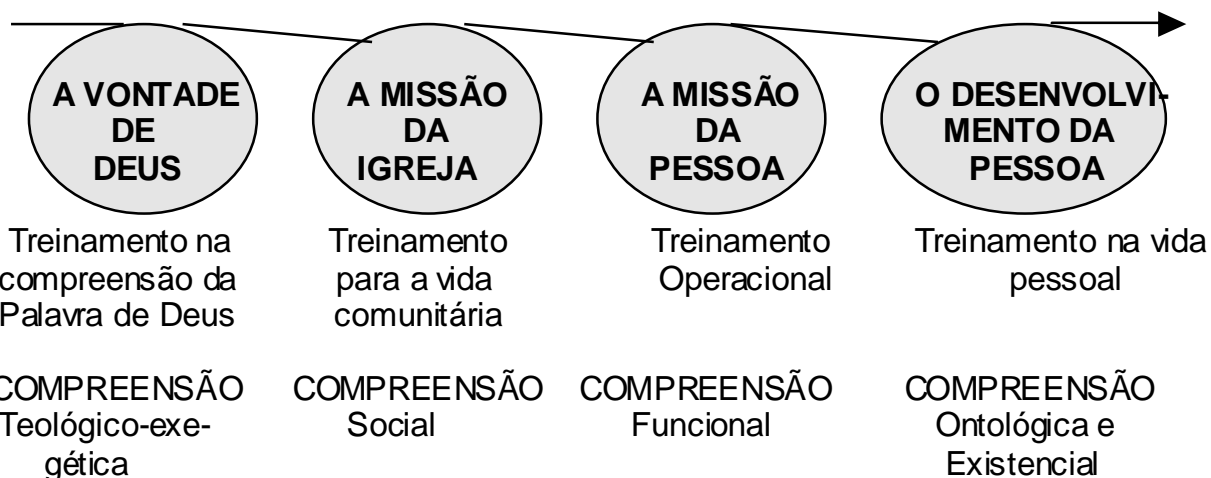
4. **Modelo academicista**. O importante neste modelo é a formação acadêmica do aluno. Há ênfase no conhecimento e espera-se que o professor ensine o aluno a pensar. O currículo se concentra em matérias teóricas e doutrinárias. É o modelo do **PENSAR**.

5. **Modelo especialista**. A preocupação aqui está em treinar o aluno num ministério específico, sem se deter em qualquer outro caráter da sua formação. É um modelo válido à medida que se almeja prover capacitação técnica aos alunos, à partir de uma formação genérica já existente.

6. **Modelo social-comunitário**. Aqui a preocupação não é tanto com o ensino, mas com o desenvolvimento da interação de cada aluno com o grupo a que pertence. As atividades educacionais valorizam sobremaneira a vivência em grupo. Em geral são utilizadas técnicas de dinâmica de grupo como recursos didáticos do professor. É o modelo do **CONVIVER**.

7. **Modelo afetivo**. O importante neste modelo é a formação afetivo/emocional do aluno. A preocupação é com os seus sentimentos e com a adaptação do contexto à realidade afetiva do aluno. É o modelo do **SENTIR**.

8. Como pudemos observar cada modelo converge para uma ênfase educacional. Tomado separadamente, cada modelo valoriza apenas um aspecto do indivíduo. A minha proposta é oferecer-lhe um **MODELO INTEGRAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ** A proposta é criar um envoltório em cada ênfase e interligá-las almejando a formação integral do aluno – **SABER / REFLETIR, CONVIVER, FAZER, SER e SENTIR**. O diagrama a seguir ilustra esse modelo:



**SABER/REFLETIR** ↔ **CONVIVER** ↔ **FAZER** ↔ **SER, SENTIR**

Ao adotarmos um modelo integral de educação cristã que, em vez de enfatizar apenas um aspecto do indivíduo, enfoca integralmente a formação de vidas maduras do ponto de vista intelectual, social, operacional ou pragmático, pessoal (ontológico) e afetivo, teremos de rever todo projeto educacional da igreja, seja o estabelecimento dos objetivos educacionais, seja o planejamento da grade curricular, do conteúdo programático, do conteúdo das aulas, enfim, a didática adotada pelo professor, a visão do aluno, etc.

Como se pode observar, para atingirmos profundos e permanentes objetivos com a educação religiosa na igreja, será preciso rever todo processo educacional que temos desenvolvido e estarmos dispostos a assumir o custo, seja financeiro, operacional, material, em mão de obra ou temporal. Qualquer falha na escolha do modelo a ser adotado representará graves distúrbios em todo processo do trabalho educacional.

Como você pôde ver, falei tanto em educação religiosa, quanto em educação cristã. Há muita confusão a respeito do assunto. Assim, para finalizar eu preciso lhe explicar a diferença que faço entre educação cristã, educação religiosa e educação teológica. Vamos ver o quadro a seguir.

<b>Educação</b>	<b>significado</b>	<b>aplicação</b>
<b>Educação Cristã</b>	a concepção filosófica, teológica, política, sociológica, psicológica da educação em geral. O que é a educação do ponto de vista cristão?	toda educação praticada na denominação: colégios batistas, programas (incluindo Instituições e Entidades) de educação religiosa e teológica, treinamento de líderes
<b>Educação Religiosa</b>	a educação aplicada à realidade da igreja local	Ministério de Educação Religiosa na igreja, EBD, EBF, Escola de Treinamento, Uniões (organizações), programa de treinamento de líderes
<b>Educação Teológica</b>	a educação aplicada na formação ministerial e na pesquisa teológica	seminários

# O MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA É MAIS DO QUE EBD

*Laurenço Stelio Rega ©*

Já ouvi muitos colegas pastores, líderes e membros da igreja em geral falando em educação religiosa na igreja somente se referindo à EBD, como se a educação numa igreja só envolvesse a Escola Bíblica Dominical. O ensino é contado pelo apóstolo Paulo como um dom de serviço, fazendo, então, parte do processo de vida e desenvolvimento da igreja local. A EBD é uma estrutura e estratégia até que recente na história da Igreja Cristã. Aliás, tenho ouvido gente que defende a sua extinção entendendo que é uma estrutura e estratégia obsoleta. Mas há também muita gente que entende ser ela a única expressão educacional da igreja.

A verdade é que o processo educacional se instrumentaliza através de diversas formas na igreja. Para começar, é preciso descobrir que a educação é uma ciência que se baseia em pressupostos especialmente filosóficos, políticos, psicológicos e sociológicos. Então, é preciso discutir, por exemplo, qual a centralidade de nossa educação – o aluno, o conteúdo, ou o professor? A nossa educação vai ser orientada por conteúdos ou objetivos educacionais? A educação visa apenas o mundo atual do aluno ou deve instrumentalizá-lo para o futuro? O que é educação? É transmissão de conhecimentos apenas? É construção de conhecimento? É um instrumento de dominação ou reprodutivismo? E a educação cristã é diferente da educação secular?

Estas e outras questões já demonstram que a abrangência da educação vai além das classes da EBD. A educação numa igreja, entre suas muitas tarefas, visa oferecer treinamento à liderança, à pregadores chamados “leigos”, a professores, a evangelistas, etc. A igreja deve ser um amplo centro contínuo de treinamento para que seus membros possam ser instrumentalizados no exercício de seus dons operacionais.

Se a EBD precisa de professores, é a área de educação que deve prover esse treinamento. Um grupo de jovens vai iniciar um trabalho num hospital, é a educação que vai prover o treinamento para esse trabalho. Um grupo de irmãos quer ampliar seu conhecimento sobre a Palavra de Deus, é a educação que também vai fornecer os meios para isso, estudar o currículo, preparar a forma do conteúdo, etc.

Educar não é somente INFORMAR, mas também FORMAR e TRANSFORMAR. Isto é, as pessoas precisam conhecer a Palavra de Deus, então é preciso informar. Mas as pessoas também precisam ter seu caráter formado à luz do cristianismo, então a educação precisa formar esse caráter. Além disso, as pessoas precisam ter seu caráter e ações modificados pelo Evangelho, aí a educação cumpre o seu papel de transformar o indivíduo.

Quando um crente somente vem e literalmente “assiste” o culto, cumprindo a sua obrigação religiosa, está deixando de receber os benefícios do estudo da Palavra de Deus. Enquanto na pregação o grande objetivo é convencer os ouvintes de que devem seguir a Deus ouvindo a sua Palavra, a educação um dos grandes objetivos é esclarecer aos ouvintes o que significa a Palavra de Deus. Um trabalho é corretivo, outro é instrutivo, é profilático. Os dois se completam. Um convence, outro explica. Um leva ao caminho de Deus, outro mostra como é o caminho de Deus.

Vamos transformar a nossa Bíblia em nosso livro, não apenas de cabeceira, mas também de constante estudo. Aproveite o serviço educacional que a igreja lhe oferece através da EBD, Escola de Treinamento, e outros grupos para se aprofundar mais na Palavra de Deus.

# OS BASTIDORES DE UM PROJETO EDUCACIONAL

Laurenço Stelio Rega ©

O ensino não envolve apenas o trabalho do professor em sala de aula, a disponibilidade de espaço físico, além disso, por trás de todo trabalho educacional há forças geratrizes e inibidoras que direcionam não somente esse trabalho mas também o produto final almejado. Em outras palavras, educação não se faz num laboratório esterilizado, existem pressupostos que norteiam todo processo educacional, mesmo fora da sala de aula. Diversas questões poderão ser mencionadas para referenciar o sistema educacional. Vamos mencionar três, a título de amostragem.

**1) O centro da educação.** Aqui queremos falar sobre qual o ponto de convergência do qual todas as práticas educacionais saem. Qual a nossa preocupação central quando vamos modelar o projeto educacional? O que deve ser o referencial que norteará o sistema educacional que vamos construir (Objetivos educacionais, currículo, espaço físico, estratégias didáticas, relacionamento professor/aluno, etc.). As tendências mais conhecidas são:

- a. Visão tradicional: ensino centrado no conteúdo/professor
- b. Visão skinneriana: ensino centrado no processo, no estímulo-reposta (E-R)
- c. Visão roggeriana: ensino centrado no aluno
- d. Visão freireana: ensino centrado na operacionalidade política do aluno
- e. Visão cristã: ensino centrado em Deus e sua vontade como currículo e conteúdo

da vida do professor e aluno; ênfase na autenticidade da vida do aluno e do professor; a vida do professor como modelo para a do aluno; ênfase no aluno como discípulo e no professor como mestre ou discipulador; ênfase na integração teoria/prática; ênfase na operacionalidade do aluno como instrumento do reino de Deus na sua vivência; etc. Neste sentido, há não apenas a informação, mas a formação e a transformação da pessoa:

IN  
FORMAÇÃO  
TRANS

**2) Teoria versus prática?** Outra discussão dentro dos pressupostos do trabalho educacional está na dicotomia entre o ensino teórico ou abstrato e o ensino calcado no treinamento prático ou operacional. Esta última ênfase tem como pressuposto que as pessoas devem ser preparadas para a vida prática, para serem úteis a sociedade, criando um sistema instrumental de educação em que enfatiza o cidadão útil e domesticado. Enquanto que a primeira ênfase defende que qualquer prática precisa de teoria. O sujeito é também um ser pensante. Por trás destas duas tensões dialéticas há a discussão em que se aborda a questão de desenvolvermos um sistema de ensino (reprodutivista, utilitário e instrumental – hoje conhecida como educação profissional), ou um sistema de pesquisa (desenvolvimento de descobertas, reflexão, etc.). A verdade é que em vez de pensarmos que essas duas ênfases estão numa posição dicotômica, poderíamos imaginá-las como necessárias para uma formação integrada da pessoa. Então, elas não estão em oposição, mas devem ser integradas, interligadas. Afinal, toda prática é produto de uma hipótese teórica. Pois, mesmo que não admitamos, somos influenciados por alguma ou algumas ideologias (de fundo abstrato) presentes na cultura em que vivemos.

Por outro lado, a teoria apenas nos levaria a uma contemplação monastical e inócua.

**3) Orientação da educação.** Este é outro item que precisa ser discutido no campo das pressuposições educacionais. Ele diz respeito à construção de todo processo educacional (currículo, plano de curso, plano de aula, conteúdo, carga horária, avaliação, etc.). Em termos gerais a educação pode ser orientada ou direcionada por, pelo menos duas alternativas, por objetivos educacionais ou por conteúdos.

a. *Por conteúdos:* seguir um currículo e conteúdo emprestado ou imposto de fora; é o sistema atual adotado na maioria das igrejas no Brasil.

b. *Por objetivos educacionais:* os objetivos indicam onde devemos chegar, que fins devemos atingir. Neste caso temos:

(a) Objetivos gerais da educação cristã: são os objetivos obtidos no levantamento bíblico sobre os fins da educação cristã.

- i. compreensão doutrinal das Escrituras;
- ii. compreensão literária das Escrituras;
- iii. compreensão ética geral das Escrituras;
- iv. compreensão da experiência cristã à luz das Escrituras;
- v. treinamento operacional do cristão no desempenho do seu ministério

(b) Objetivos contextuais da educação cristã: são os objetivos obtidos no levantamento do ambiente da sua aplicação. Cada igreja local está inserida num ambiente e vive uma realidade cultural específica.

i. análise dos fenômenos sociais, culturais, econômicos e religiosos do contexto à luz dos princípios bíblicos. Isso envolve o *Zeitgeist* (espírito de época) e a sua influência no cotidiano (ex.: pragmatismo, existencialismo como forças filosóficas de nossa era; globalização, etc);

ii. busca de respostas aos dilemas contextuais da comunidade;

iii. interpretação ética do contexto e estabelecimento da conduta ética específica para o contexto;

iv. treinamento específico do cristão no desempenho do ministério contextual;

(c) a busca dos objetivos contextuais da educação é obtida através do levantamento descritivo do público-alvo para se estabelecer o seu perfil. A nossa pergunta será: quem é o membro da nossa igreja? quais as suas características? quais são os seus dilemas? quais são os seus objetivos pessoais? Esses objetivos contextuais devem ser interpretados à luz dos gerais e servem para referenciar o processo educacional ao contexto. Enfim, associando-se esses dois objetivos, se obtém uma educação contextualizada que influenciará na estruturação de todo sistema educacional - currículo, conteúdo, didática, avaliação, etc.

(d) depois de feito o levantamento dos objetivos educacionais (gerais e contextuais) prepara-se uma taxionomia de objetivos educacionais que norteará o planejamento da grade curricular e do conteúdo, bem como da integração deste conteúdo entre as diversas classes e diversos setores educacionais da igreja.

Como vimos, não se pode fazer educação, meramente, criando mais classes, arranjando temas diversos, novos livros para serem estudados, ou mesmo reescrevendo toda literatura que será utilizada na estrutura educacional da igreja, mudando o horário da EBD, fazendo uma campanha de frequência, concurso bíblico, etc. Será preciso estabelecer qual a ideologia que funcionará como pressuposto para direcionar todo o projeto educacional. Essa ideologia norteará o caminho que deveremos seguir, a elaboração da missão e da política de qualidade da área de educação da igreja, além de seus objetivos básicos a serem conquistados. Após isso será possível traçar um plano de metas e um cronograma a serem cumpridos.

# OBJETIVOS EDUCACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

*Lourenço Stelio Rega ©*

## A ORIENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO

De forma empírica é possível construir um processo educacional que seja orientado por conteúdos fornecidos por empréstimo de alguma organização ou editora, preparados fora do ambiente em que vai ser ministrado. Numa abordagem assim, não apenas a seqüência, mas também o entrelaçamento de disciplinas e o seu conteúdo desconsideram o contexto de sua aplicação. Assim, as necessidades, os dilemas, as características peculiares do âmbito de aplicação do conteúdo educacional deixam de ser contemplados. Essa abordagem também não contempla a sintonia e a integração de todo conjunto do programa educacional de uma igreja. Desta forma, as diversas faixas etárias seguem, em geral, sua própria grade curricular, assim também as diversas organizações educacionais existentes na estrutura eclesiástica, o programa do culto e a educação religiosa doméstica quando existir. A consequência disso é que ocorrerá, pelo menos, redundância e falta de coesão de conteúdo. Isto é, um determinado assunto poderá ser tratado independentemente em cada organização educacional dentro de uma mesma igreja, ou, por outro lado, esse determinado assunto poderá ser tratado nessas diversas organizações sem coesão e de forma incoerente, promovendo confusão entre os alunos.

Uma outra abordagem educacional é aquela que pode ser orientada por objetivos educacionais, isto é, toda estrutura educacional é desenhada à luz dos objetivos educacionais a serem alcançados. Em outras palavras, antes de se elaborar qualquer grade curricular, conteúdo, estrutura de ensino, processo de avaliação, e demais procedimentos correlatos ao processo educacional, busca-se traçar os objetivos educacionais que nortearão e governarão todos esses detalhes de modo a se esperar que tudo venha a convergir para o alcance desses objetivos. Neste caso temos dois tipos de objetivos - gerais e específicos ou contextuais. Os OBJETIVOS GERAIS abrangem os aspectos gerais para a formação da pessoa no processo educacional, tais como, depois de concluído determinada etapa do processo, o que esperamos que o educando possa ter conquistado em termos de SER, TER, FAZER, CONVIVER, SENTIR e SABER, dependendo do tipo de conteúdo e de outros fatores.

Os OBJETIVOS ESPECÍFICOS ou CONTEXTUAIS contemplam as necessidades específicas do educando, tendo em vista o âmbito em que vivem e atuam, as suas características e necessidades considerando-se os detalhes de seu perfil específico. Esse tipo de objetivo educacional contextualiza a educação, uma vez que o âmbito de atuação do educando e seu perfil são considerados. Assim, no desenho da grade curricular, bem como no desenvolvimento do conteúdo e na busca das estratégias didáticas, busca-se a compatibilização e sintonia com o contexto em que ocorrerá o processo educacional.

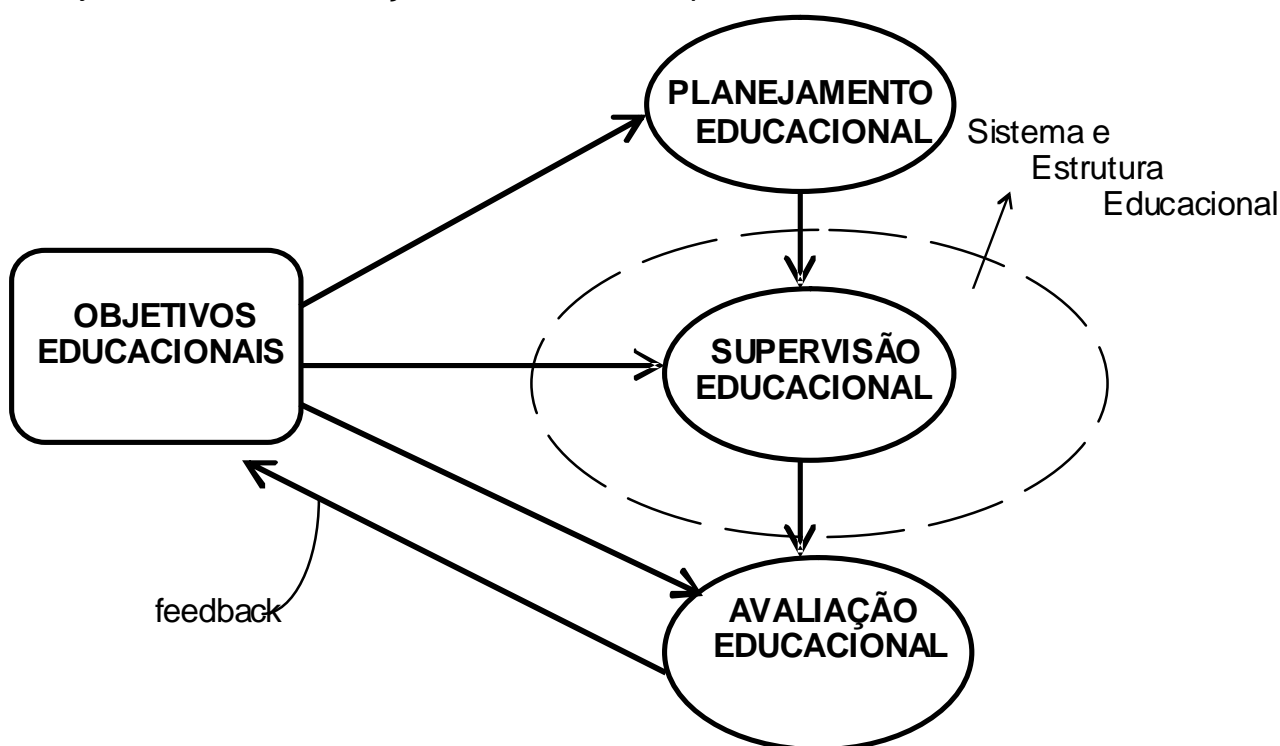
No caso da educação religiosa cristã, os objetivos gerais correspondem às aspirações que a Bíblia expressa a respeito da formação da pessoa que se converte ao Evangelho - qual o perfil que Deus espera de uma pessoa cristã? - além de outros aspectos gerais que incluem o preparo da pessoa para agir como cristã na sociedade ou comunidade em que vive. Os objetivos específicos detalham a contextualização do próprio processo educacional. Assim, estudando a Bíblia descobrimos que Deus deseja que todo cristão seja mordomo de sua vida. Esse é um objetivo geral bíblico. Ao estudar o perfil do educando descobriremos como desenvolver o conteúdo e a buscar a estratégia didática sintonizada com esse perfil. Se por exemplo, o perfil do educando revela que ele



é de baixa renda e de poucos recursos culturais e intelectuais, então o tema mordomia deve ser tratado considerando este perfil, o que resulta em que o educando será incentivado à se utilizar da poupança, a desenvolver uma profissão que lhe consiga melhores recursos, e pouco adiantaria insistir no ensino em que ele contribua financeiramente mais com o trabalho eclesialístico. Se, por outro lado, o perfil do educando revela que ele tem um maior poder aquisitivo, o conteúdo do ensino deverá envolver muito mais a sua sensibilização para participar de obras assistenciais, e incentivá-lo a participar de modo mais amplo da obra missionária, por exemplo.

## TRABALHANDO COM OBJETIVOS

Como vimos, os fins ou objetivos educacionais ao orientarmos a educação por objetivos estaremos, não apenas contextualizando-a, mas germinando uma série de mecanismos que viabilizarão com mais facilidade a coesão e não-redundância de conteúdos e práticas educacionais. Ao planejarmos a educação e construirmos toda a sua estrutura, conseguiremos determinar com mais precisão cada etapa do processo educacional, que agora deverá estar sintonizada e sincronizada com os objetivos almejados; na mesma direção, realizar a sua supervisão e avaliar os seus resultados.



ANDRADE (1979, p. 91) nos adverte que a inexistência de objetivos promoveria a *instalação da instabilidade, da inconsistência, do desnorreamento, da improvisação, enfim, da inexistência de administração* educacional. Desde o estudo das mais complexas variáveis do planejamento educacional, até o trabalho do professor em sala de aula, tudo deve girar em torno dos objetivos educacionais estabelecidos. Assim, a seleção dos conteúdos, dos procedimentos e recursos didáticos serão governados, ou como estamos dizendo, orientados pelos objetivos. Até a própria avaliação do ensino dependerá das constantes e variáveis estabelecidas nos objetivos, pois como saberemos se os alunos foram instruídos e formados, se não soubermos o que se pretendia obter? Somente assim é que o professor saberá se conquistou o êxito de seu trabalho ou não.

O estabelecimento dos objetivos educacionais é um procedimento *a priori* que antevê e projeta os resultados esperados na vida dos alunos que participarem do

processo educativo. Assim, os objetivos educacionais:<sup>18</sup>

- ✘ deixam claro o desempenho planejado para que o aluno conquiste;
- ✘ guiam a seleção e a organização curricular e dos conteúdos;
- ✘ orientam a seleção e a organização dos procedimentos necessários em todo processo educacional;
- ✘ orienta na seleção e busca dos recursos (humanos, didáticos, financeiros, materiais, físicos, etc) necessários;
- ✘ capacitam o professor a planejar as etapas que serão necessárias em todo processo pelo qual o aluno deverá passar para conquistar o desempenho almejado;
- ✘ permite maior precisão na avaliação dos resultados;
- ✘ orienta claramente ao aluno sobre o que se espera dele;
- ✘ possibilita que a grade curricular e os conteúdos sejam coerentes, simétricos, não redundantes;
- ✘ possibilita um enfoque comum aos professores.

Depois de estabelecidos os objetivos educacionais almejados, é que se poderá cuidar de todo o conjunto que envolve a educação, tais como a estrutura dos cursos (horas/aula, normas e políticas educacionais, regimentos, etc), grade curricular, conteúdos, recursos e estratégias didáticas mais comuns, sistema de avaliação docente e discente, formação e capacitação do docente (tanto em termos pedagógico-didático, como em termos dos conteúdos), ambiente físico e equipamentos, etc. Mais adiante, apresentaremos um desenho que ilustra bem esse processo.

Os procedimentos educacionais também precisam ser previstos e estabelecidos. TURRA (p. 66) define procedimentos como *meios para que o aluno atinja os objetivos*. Os procedimentos ocorrerão especialmente em sala de aula. Especialmente, mas não unicamente, pois na educação cristã o que se visa não é apenas a formação intelectual do aluno, mas a sua transformação à semelhança de nosso Senhor Jesus. Por isso, será preciso que os procedimentos educacionais sejam estendidos também para fora da sala de aula, desenvolvendo-se um espírito comunitário e solidário entre todos os alunos parceiros e mestres. Os procedimentos deverão ser elaborados levando-se em consideração princípios pedagógicos (como o aluno aprende), da psicologia educacional, da psicologia do desenvolvimento, da ciência da comunicação, e de toda a ciência ou ramo do conhecimento humano que viabilize a obtenção dos resultados acadêmicos compatíveis com os objetivos esperados.

A transformação dos objetivos em realidades concretas no trabalho de parceria educacional entre alunos e mestres deverá levar em conta as seguintes variáveis, entre outras (TURRA, p. 68, 69):

- ✘ **MATURIDADE:** trata-se de detectar as capacidades e necessidades relacionadas com o que o aluno pode aprender;
- ✘ **APRENDIZAGEM ATUAL DOS ALUNOS:** é preciso comprovar o nível do aluno em relação aos objetivos que o professor pretende alcançar;
- ✘ **MOTIVAÇÃO:** provavelmente a motivação seja o mais complexo fenômeno da aprendizagem;
- ✘ **TEMPO DISPONÍVEL:** tanto do aluno, como do sistema educacional, em relação à quantidade de objetivos
- ✘ **RECURSOS DISPONÍVEIS**
  - ü professores capacitados (em termos pedagógicos/didáticos, de conteúdos);

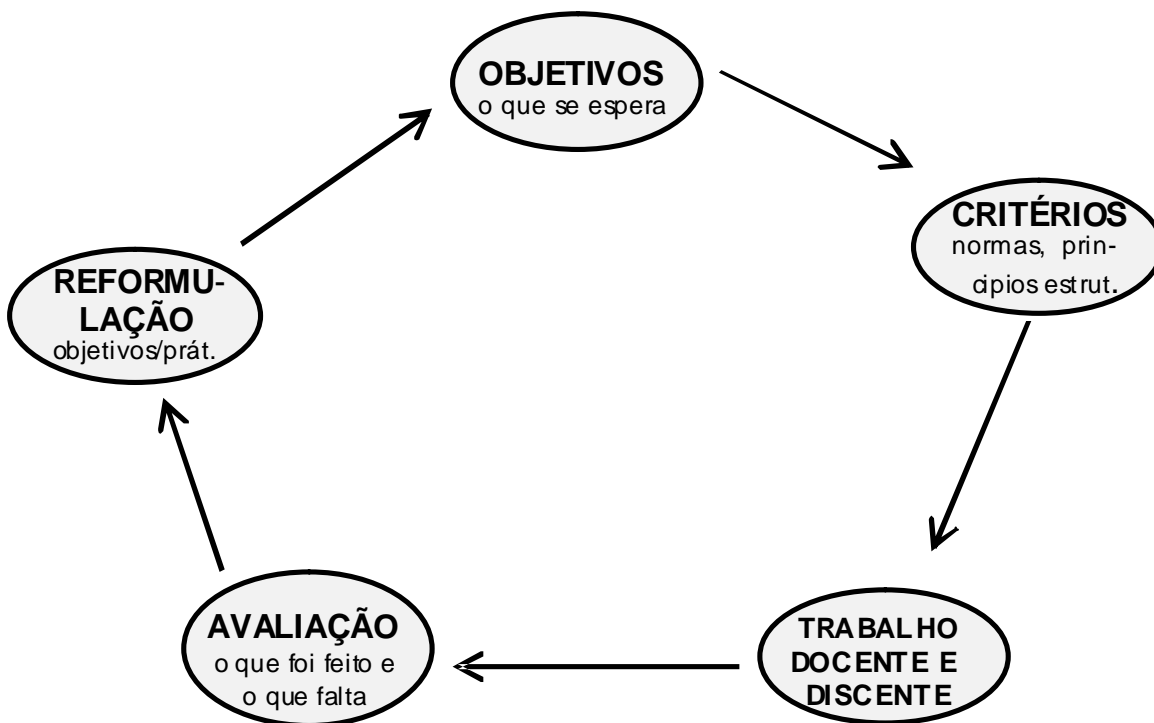
---

<sup>18</sup> veja maior desenvolvimento desta parte em TURRA, pgs. 63 ss.

- meios concretos à disposição do professor para a ministração de suas aulas;
- espaço e ambiente físico.

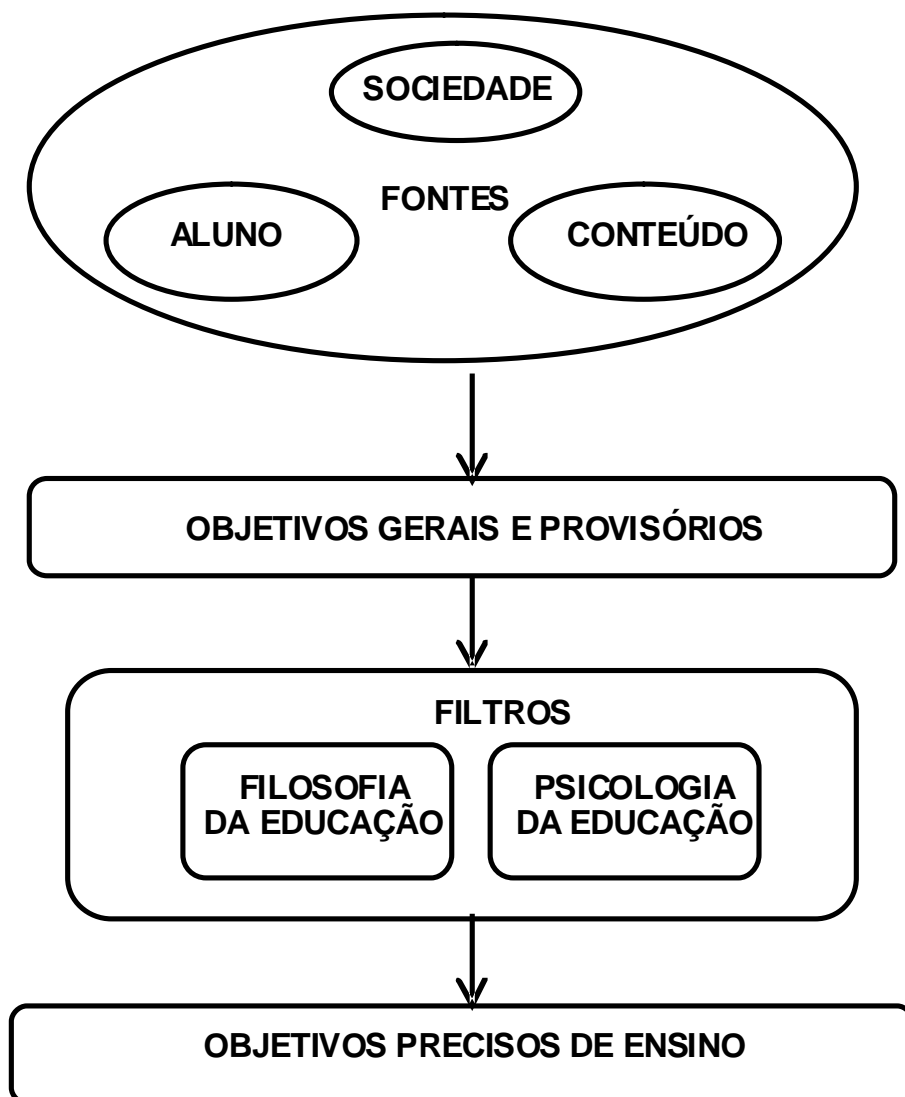
Uma vez estabelecidos os objetivos, criada a estrutura educacional necessária, a grade curricular, elaborados os conteúdos, enfim, iniciado o processo educacional na interação aluno/mestres/conteúdos, gera-se a necessidade de se estabelecer um processo de avaliação, seja do docente, seja do discente. Sem dúvida, há toda uma fundamentação filosófico-pedagógica que norteia esse processo de avaliação. Lamentavelmente, no sistema educacional aplicado às igrejas, esse processo de avaliação do ensino-aprendizagem praticamente inexistente. O professor vai à sala, ministra a sua aula, quando utiliza um recurso didático, em geral, é o quadro de giz, o aluno ouve passivamente, alguém dá o sinal e a aula termina. No próximo domingo é a mesma coisa, no próximo mês também, no próximo trimestre, quando a revista não chega atrasada da editora, também, e assim por diante. Sem esse processo de avaliação não será possível aferir se os objetivos educacional almejados estão sendo conquistados, não será possível saber se o aluno está sendo formado e conquistando também esses objetivos, bem como não será possível saber se o trabalho do professor está sendo adequado, enfim, sem a avaliação é como navegar um avião sem uma carta de navegação, e sem considerar o rumo que se está tomando. É dar aula por dar. É ter uma EBD apenas para se dizer que tem. É ter um programa educacional doméstico, só por ter.

Iniciado o processo de avaliação, cria-se um outro processo chamado *feedback*, ou realimentação, que nos fornece dados importantes para a reformulação de objetivos e práticas de ensino. Criando-se assim o que ESTEVES (p. 21) chama de IDÉIA DE CIRCULARIDADE. Essa reformulação de objetivos e práticas de ensino contempla a Política da Qualidade que todas as igrejas devem estabelecer e, assim, tudo passa por uma dinâmica que sempre premia a qualidade, afinal a obra de Deus merece isso. Assim, temos,



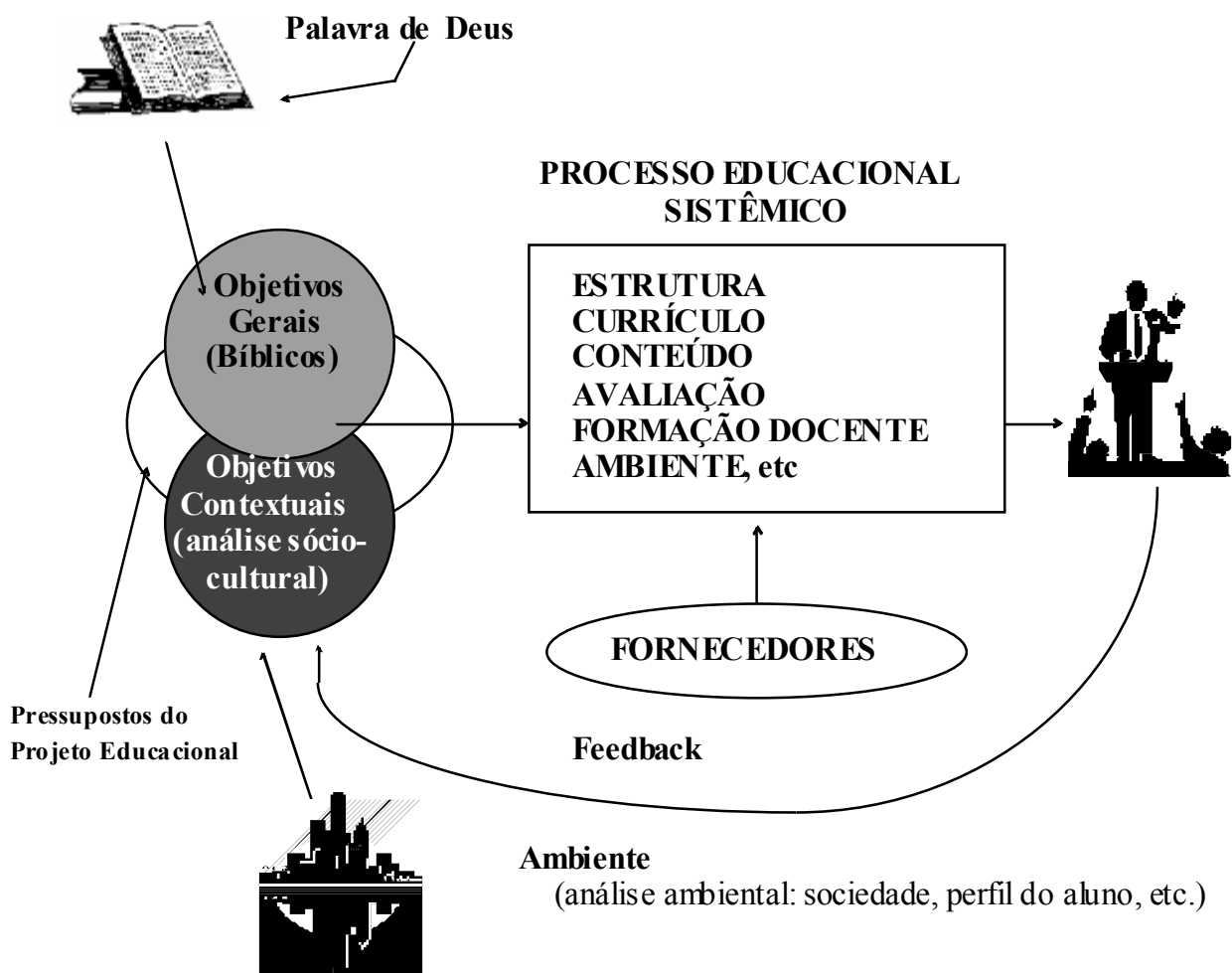
## AS FONTES DOS OBJETIVOS EDUCACIONAIS

Na educação não-religiosa, em geral três são as fontes dos objetivos educacionais: (1) o **aluno**, considerado em suas necessidades e interesses e *como todo ensino deve ser um processo intencional, é preciso conhecer as características de quem aprende para conseguir o seu envolvimento* (TURRA et alli, 1995, p. 59); (2) a **sociedade**, pois *as complexidades da vida atual refletem o processo de mutação que a sociedade apresenta. A educação é profundamente afetada pelas características desta sociedade e deve determinar fins e objetivos que visem tipos de aptidões que a pessoa precisa desenvolver para melhor realizar-se (id, ib.); e, (3) conteúdo, que informará como irá contribuir à consecução da educação. Consultando-se estas três fontes obteremos os **objetivos educacionais provisórios**, que depois serão filtrados por uma Filosofia e Psicologia da Educação, para que se estabeleçam os **objetivos precisos** do ensino, uma vez que essas duas ciências possuem dados sobre a aprendizagem e estabelecem a cosmovisão necessária aos educadores norteando-os com pressupostos seguros e coerentes. Esse modelo de RALPH TYLER pode ser ilustrado assim (*id.*, p. 60):*



Como em nosso modelo educacional partimos do conceito de que Deus é a fonte da verdade e que, pela sua palavra, ele deseja restaurar e formar a pessoa humana capacitando-a para toda boa obra (2 Tm 3.16,17), então a fonte primeira da educação cristã passa a ser ele mesmo e sua Palavra. Sem dúvida, isso passa a ser considerado a

partir do pressuposto que a educação cristã estará preocupada na formação da pessoa humana em sua inteireza, isto é, a educação cristã está preocupada com a pessoa toda (SER, FAZER, SABER / REFLETIR, SENTIR, CONVIVER, TER). Assim, numa ilustração simplificada temos.



## OS DOMÍNIOS DOS OBJETIVOS EDUCACIONAIS

No item anterior classificamos os objetivos educacionais quanto à sua fonte, agora devemos entendê-los quanto aos seus domínios, isto é, quanto ao seu âmbito de abrangência, campo de ação ou categorias. Benjamin S. Bloom e sua equipe de pesquisadores<sup>19</sup> entendem que os objetivos educacionais abrangem três domínios - cognitivo, afetivo e psicomotor - a partir dos quais é possível construir uma taxionomia (do grego **τέξις**, ordem e **νόμος**, norma, lei) de objetivos educacionais, isto é, uma classificação científica dos objetivos do sistema educacional a partir da qual será possível planejar os diversos processos e fases do próprio sistema educacional.

Segundo Bloom (1972, vol I, pg. 4ss), a taxionomia educacional é uma classificação dos comportamentos dos alunos, que representam os resultados desejados do processo educativo. Para ele a taxionomia é *um sistema de classificação de objetivos, de vez que estes constituem a base do planejamento do currículo e da avaliação e representam o ponto de partida de muitas pesquisas educacionais*. Na perspectiva educacional orientada por objetivos, um currículo somente poderá ser organizado, assim

<sup>19</sup> BLOOM, Benjamin S. et alli. Taxionomia de objetivos educacionais. Porto Alegre : Globo, 1973. Vol. 1: domínio cognitivo; vol. 2: domínio afetivo.

como, o processo de avaliação, após a construção de uma taxionomia dos objetivos educacionais almejados.

Na construção de uma taxionomia da educação cristã, será preciso levar em consideração a natureza própria da educação cristã - transformação da pessoa a partir de sua natureza espiritual - poderemos incluir mais um domínio, o **ontológico**.

1. **Domínio Cognitivo**: abrange conhecimentos, conceitos, idéias, princípios e habilidades mentais e intelectuais;

2. **Domínio Afetivo**: abrange objetivos associados a atitudes, valores e apreciações e ajustamentos adequados;

3. **Domínio Psicomotor**: abrange objetivos associados a habilidades motoras;

4. **Domínio Ontológico**: abrange as alterações internas do caráter, das motivações, da cosmovisão; abrange também a formação espiritual da pessoa.

Relacionando cada domínio com as nossas diversas preocupações relacionadas às diversas dimensões da vida humana, teremos o seguinte:

DOMÍNIO	DIMENSÃO DA VIDA
Cognitivo	SABER / REFLETIR
Afetivo	SENTIR, CONVIVER
Psicomotor	FAZER
Ontológico	SER, TER

A observação de todos esses domínios no levantamento dos objetivos educacionais gerais encontrados nas Escrituras é compatível com ela mesma, pois que afirma que *Toda Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, repreender, corrigir, instruir na justiça, para que o homem de Deus seja perfeito (”rtioj, perfeito, capacitado, cabal) e perfeita habilitado para toda boa obra* (2 Tm 3.16,17). Ser perfeito significa ter uma formação ampla e não apenas no aspecto cognitivo, intelectual, por exemplo. Deus quer a transformação de toda pessoa e da pessoa toda. Uma transformação integral, envolvendo, portanto, todos os domínios.

## OBJETIVOS EDUCACIONAIS GERAIS/BÍBLICOS (resumo)

A tarefa do ensino, embora nem sempre relevada nas igrejas evangélicas em geral, está prevista no Novo Testamento como imperativa e pertencente ao "projeto divino" para as igrejas. Em outras palavras, o ministério do ensino não é uma opção, mas uma determinação neotestamentária que deve integrar a vivência eclesial. Infelizmente, certas áreas de atuação eclesial têm sido historicamente enfatizadas (trabalho missionário e evangelístico, pregação, música sacra) como prioritárias em detrimento de outras como a do ensino, a do aconselhamento, etc. Assim, vejamos como o ministério do ensino é apresentado no Novo Testamento:

- Jesus ensinava - At 1.1.
- O ensino faz parte da Grande Comissão determinada por Jesus - Mt 28.19,20.
- As Escrituras foram escritas para o nosso ensino - Rm 15.4; 2 Tm 3.16,17.
- A igreja primitiva incluiu o ensino em suas atividades normais - At 2.42  
(*proskarte roàvte j*, de *aproskarteršw*, *dedicar-se em, perseverar em,*

*acompanhar continuamente*); 4.18; 5.21,28,42; 11.26; 15.1,35; 18.11; 20.20; 28.31.

- e. O ensino é um dom - Rm 12.6. Quem tem o dom de pastor deve também ser mestre - Ef 4.11 (**toÝj d□ poimšnaj kaˆ didaskflouj**, observe que o artigo **toÝj** aparece apenas diante do substantivo **poimšnaj** (pastores), indicando que esse substantivo e o substantivo **didaskflouj** (mestre) se referem a dois aspectos ou facetas de um só dom (Regra Gramatical de Granville Sharp). 1 Tm 4.13

Em Romanos 12.1-8 temos um resumo de todo o desígnio divino para a educação cristã. Esse texto é o supra-sumo de toda experiência cristã. Entre os capítulos 1 a 11, temos uma descrição da doutrina cristã essencial. Paulo inicia o capítulo 12 com uma preposição conclusiva (**oân**), dando a idéia de que, uma vez que o ensino doutrinário teórico estava colocado era, agora, oportunidade de aplicá-lo na concreteza da vida quotidiana. A tradução poderia ser assim, *Em vista disso, rogo-vos, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo ...* (12.1). Em outras palavras, temos neste trecho os objetivos essenciais a serem almejados pela educação cristã na elaboração de todo processo educacional, seja eclesial, seja doméstico. O texto mostra o que a formação cristã deve visar. Se não vejamos:

- a. **Vida pessoal consagrada** (12.1): entregar o corpo em sacrifício vivo, significa desenvolver uma vida piedosa de inteira e incondicional submissão a Deus. O sacrifício, por sua natureza própria, indica morte, mas o texto informa que o sacrifício é vivo. Então o crente deve submeter a sua vida a Deus, considerando-a como morta, mas deve reconhecer que está vivo para servi-lo em toda esfera ou âmbito de sua vida. Seus membros devem ser entregues como instrumento da justiça, da retidão de Deus (Rm 6.13,19). Esse tipo de vida é o verdadeiro culto a Deus. Um culto racional, isto é, um culto feito com autoconsciência. O culto público deverá ser resultado do culto individual oferecido através de uma vida consagrada no altar da submissão incondicional a Deus, independente dos méritos pessoais (afinal, Paulo estava rogando, baseado nas misericórdias de Deus e não nos méritos pessoais).
- b. **Mudança dos valores éticos** (12.2): o cristão não deve formar os seus valores à luz dos valores deste mundo (**a,,èn, era, ordem do mundo, época**). A sua vida não deve também, ser apenas piedosa. É preciso transformar (**metamorfoàsqe, de metamorfòmoumai, transformar-se**, daqui vem o nosso substantivo *metamorfose*) o seu modo de pensar, a sua mente (**noàj, mente, propósito, intenção, entendimento, discernimento**). A vontade de Deus somente estará à disposição de quem tiver uma mente transformada. Essa transformação é promovida pela interação da Palavra de Deus na estrutura mental e emocional da pessoa, somente assim será possível que o crente seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2 Tm 3.16,17). A vida do crente há de ser diferente da que normalmente se vive neste mundo.
- c. **Auto-imagem e relacionamentos equilibrados** (12.3): o cristão deve ter, não apenas um equilíbrio espiritual na piedade, equilíbrio na mente e ética, mas também em sua auto-imagem. Ele deve ser uma pessoa emocional equilibrado e ter uma auto-imagem adequada, nem além, nem aquém do que convém. Há de ser uma pessoa tratável, amável e de boa fama (1 Co 13; Fp 4.8). O cristão é uma pessoa, não apenas forte na espiritualidade, mas também na afetividade, nos relacionamentos.
- d. **Interdependência comunitária** (12.4,5): a igreja é comparada

metaforicamente a um corpo, cujas partes, embora tenham funções diferentes, são interdependentes - *somos um só corpo e membros uns dos outros*. Em 1 Co 12.26, Paulo nos ensina que *se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos regozijam*. Os versículos 14 a 27 desse texto aos coríntios ilustra a necessidade da interdependência na vida comunitária eclesiástica.

- e. **Ministério dedicado e aperfeiçoado** (12.6-8): esse trecho demonstra que os crentes são possuidores de diversos dons que devem ser exercidos com dedicação, esmero e aperfeiçoamento. Comparando-se com Ef 4.7-16 e 1 Co 12, temos a compreensão de que a estratégia de funcionamento da igreja é o exercício dos diversos dons para o crescimento equilibrado do corpo. Infelizmente, nas igrejas de hoje, alguns dons são mais enfatizados do que outros.

OBJETIVO/ENFOQUE	DOMÍNIO
Vida pessoal consagrada	SER, TER
Novos valores éticos	SABER / REFLETIR, FAZER
Auto-imagem e relacionamentos equilibrados	SENTIR, CONVIVER
Interdependência comunitária	CONVIVER
Ministério dedicado e aperfeiçoado	FAZER

O estudo da Bíblia na busca do preenchimento desses objetivos educacionais essenciais ou básicos torna-se fundamental, uma vez que ela é o nosso livro texto. Um acurado estudo das virtudes cristãs (ex.: bem-aventuranças, Mt 5.1-12; fruto do espírito, Gl 5.22,23; matéria prima do pensamento, Fp 4.8; etc) indicará o perfil que devemos aspirar formar em nossos alunos - humildes de espírito, sensíveis (os que choram), mansos, têm fome e sede de justiça (retidão), misericordioso, limpos de coração, pacificadores, corajosos a ponto de serem perseguidos por causa da justiça, amorosos, alegres, benignos, bondosos, fiéis, auto-controlados, amantes da verdade, respeitáveis, justos, possuidores de boa fama, virtuosos, louvadores, etc. Enfim, a educação cristã deverá, não apenas dar **IN**formação ao aluno sobre a Bíblia, mas oferecer **FOR**mação de seu caráter e de sua vida operacional eclesiástica, bem como promover uma **TRANS**formação do que precisa ser redimido pelo evangelho em sua vida total.

# IN FORMAÇÃO TRANS

A Convenção Batista Brasileira, através do seu Conselho de Educação Religiosa estabeleceu os seguintes objetivos da educação religiosa cristã quanto ao indivíduo (O Jornal Batista, 20Out1980), nos seguintes termos:

- a. Levar cada pessoa a uma experiência de conversão cristã, recebendo o perdão de Deus e tendo fé em Jesus Cristo como seu Salvador, Senhor e Mestre (Mt 18.3; At 3.19; Tg 5.19,20). Observação: esse objetivo parece aplicar-se mais ao trabalho evangelístico e missionário. A educação cristã irá fortalecer a decisão



que a pessoa tomou em relação à sua salvação.

b. Ajudar cada pessoa a se tornar um membro inteligente, consciente, consagrado e participante de uma igreja com características neotestamentárias (At 2.41,42; 6.7; Hb 10.25).

c. Auxiliar cada pessoa a ter conhecimento e compreensão consciente da Bíblia, a Palavra de Deus, a fim de que esses sirvam de base para conceitos, convicções, atitudes e conduta na vida (Sl 119.11,30; Jo 5.39; Cl 3.16; 1 Pe 2.2).

d. Guiar cada pessoa a fazer do culto a Deus a parte vital e constante de sua experiência cristã (1 Cr 16.29; Sl 1.2; Sl 95.6; Mt 6.6; Jo 4.24).

e. Orientar cada pessoa no contínuo crescimento em direção à maturidade cristã, aplicando princípios cristãos à sua própria vida (Ef 4.15; 1 Tm 4.7; 2 Pe 1.5,6).

f. Incentivar cada pessoa a empregar seus talentos e habilidades no serviço, bem como descobrir e exercer os dons que Deus distribui aos seus fiéis (Sl 2.11; Mt 5.16; Ef 6.17; 1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6)

Em resumo podemos dizer que os objetivos da educação cristã, classificados nos quatro domínios podem ser os seguintes:

<b>DOMÍNIOS</b>	<b>OBJETIVOS</b>
<b>ONTOLÓGICO</b> (ser, ter)	<ul style="list-style-type: none"><li>- desenvolver as virtudes cristãs</li><li>- desenvolver uma vida piedosa e devocional</li><li>- aprender a adorar a Deus</li><li>- vivenciar os princípios da mordomia cristã</li><li>- avaliar sua vivência cristã integral</li></ul>
<b>COGNITIVO</b> (saber)	<ul style="list-style-type: none"><li>- conhecer a Bíblia como literatura</li><li>- conhecer a história, geografia e cronologia da Bíblia</li><li>- conhecer as doutrinas bíblicas</li><li>- conhecer os princípios éticos bíblicos</li><li>- saber interpretar a Bíblia</li><li>- conhecer a história da igreja, inclusive de missões</li><li>- conhecer os dilemas do mundo moderno à luz da Bíblia</li><li>- conhecer os princípios bíblicos que regulam as práticas religiosas na igreja</li><li>- conhecer as doutrinas e práticas das seitas</li></ul>
<b>AFETIVO</b> (sentir, conviver)	<ul style="list-style-type: none"><li>- ser sensível às carências do próximo e valorizá-lo</li><li>- desenvolver a interdependência na comunidade/igreja</li><li>- desenvolver uma auto-imagem equilibrada</li><li>- ser hospitaleiro</li></ul>
<b>PSICOMOTOR<sup>20</sup></b> (fazer)	<ul style="list-style-type: none"><li>- descobrir os dons e habilidades</li><li>- ter habilidade no serviço cristão</li><li>- ter habilidade na tomada de decisões éticas do cotidiano</li><li>- testemunhar de Cristo aos não cristãos</li></ul>

<sup>20</sup> O domínio psicomotor na educação não religiosa se refere ao domínio das habilidades manipulativas ou motoras. No enfoque da educação religiosa cristã, incluímos todos os objetivos que estão relacionados com a ação cristã, inclusive com a tomada de decisões éticas, visto que envolvem o fazer concreto da vida cristã.

## Bibliografia básica

- ANDRADE, Narcisa Veloso de. Administração em Educação. Rio de Janeiro & São Paulo : LTC, 1979.
- ARMSTRONG, Hayward. Bases da Educação Cristã. Rio de Janeiro : JUERP, 1992.
- BÁEZ-CAMARGO, Gonzalo. Princípios e método da Educação Cristã. Rio de Janeiro : Confederação Evangélica do Brasil, 1961.
- BAKER, Eva L. & POPHAM, W. James. Como ampliar as dimensões dos objetivos de ensino. Porto Alegre : Globo, 1976.
- BLOOM, Benjamin S. et alli. Taxionomia de objetivos educacionais - domínio cognitivo. Porto Alegre : Globo, 1973.
- BLOOM, Benjamin S. et alli. Taxionomia de objetivos educacionais - domínio afetivo. Porto Alegre : Globo, 1973.
- BRIGGS, Leslie J. Manual de planejamento de ensino. São Paulo : Cultrix, 1976.
- DRUMMOND, N. R. The educacional function of the church. Nashville : Sunday School Board, (1924).
- EAVEY, C. B. Princípios de ensino para o professor cristão. São Luiz : Livraria Editora Evangélica, 1960.
- ESTEVES, O. P. Objetivos educacionais. São Paulo : AGIR, (1977).
- FORD, LeRoy. Planejamento do ensino e treinamento - um guia prático para o planejamento didático. Rio de Janeiro : JUERP, 1991.
- HARROW, Anita J. Taxionomia do domínio psicomotor. Rio de Janeiro : Globo, 1983.
- HUERTA, José. A classificação dos objetivos educacionais. São Paulo : EPU, 1979.
- HURST, D. V. E ele concedeu uns para mestres. Miami : Vida, (1979).
- MARTINEZ, Maria Josefina & LAHORE, Carlos E. Oliveira. Planejamento escolar. São Paulo : Saraiva, 1977.
- MASETO, Marcos Tarciso & ABREU, Maria Celia de. O professor universitário em aula. São Paulo : MG, 1987.
- MCCLANAHAN, Elaine & WICKS, Carolyn. A força do futuro - manual do professor, GQT na sala de aula. Rio de Janeiro : Qualitymark, 1996.
- POPHAM, W. James & BAKER, Eva L. Como estabelecer metas de ensino. Porto Alegre : Globo, 1978.
- POPHAM, W. James & BAKER, Eva L. Como planejar a seqüência de ensino. Porto Alegre : Globo, 1976.
- POPHAM, W. James & BAKER, Eva L. Sistematização do ensino. Porto Alegre : Globo, 1978.
- PRICE, J. M. A pedagogia de Jesus - o mestre por excelência. Rio de Janeiro : JUERP, 1975.
- RICHARDS, Lawrence O. Teologia da Educação Cristã. São Paulo : Vida Nova, 1980.

- RODRIGUES JÚNIOR, José Florêncio. A taxionomia de objetivos educacionais - um manual para o usuário. Brasília : UnB, (1994).
- ROOD, Wayne R. El arte de enseñar el cristianismo. Buenos Aires : La Aurora, (1971).
- SPERB, Dalilla C. Problemas gerais de currículo. Porto Alegre : Globo, 1975.
- SMITH, Cathryn. Programa de Educação Religiosa. (revisado, atualizado e ampliado por João Falcão Sobrinho). Rio de Janeiro : JUERP, 1995.
- TRALDI, Lady Lina. Currículo - metodologia de avaliação. São Paulo : Atlas, 1977. Vol 2.
- TURRA, Clódia Maria Godoy et alli. Planejamento de ensino e avaliação. Porto Alegre : Sagra-DC Luzzato, 1995.
- TYLER, Ralph W. Princípios básicos de currículo e ensino. Rio de Janeiro : Globo, s.d., 10ª edição.

.....

# EDUCAÇÃO RELIGIOSA

## De quem somos dependentes?

Lourenço Stelio Rega ©

Há um artigo em que declarei que é possível construir um projeto educacional **orientado por conteúdos**. Isto ocorre quando seguimos o tripé estrutura/currículo/conteúdo emprestados de fora do ambiente em que se quer desenvolver o projeto educacional. Seguimos uma seqüência curricular e de temática do conteúdo oferecidas por algum fornecedor externo de literatura. Os agentes do processo educacional (diretores e professores) ficam na dependência dos fornecedores compreenderem as suas necessidades para então atender com o tripé estrutura/currículo/conteúdo que julgarem adequado. Essa abordagem é adotada pela maioria das igrejas evangélicas no Brasil.

Não é difícil imaginar que é praticamente impossível preparar e oferecer esse tripé para atender todas as situações e contextos, seja em motivações, seja em necessidades ou mesmo em linguagem do material literário adequado a uma eficaz comunicação.

A educação orientada por conteúdos aliena o educador da construção do processo construtivo do planejamento educacional e do próprio processo instrucional do dia a dia de uma escola. O próprio avanço da produção de livros didáticos indica uma espécie de compensação a essa alienação imposta ao educador. Hoje o professor não precisa mais construir as suas próprias aulas considerando também as motivações e necessidades dos seus alunos, basta repetir o conteúdo emprestado do sistema. É uma espécie de *didática do papagaio*. O professor deve seguir o esquema e cumprir o programa, mesmo que os alunos não estejam acompanhando.

Além disso, nem sempre, para não dizer geralmente, essa orientação da educação está sintonizada com a realidade contextual e histórica onde ocorrerá o processo educacional. Neste sentido, fica difícil ao educador operacionalizar com eficiência qualquer prática educativa sem saber exatamente onde está e onde deve ir, pois deve seguir o tripé estrutura/currículo/conteúdo imposto de fora, muitas vezes descontextualizado e mau dimensionado para a realidade a ser atendida.

Na busca de solução para esses dilemas é possível construir uma **educação orientada por objetivos educacionais** e neste caso poderemos estabelecer o destino em que queremos chegar. Como estamos tratando de educação cristã, vale lembrar que os objetivos educacionais primeiros serão os bíblicos. Neste caso as perguntas serão, *o que Deus quer que cada participante do processo educacional na igreja aprenda e apreenda? Quais são as razões bíblicas da educação na igreja?*

Depois disso partiremos para analisar o contexto em que será aplicado o projeto educacional para conhecermos o seu perfil motivacional, cultural, intelectual, social, espiritual, doutrinal, religioso, econômico, etc. No nosso caso, perguntaremos quem é o membro de nossa igreja? quais são as suas características? quais são os seus dilemas? quais são os seus objetivos pessoais, profissionais? Aí conseguiremos traçar os objetivos contextuais, que deverão ser interpretados à luz dos objetivos bíblicos gerais para a educação na igreja e servirão para referenciar a construção do projeto educacional. Enfim, aliando-se esses dois objetivos obtém-se uma educação contextualizada que influenciará a construção de todo sistema educacional - currículo, conteúdo, didática, avaliação, etc. A participação de todos os agentes educacionais nesse processo de planejamento e a dos próprios alunos, torna-se ingrediente fundamental para o sucesso do processo.

Até o momento, como denominação, temos enfatizado uma política de oferta indicando uma educação religiosa pré-modelada, nacional e rígida. Há até quem afirme que se uma igreja não segue o programa oficial não pode ser considerada batista. Creio

que isso não segue o espírito batista contido nos Princípios Distintivos dos Batistas, que historicamente une os batistas do mundo todo. Penso que está contida aqui uma ideologia da homogeneização e da dominação do saber. O que precisamos fazer é enfatizar uma política educacional de demanda, que considera o contexto e as especificidades das igrejas e regiões.

Então, em vez de oferecer um sistema educacional pronto, devemos capacitar as igrejas a desenvolverem o seu próprio projeto educacional, contextualizado e climatizado para atender as suas próprias demandas e características peculiares. É uma obra difícil, mas não impossível, que requer uma abordagem educacional à educação (desculpem-me a redundância) e não gerencial-administrativa-política. Assim, quem deve falar e planejar a educação deverão ser os educadores, mas, noutro sentido, a educação não poderá ser considerada como fim em si mesma. Ela é um instrumento para viabilizar ao povo de Deus o conhecimento e a vivência de Sua Palavra. O povo precisa ter acesso à Bíblia, ao exercício de seus dons, à comunhão com Deus. Precisamos diferenciar entre o processo educacional, que é instrumentalizado geralmente por especialistas, e o conteúdo manuseado por este mesmo processo, que deve ser livremente distribuído.

Assim, o **saber precisa deixar de considerado como propriedade de especialistas**. O nosso povo precisa resgatar novamente o direito de conhecer a Bíblia e aplicá-la no seu cotidiano. Por isso é preciso valorizar a participação, o diálogo, o poder coletivo de nossas igrejas para que formemos cristãos com uma consciência reflexiva, crítica, construtiva e participativa da transformação do mundo pelo Evangelho de Jesus Cristo.

# EDUCAÇÃO RELIGIOSA

## UM IMPULSOR PARA O CRESCIMENTO DO CARÁTER

*Lourenço Stelio Rega ©*

O apóstolo Paulo ensina que a conversão nos conduz ao estado de uma nova criatura. *Se alguém está em Cristo nova criatura é, as coisas velhas já se passaram, eis que tudo se fez novo* (2 Coríntios 5.17). Na Teologia dizemos que este fato é de natureza **posicional**, isto é, Deus nos considera novas criaturas, novas pessoas, santas, ainda que na realidade nossa vida, atos e decisões não demonstrem isso. É uma posição em que Deus nos colocou. Em outras palavras, somos e, ao mesmo tempo, não somos novas criaturas, santos, etc.

Ainda que queiramos fazer o bem, não conseguimos realizá-lo, pois o pecado habita em nós (Romanos 7.15-25). Por isso é que precisamos nos despir da velha natureza pecaminosa e nos revestirmos da nova natureza que se reconstrói para o pleno conhecimento à luz da imagem do protótipo da perfeição - Jesus Cristo (Cl 3.1-10).

Sendo assim, mesmo que posicionalmente perante Deus somos novas criaturas, haverá necessidade de ocorrer um **processo de transformação** interna em nós para que isso se concretize no cotidiano de nossas vidas. Nosso alvo sempre será olharmos para Jesus, o autor e consumidor da fé (Hebreus 12.2), cedendo-lhe o centro gravitacional de nossas vidas, decisões e escolhas. Ele passa, dia após dia, decisão após decisão, escolha após escolha, a ser o nosso paradigma, nosso referencial inegociável e absoluto.

A Palavra de Deus torna-se, assim, um elemento importantíssimo em todo esse processo. É nela que aprenderemos mais sobre Jesus Cristo, sobre os seus ensinamentos. É nela que poderemos buscar referencial seguro para nossas decisões diárias, seja como empresário, empregado, profissional liberal, executivo, pai, mãe, filho, vizinho, estudante, cidadão, etc.

Deus é o nosso Proprietário e a Bíblia passa a ser o **Manual do Proprietário**, nos indicando o correto e adequado funcionamento da vida para que consigamos “funcionar” dentro dos padrões e características para as quais fomos criados. Nossas emoções, nossa experiência religiosa, nossa intuição, enfim, tudo o que sentimos deverá ser analisado à luz da Bíblia para que ela possa, como juíza, nos indicar se estamos no caminho correto.

Por isso tudo é que o estudo da Palavra de Deus passa a ser fundamental para cada cristão e a Educação Religiosa torna-se um instrumento impulsor para o desenvolvimento do caráter cristão, de forma que ele vá se tornando, na concretiza da vida, uma nova criatura. É a Educação Religiosa que irá fornecer os instrumentos básicos para capacitar o cristão a estudar a Bíblia, a interpretá-la e aplicá-la em sua vida. Para se ter uma idéia, somente nestes três processos - estudar, interpretar e aplicar - temos três matérias fundamentais ministradas no processo educacional - estudo bíblico, hermenêutica bíblica (ciência da interpretação) e ética cristã.

Mas não podemos parar por aqui. A Educação Religiosa também capacita o cristão para o serviço, pois embora não tenha sido salvo pelas boas obras, o foi para praticá-las (Efésios 2.8-10). É através do treinamento implementado pela Educação Religiosa que uma pessoa pode ser capacitada a utilizar com bom desempenho os seus dons espirituais.

Não basta freqüentar as atividades eclesiais, é preciso permitir que nosso caráter, atos e decisões reflitam uma nova vida. Por isso é preciso estudar, interpretar e aplicar as sagradas letras ao viver diário.

Uma vez que os resultados do processo educacional geralmente são perceptíveis a longo prazo, é preciso que desde já venhamos a priorizar e valorizar o papel da Educação Religiosa na instrumentalização de nossas vidas.

# Reflexões educacionais para hoje

Lourenço Stelio Rega ©

Introdução: Estatística – 90% dos pastores entrevistados rejeitam o treinamento recebido no seminário.

1) É a escola uma caixa preta? temos de analisar alguns princípios e categorias-chaves:

1.1– **Discurso pedagógico:** as nossas práticas escolares são compatíveis com nosso discurso pedagógico?

- a. **o dito e o feito:** há uma relação entre o que se propõe e o que se realiza?
- b. Onde queremos chegar? O currículo formal e o real: o dito e o feito

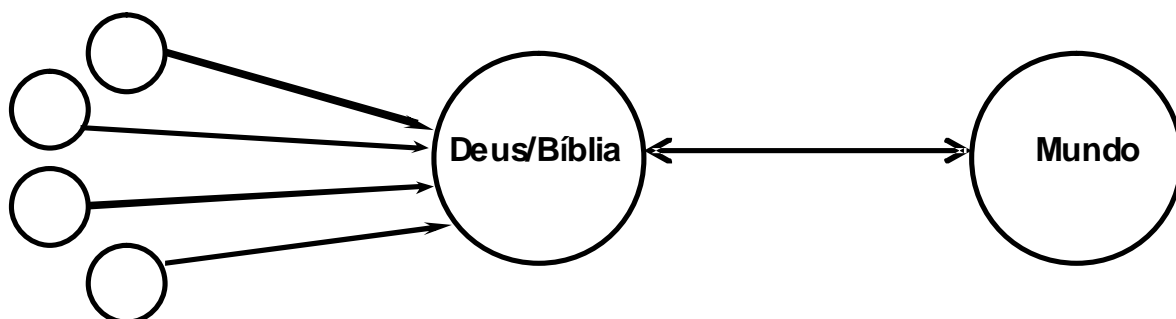
1.2– **Escolarização:** o seminário é o único locus de aprendizagem?

1.3– **Fracasso escolar:**

- a. por fracasso escolar entendo não apenas a reprovação/repetência, em última instância a evasão escolar, mas também situações indicativas de que o aluno não conseguiu atingir os objetivos propostos no Plano do Curso, pela escola, ou mesmo a saturação pedagógica ou cognitiva demonstrada pelo aluno;
- b. qual a percepção do aluno ao concluir a disciplina? Ele quer mais? Entendeu como o conteúdo se simetriza com sua formação global? Ele ficou com ojeriza da disciplina? Livro: *Um gosto amargo da escola!* Frase: *a escola faz mal ao meu filho (... adverte: a escola faz mau à aprendizagem)*
- c. Quais as causas do fracasso escolar?
  - (a) Escola: sistema educacional inadequado: carga curricular deficiente ou hipersuficiente; falta de recursos didáticos; deficiência no espaço físico; pré-requisitos incorretamente dimensionados (em menor ou maior dimensão); desprezo no atendimento dos pré-requisitos de origem do aluno; objetivos educacionais inexistentes ou até mesmo incorretamente dimensionados; sistema educacional que desconsidera a simetria ou conexão entre as disciplinas/conteúdos (o sistema não possui mecanismos ou procedimentos que tornam isso realidade), suporte deficiente à aprendizagem (biblioteca, recursos diversos); outras deficiências no ambiente em que se realiza a aprendizagem, etc.
  - (b) Professor: conhecedor do conteúdo, mas não das técnicas didático-pedagógicas (nem todo bom médico necessariamente será um bom professor de Medicina); sistema de avaliação mau dimensionado ou inadequado (até que ponto a prova pode avaliar adequadamente? O que queremos avaliar: conteúdo cognitivo, aplicabilidade do conteúdo, aluno mais do que o cérebro?); visão monolítica de sua disciplina sem a conexão com o todo do sistema educacional da escola; desatualização em conteúdo e metodologia específica da disciplina, etc.  
  
→ produção da legitimidade do saber: o professor tem o conhecimento do conteúdo, mas nem sempre da técnica de ensino
- (c) Aluno: deficiência nos pré-requisitos de ingresso (teológico-espirituais, cultura geral, idioma nacional, etc); deficiência de aprendizagem; ausência ou má gerência de tempo,
- d. como se instala a lógica do fracasso escolar no interior da escola?

2) Nosso ponto de partida e pesquisa de base: Bíblia → demais matérias são instrumentais (sociologia, psicologia, filosofia) ou extensivas (teologia, ética)

- a. Projeto político-pedagógico do ensino teológico
- b. Isto é fundamental para nosso trabalho docente – diferentes tipos de formação do docente., convergindo para um só foco, e partindo daí para ver o mundo:



- c. Interdisciplinaridade convergente

3) "Sala de aula", que espaço é este?: a mística da sala de aula; a sala de aula como picadeiro; sala ou "salas" de aula – um desafio à escolarização do ensino; o espaço e o tempo escolar; espaço para o "jogo do saber"; etc.

4) O ensino de valores

- a. F. Kopp (appud Maria Christina Siqueira de Souza Campos, p. 16, 1985): Valor é tudo aquilo que é objeto de avaliação e é visto como significativo para alguém.
- b. Por uma educação orientada por valores e objetivos educacionais
- c. O currículo/conteúdo deve ser mais do que um cardápio atraente oferecido aos alunos dentro de uma política de "demanda de mercado".
- d. O aluno como sujeito histórico em vez de consumidor da realidade. Ser que pensa, que vive, que sente, que ordena; que cuida de gente, de negócios relativos à causa.
- e. Fornecimento de critérios para leitura crítica da realidade e construção significativa de sua história pessoal, familiar, social e ministerial;
- f. Mitose e paradigmas do ministério pastoral: reprodutivismo?
- g. **Kratologia**: ensinar o aluno a usar sadiamente o poder – trabalhar para Deus vs. trabalhar para a "obra de Deus" (ou seria dos homens??!!)
- h. Capacitar o aluno a construir o seu projeto de vida e ministério – educação integral

5) Por uma escola interativa

- a. Domesticação ou construção do sujeito histórico – ênfase na reflexão
- b. A Bíblia/cristianismo e a cultura
- c. Formar líderes que sejam cristãos autênticos e culturalmente sensíveis. Transparência das cinco janelas para a igreja do século XXI.
- d. *Os conteúdos devem refletir os amplos aspectos da cultura, tanto do passado quanto do presente, assim como todas as possibilidades e necessidades futuras ... o aluno está inserido numa sociedade que lhe faz exigências de toda ordem e lhe impõe obrigações e responsabilidades.* (Maximiliano Menegolla e Ilza



Martins Sant'Anna, *Por que planejar? Com que planejar? – currículo – área 'aula' escola em debate*, 1999, Vozes).

#### 6) Saberes teológicos e atividade docente

- a. As exigências do “mercado” (denominação, anseios/expectativas populares, etc.): obreiros capazes para fazer – **educação instrumental**.
- b. Formação do aluno como pessoa – como um todo
- c. Como isso é transpassa à sala de aula e práticas/cultura escolares?
- d. Instituição de ensino, mas também de pesquisa!!!

Conclusão: Precisamos explicitar os fundamentos do projeto político pedagógico da escola:

*A educação está intimamente ligada à política da cultura. O currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo a respeito do que seja o conhecimento legítimo.*  
(Michael W. Apple in: *Currículo, Cultura e Sociedade*, p. 59, Cortez, 1999)

# O ENSINO BÍBLICO E O LOUVOR NO PRÓXIMO MILÊNIO

*Laurenço Stelio Rega©*

1. Estamos não apenas num mundo em mudança mas também numa mudança de mundo.
  - 1.1 – A tendência da época dispensa reflexão
  - 1.2 - Vivemos numa cultura de massa em que as coisas já vêm prontas
  - 1.3– ênfase na contemplação e no simbólico: templo como local do sagrado, culto como sacramento, púlpito como palavra infalível, nos impulsos
  - 1.4– muitas igrejas só possuem templo, o edifício de ER fica para depois (IBPC fez o inverso)
  - 1.5– o templo não é preparado para o diálogo, mas para a comunicação unidirecional; o templo não é preparado para o ensino da palavra (experiência na IBL).
  
2. Algumas tendências da época (transparência)
  - 2.1 – Transparência
  
  - 2.2– **Ontologia da posse:** o ter dá significado à vida, o ser dá lugar ao ter e se completa ou passa a ter significado a partir da posse de coisas
  
  - 2.3– **Ontologia da ação:** Trabalhar para a obra do senhor e esquecer-se do Senhor da obra. O ser é trocado pelo fazer. O fazer acaba dando significado à vida
    - a. Lidamos com gente, gerenciamos conflitos;
    - b. Às vezes agimos como a política do trânsito: direção ofensiva/defensiva (visão militar), em vez de reativa/proativa (visão estratégica e comportamental)
    - c. Lidamos com as pessoas como objetos manipuláveis e tendemos a vê-las como mão de obra útil.
    - d. Precisamos de recursos humanos, mas muito mais, de humanos com recursos.
    - e. Por outro lado cuidamos das coisas de Deus, como se nós fôssemos o Deus.
    - f. Falamos muito sobre Deus, mas pouco com Ele.
    - g. Conhecemos muito sobre Deus, mas pouco queremos saber de Sua vontade.
  
  - 2.4– A **axiologia fundamental da vida** é outra: Sucesso/fracasso vs. sentido. Viktor E. Frankl - transparência
  
  - 2.5– Conceito irrelevante da **história pessoal**.
    - a. Vivemos numa megamáquina (Erich Fromm - Lewis Mumford)
    - b. Visão contábil da vida versus visão histórica da vida
    - c. Somos sujeitos históricos: ou somos consumidores da realidade ou seus construtores.
  
  - 2.6– **Competência e vocação:**
    - a. Estamos numa época de grande ênfase em Qualidade Total, e isso tem sua validade para a ampliação do atendimento eficaz do povo; mas,
    - b. Precisamos muito mais do total da qualidade (envolvendo um caráter

irrepreensível, envolvendo pessoas); assim,  
c. Competência sem caráter, sem irrepreensibilidade é só eficiência, mas falta eficácia.

- (a) **eficiência**: envolve a execução correta das coisas;
- (b) **eficácia**: envolve a execução das coisas corretas.

## 2.7 – Ética interior e de compromisso

- a. Ilustração da palestra com jovens.
- b. Embora muito se fala que ou estamos comprometidos com Deus ou não, na realidade, a ética bíblica de compromisso é: ou estamos comprometidos com Deus ou com Satanás, não há meio termo.

2.8 – Espera-se de um líder que seja modelo, mas talvez hoje, o líder deve ser considerado como um paciente em vez de modelo, veja algumas das doenças ocupacionais do líder: distúrbios psicológicos (paranóia, esquizofrenia, mecanismos do ego, etc.), relacionais, etc.

3. Precisamos desenvolver uma educação cristão integral, em que a centralidade seja a Bíblia

Transparências

4. Precisamos desenvolver um culto com raízes profundas no Novo Testamento

4.1 – Nosso culto tem raízes no culto do Antigo Testamento – local sagrado – culto sacramental

4.2 – Ruptura de Jesus na conversa com a mulher samaritana: João 4

- a. Não importa o local
- b. Importa o interior

4.3 – Culto é doação não recepção

4.4 – Como aprender a adorar num século da imagem, da ação, dos impulsos, da arte?

5. As cinco janelas para a igreja do século XXI

6. Aqueles que transtornaram o mundo chegaram até nós ...

6.1 – buscamos resultados – mas na realidade a glória para nós mesmos

6.2 – vamos seguir os princípios de Deus, os resultados ficam por conta dEle, afinal a porta do céu é estreita

# CONSTRUINDO VIDAS PELA EDUCAÇÃO

*Laurenço Stelio Rega ©*

1. A educação como componente do projeto de Deus para a igreja
  - 1.1 – A tendência da época dispensa reflexão
    - a. vivemos numa cultura de massa em que as coisas já vêm prontas;
    - b. ênfase no templo, no culto, no púlpito (comunicação unidirecional), nos louvor, na contemplação, nos impulsos
    - c. muitas igrejas só têm o templo, o edifício de ER fica para depois (IBPC fez o inverso)
    - d. o templo não é preparado para o diálogo, mas para a comunicação unidirecional; o templo não é preparado para o ensino (experiência na IBLiberdade – estudo com os dons)
  - 1.2 – Deus deu mestres para a igreja, o ensino é dom: Rm 12.7
  - 1.3 – O ensino faz parte da formação do homem perfeito: 2 Tm 3.16,17
  - 1.4 O ensino está presente na Grande Comissão: Mt 28.19,20
    - a. *Tendo ido* em vez de *Ide* (tempo aoristo)
    - b. Não é somente evangelização e missões
    - c. Nossa teologia é soteriológica
    - d. Falamos das ruas de ouro dos céus e deixamos de tratar das ruas da violência urbana, do sofrimento, dos desafios humanos
    - e. Pregamos um evangelho estratosférico
  - 1.5 – O crescimento da igreja envolve todos os dons: Ef 4.15-16
  - 1.6 – A missão tridimensional da igreja
  - 1.7 – O ministério de ensino na igreja é mais do que EBD!!! (vide anexo)
2. A educação é uma arte, mas também é uma ciência. Há princípios e fenômenos que precisam ser conhecidos. Casos ilustrativos:
  - 2.1 - Caso do pastor de adolescentes que deixava de considerar a psicologia do adolescente e pensava somente em termos pragmáticos e utilitarista (Fulano de tal me é mais útil nos jovens do que nos adolescentes);
  - 2.2 – Cadeirinhas cor abóbora, mas compramos com tanto carinho, que ingratidão ...
  - 2.3 – Sala com reboque e com contrapiso;
  - 2.4 – Aula no batistério ???
  - 2.5 – Até o palco serve como sala de aula! Mas no auditório tinha mais sete classes funcionando ao mesmo tempo! O caso da IBLiberdade, classe de Debates.
  - 2.6 – As outras ciências são respeitadas (o caso da denominação – juntas como igrejas??? – Abordagem gerencial e política em vez de eclesiológica.
3. Qual a diferença entre educação e educação? (vide anexo)
4. Educação Cristã – mudança radical (vide anexo)
5. A Educação Religiosa como impulsora da transformação do caráter (vide anexo)
6. O que está por trás de um projeto educacional? (vide anexo)
7. Quais os modelos da Educação Cristã? (vide anexo)

# CONSTRUINDO PESSOAS E CONHECIMENTO PELA EDUCAÇÃO<sup>21</sup>

*Lourenço Stelio Rega ©*

1. O objetivo primevo da educação: construção da pessoa, da cidadania e de transformação da realidade.
2. Na educação tradicional, o ensino é passivo e muitas vezes, desvinculado da vida.
3. Muitas vezes ensinamos como produto de um processo mecânico, cumprindo rituais e rotinas institucionais de salade aula.
4. Muitas vezes nos sentimos incomodados com a participação do aluno na sala de aula:
  - vocês entenderam, né?
  - Não me pergunte nada, preciso dar o conteúdo previsto para esta aula
  - Se você perguntar corta a seqüência da exposição
  - Preste atenção que eu só explico uma só vez!
5. Muitas vezes ignoramos o aluno como pessoa, como gente. Tendemos a reprimir esses interesses.
6. Muitas vezes tendemos a pensar na matéria apenas como conteúdo que deve ser transferido ao aluno. Educação bancária (Paulo Freire). A idéia é transferir conhecimento para o cérebro do aluno que é concebido como um ser passivo. Fomos formados assim também.
7. É preciso considerar que o aluno é um ser concreto.
8. Há necessidade de motivação para que ocorra a aprendizagem.
9. O conhecimento se dá na relação sujeito-objeto-realidade, com a mediação do professor e não pela simples transmissão do conhecimento.
10. O conhecimento se dá pela ação do educando sobre o objeto de estudo (o professor é apenas o facilitador).
11. Existem diferentes estágios de desenvolvimento (o aluno não é um adulto maduro por completo)
12. O aluno traz uma bagagem cultural, doutrinária, espiritual, experiencial (o novo conhecimento não se dá a não ser a partir do anterior)
13. O trabalho em sala de aula tem uma dimensão coletiva, o aluno não pode ser considerado sozinho.
14. Às vezes a nossa motivação é só dizer:

---

<sup>21</sup> Idéias extraídas do livro: VASCONCELLOS, Celso dos S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. São Paulo : Libertad, 1994. 108 p.

- Isso vai cair na prova

- Se você não estudar (decorar) não vai tirar nota

15. A prova é uma espécie de devolução ou reprodução do que creditamos no cérebro do aluno.

16. É preciso que haja uma **interação objetiva** (contato com o objeto, manipulação, experimentação, etc) e uma **interação subjetiva** (reflexão do sujeito, problematização, estabelecimento de relações mentais, análise, síntese, etc).

17. O grande dilema da metodologia expositiva é a formação do homem passivo, acrítico. É uma atividade mecânica, desprovida de sentido, já que o significado do conhecimento, sua vinculação com a realidade, não são trabalhadas.

18. Qual o significado daquilo que ensinamos:

- é pré-requisito para as séries seguintes

- cai no vestibular

- hoje você não entende, mas daqui uns tempos vai entender

19. É preciso cumprir o programa, mas também propiciar a aprendizagem.

20. O ensino não somente se transmite, mas também se constrói no aluno.

21. A educação não é uma tarefa intuitiva, é uma ciência.

## **Campo semântico dos verbos de ação pedagógica**

Aproveitando os exemplos, indique a seguir a rede de significados indicados em cada verbo de ação pedagógica.

**SABER / REFLETIR: aprender, refletir, pensar, analisar**

**FAZER: atividade, transformação, eficiência, eficácia, atuar, construir, criar, talento, dons**

**CONVIVER: amor, paciência, pacificação, andar outra milha**

**SENTIR: intuição, sentimento, sensação, emoção, afeição**

**SER: caráter, ética, ter, modelo**

# Ação pedagógica

Disciplina: \_\_\_\_\_

Indique a seguir como você pode transformar os verbos de ação pedagógica na ministração de sua matéria. Use mais de uma folha se for necessário:

**SABER / REFLETIR:**

**FAZER:**

**CONVIVER:**

**SENTIR:**

**SER:**



# Educação Religiosa na igreja inventário

Obs.: Não precisa se identificar

1. A sua igreja tem um(a) ministro(a) de Educação Religiosa?

( ) Sim ( ) Não. Então quem coordena esta área na igreja?

Se há ministro de educação: o tempo de dedicação é ( ) integral ( ) parcial

2. Como é ou foi escolhida a pessoa que coordena a área de Educação Religiosa de sua igreja?

3. Quantas pessoas atuam na área de Educação Religiosa de sua igreja?

4. Há profissionais de educação “secular” em sua igreja? ( ) Não ( ) Sim, quantos?

5. A sua igreja utiliza literatura oficial da denominação? ( ) Sim ( ) Não, qual?

6. A sua igreja conhece antecipadamente o plano de temas das lições oficiais da denominação? ( ) Não ( ) Sim, como? \_\_\_\_\_

7. A sua igreja tem um calendário anual? ( ) Não ( ) Sim

8. Como a área de educação participa no planejamento deste calendário?

9. A sua igreja tem um projeto pedagógico próprio?

( ) Não. Ela segue qual projeto?

( ) Sim. Quem elaborou? Que literatura vocês utilizam?

10. As organizações de sua igreja (Senhoras, Homens, Jovens, Casais, Adolescentes, Juniores, EBD, ETM, etc) planejam juntos o calendário de atividades?

Não  Sim

11. A sua igreja tem uma escala de prioridades que norteiam as suas decisões e calendários?

Não  Sim. Escreva a seguir a escala de prioridades

12. Há em sua igreja um programa de treinamento contínuo de liderança?

Não  Sim

13. Como é feita a escolha de professores da EBD?

14. A igreja tem biblioteca?

Não  Sim

15. Quais as organizações de Educação Religiosa que sua igreja possuiu?

<input type="checkbox"/> EBD	<input type="checkbox"/> Jovens	<input type="checkbox"/> Moças	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Escola de Trein.	<input type="checkbox"/> Adolescentes	<input type="checkbox"/> Mensageiras	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Senhoras	<input type="checkbox"/> Juniores	<input type="checkbox"/> Embaixadores	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Homens	<input type="checkbox"/> Casais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. Quantos membros a sua igreja possui? \_\_\_\_\_

17. Qual a porcentagem de jovens e adolescentes? (12-35) \_\_\_\_\_

18. A sua igreja realiza EBFs?

Não  Sim

19. A sua igreja tem culto infantil?  Não  Sim, quando, qual a idade que abrange?

20. A sua igreja tem ministério colegiado?  Não  Sim, como funciona?

21. A sua igreja tem edifício de Educação Religiosa?  Não  Sim, o projeto teve a assessoria de educadores?  Não  Sim

O edifício atende às necessidades?  Não  Sim

22. Quais os recursos e equipamentos didáticos que sua igreja possui?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> lousa                                   | <input type="checkbox"/> projetor de eslaide             |
| <input type="checkbox"/> quadro de pregas                        | <input type="checkbox"/> vídeo                           |
| <input type="checkbox"/> flanelógrafo                            | <input type="checkbox"/> televisor                       |
| <input type="checkbox"/> retroprojetor                           | <input type="checkbox"/> projetor de opacos              |
| <input type="checkbox"/> tela                                    | <input type="checkbox"/> projetor de multimídia          |
| <input type="checkbox"/> quadro branco                           | <input type="checkbox"/> telão                           |
| <input type="checkbox"/> Flip-chart (quadro c/ folhas em branco) | <input type="checkbox"/> salas especiais (p/vídeo, etc.) |
| <input type="checkbox"/>   |  |
| <input type="checkbox"/>   |  |
| <input type="checkbox"/>   |  |
| <input type="checkbox"/>   |  |

23. O depto. infantil tem móveis adequados para as idades?

- Não  Sim

24. A área de educação tem uma verba destinada normalmente no orçamento da igreja?

- Não  Sim

25. Qual a estrutura da área de Educação Religiosa em sua igreja?

## Diferentes tipos de relações entre as disciplinas

Multidisciplinaridade SOMATIVA	Pluridisciplinaridade CONTIGÜIDADE	Interdisciplinaridade INTERAÇÃO	Transdisciplinaridade UNIFICAÇÃO
Justaposição de diferentes disciplinas, às vezes sem relação aparente entre si. Por exemplo: música + matemática + história.	Justaposição de disciplinas mais ou menos próximas em um mesmo setor de conhecimentos. Por exemplo: matemática + física ou, no campo das letras, francês + latim + grego.	Interação entre duas ou mais disciplinas que pode ir desde a simples comunicação até a integração recíproca dos conceitos fundamentais e da teoria do conhecimento, da metodologia, dos dados da investigação e do ensino.	Execução axiomática comum a um conjunto de disciplinas. Por exemplo: a antropologia, considerada, segundo a definição de Linton, como a "ciência do ser humano e de suas obras".

Fonte: Antoni Zabala, *Enfoque globalizador e pensamento complexo*.  
São Paulo: ARTMED, 2001. p.32

## Diferenças entre o currículo disciplinar e o transdisciplinar

<b>Centrado nos conteúdos</b>	<b><i>Centrado na transdisciplinaridade</i></b>
Conceitos disciplinares	Temas ou problemas
Objetivos e metas curriculares	Perguntas, pesquisas
Conhecimento canônico ou estandardizado	Conhecimento construído
Unidades centradas em conceitos disciplinares	Unidades centradas em temas ou problemas
Lições	Projetos
Estudo individual	Grupos pequenos que trabalham por projetos
Livros-texto	Fontes diversas
Centrado na Escola (escolarização)	Centrado no mundo real e na comunidade
O conhecimento tem sentido por si mesmo	O conhecimento em função da pesquisa
Avaliação mediante provas	Avaliação mediante portfólios, transferências
O professor como especialista	O professor como facilitador

Fonte: Casimiro Pinto, "Integração de saberes instrumentais básicos", in *O professor*, Lisboa, out-dez/2000, n.o 71. O autor se baseou em Tchudi e Lafer apud Fernando Hernadéz, *Transgressão e mudança na Educação: os projetos de trabalho*, Porto Alegre; ArtMed, p. 57.

## Paradigmas da Educação

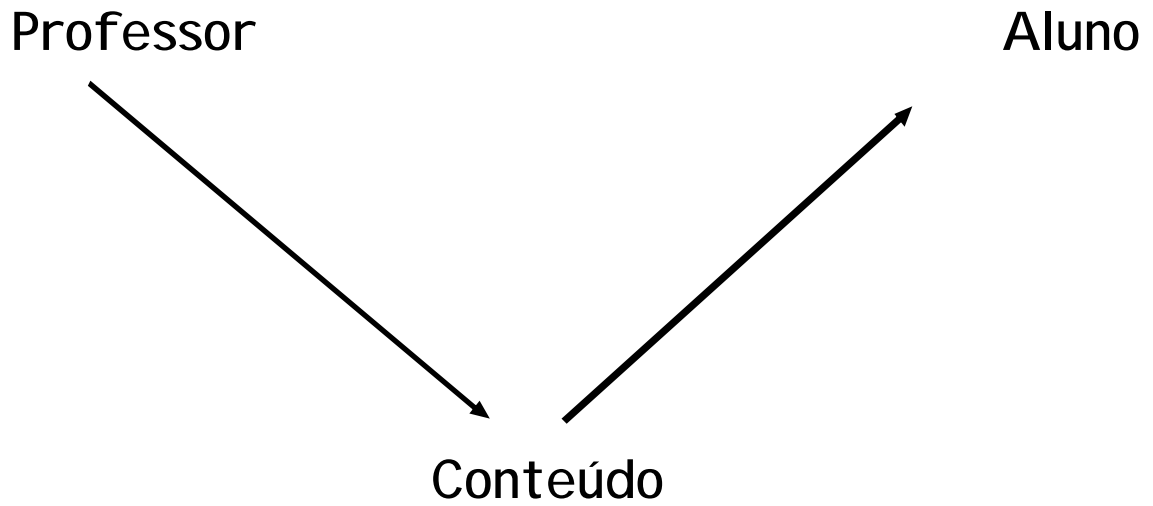
Conceitos	Paradigma tradicional	Paradigma contemporâneo
Conhecimento	Transmissão do professor ao aluno	Construção coletiva pelo professor e aluno
Alunos	Passivos, “caixas vazias” a serem preenchidas pelo conhecimento do professor Recebem e devem cumprir ordens	Ativos, construtores, descobridores e transformadores do conhecimento Participam das decisões sobre o processo de aprendizagem
Objetivo do professor	Classificar e selecionar os alunos	Desenvolver os talentos dos alunos
Relacionamentos	Impessoal entre alunos e entre professor/alunos	Pessoal entre os alunos e entre professor/alunos
Contexto	Aprendizagem <b>competitiva</b> , individualista. Informação limitada	Aprendizagem <b>cooperativa</b> e equipes cooperativas de professores e alunos. Infinitude de informações
Concepção de educador	Ensinar requer um preparo muito grande em aprender conteúdos	Ensinar requer preparo na compreensão de conteúdos, na interação desses conteúdos com o meio e na compreensão didática interativa

Adaptado por Lourenço Stelio Rega, de SILVA, Mozart Linhares (org), *Novas tecnologias – educação e sociedade na era da informação*, Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pg. 53.

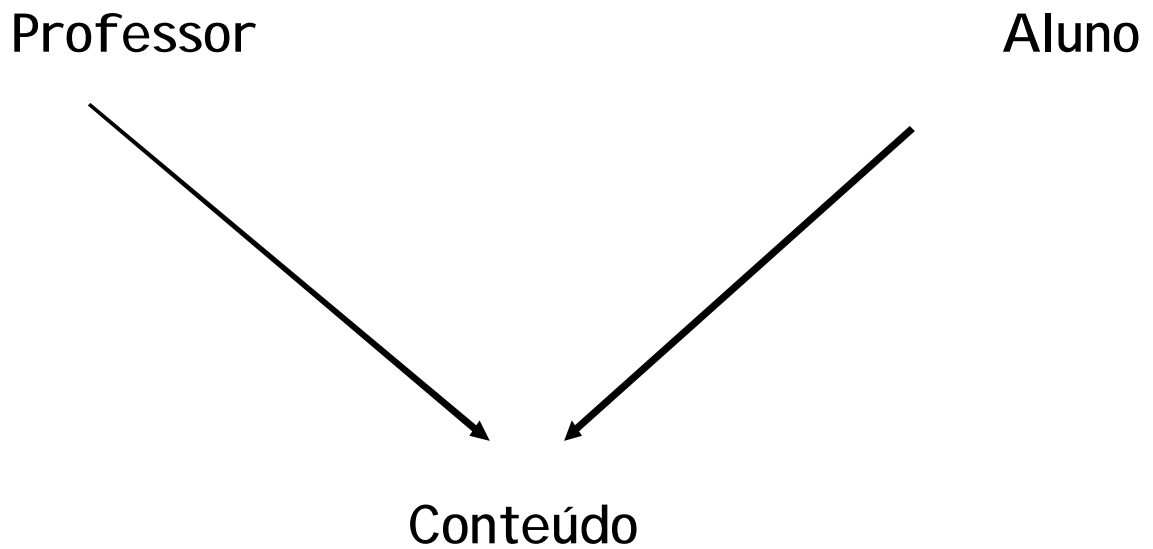
# Modelos de Ensino

In: ROOD, Wayne R. *El arte de enseñar el Cristianismo*  
(Buenos Aires: La Aurora, 1968. pgs. 25ss)

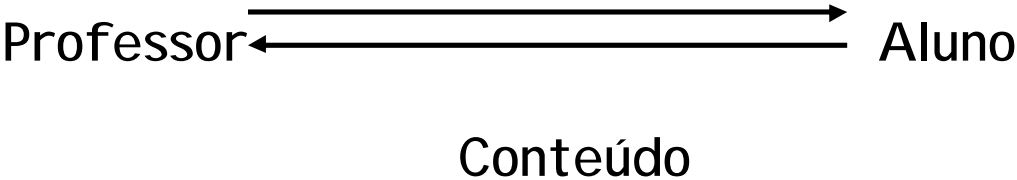
## 1º Modelo



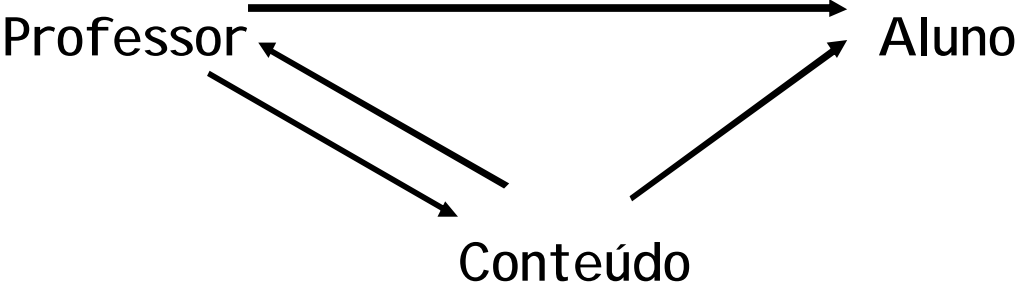
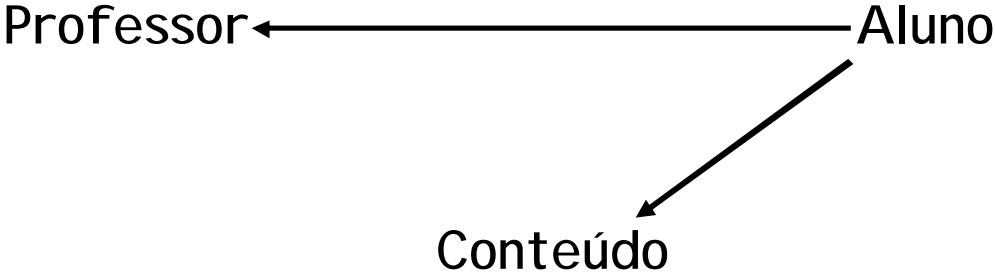
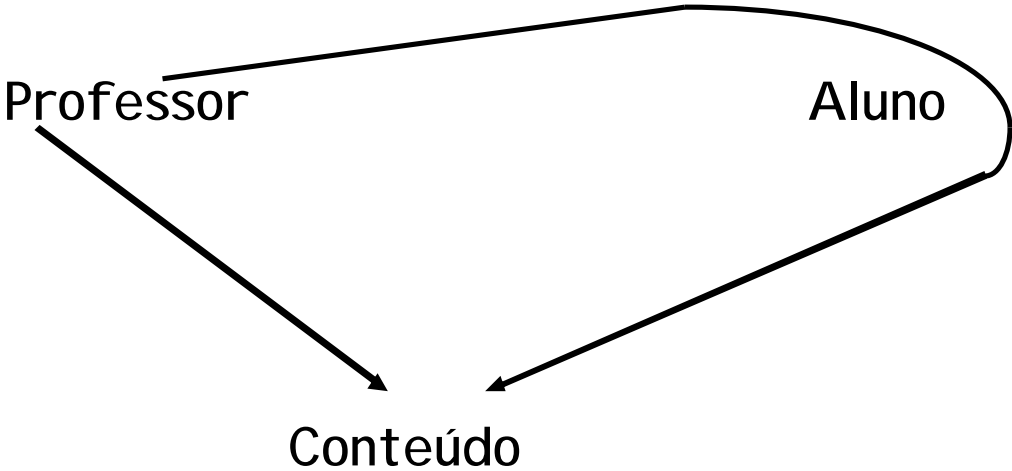
## 2º Modelo



3º Modelo

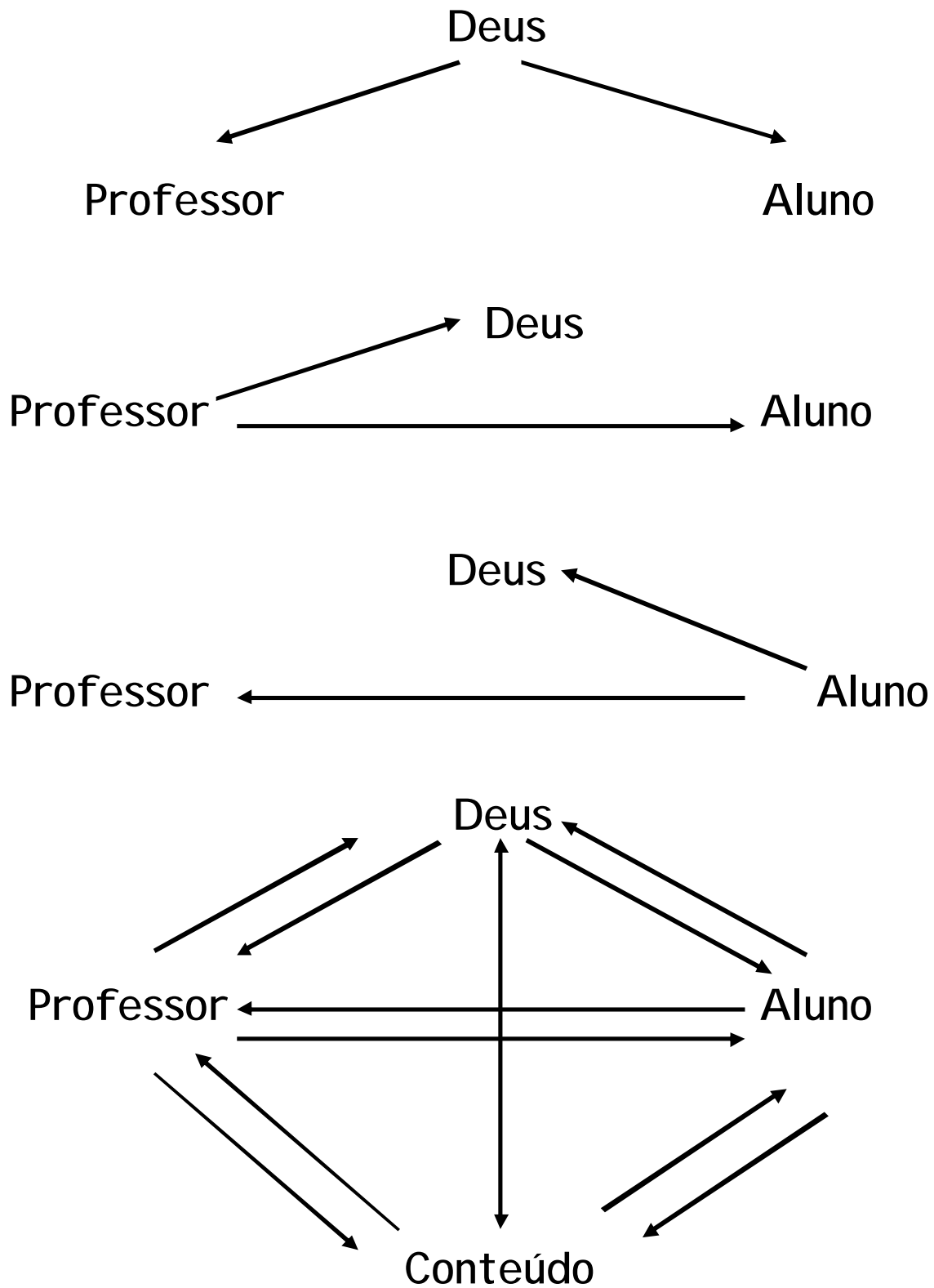


4º Modelo





# 5º Modelo



# Repensar a CBB

Algumas citações do meu documento sobre Fundamentos do Repensar a CBB  
(livro do mensageiro —Serra Negra – 1999)

Isso tudo requererá a adoção de uma **política de competência** em vez de uma **política de cargos e atribuições**. Isto é, todos os agentes operativos do sistema estrutural e funcional deverão atuar de modo competente com vistas a buscar a excelência da execução de seus papéis no cumprimento da missão da CBB. A autoridade de cada um virá disso e de uma vida inteiramente consagrada e comprometida com os ideais cristãos, em vez de vir à partir do cargo ocupado ou atribuição estabelecida. Noutras palavras, um líder, executivo ou funcionário, seja qual for o seu cargo, deverá ser considerado pela qualidade de vida espiritual e pela sua competência no exercício de suas funções.

As áreas, entidades/instituições e os mais variados agentes que operam o sistema deverão, portanto, ser continuamente avaliados considerando-se esses paradigmas e referenciais, assim também os ajustes que deverão ser efetivados para a retificação de qualquer rumo que esteja se desviando do cumprimento da missão da CBB. Usando outras palavras, precisamos de um processo contínuo de avaliação na CBB para saber se estamos no rumo certo, como os navegantes que sempre estão de olho na bússola e outros instrumentos de navegação conferindo se estão no rumo certo e previamente estabelecido. Para isso, os referenciais deste documento servirão como padrão e medida.

Geralmente acreditamos que basta elaborarmos bem um estatuto e exigimos eficiência de nossos executivos, que tudo seguirá bem. Mas muitas vezes temos uma estrutura, mas não temos um sistema que dê vida a essa estrutura. Uma **estrutura** inclui estatuto, regimentos e documentos que legitimam a existência de uma instituição; organograma (com as famosas caixinhas ...); descrição de cargos e funções (que hoje quase perdem o seu sentido numa estrutura matricial orientada por processos e resultados...); relatórios contábil-financeiros; hierarquia, etc. Um **sistema** inclui filosofia e valores; planejamento estratégico, global e integrado; fluência na comunicação entre os mais variados setores e níveis da estrutura de modo que a sua operação ou funcionamento seja integrado e integrador; mecanismos de auto-avaliação de modo a gerar dinâmica e renovação estrutural de modo a manter maior interação com o meio no qual se insere, etc. Assim, enquanto a estrutura pode ser considerada verticalmente, o sistema terá uma visão horizontal, criando-se, assim, uma abordagem matricial com ênfase horizontal e orientada por processos e resultados para a Convenção.

Tudo o que dissemos até aqui é sumamente importante, mas nada será conseguido se não resgatamos o sentido de comunidade no povo batista brasileiro que está separado por várias “distâncias”, a geográfica, a ausência de equilíbrio geralmente encontrada no conceito de autonomia/soberania<sup>22</sup> da igreja local, ênfase na individualidade e conseqüente ausência de responsabilização e solidariedade

---

<sup>22</sup> Veja meu artigo “Autonomia da igreja local – isso é bíblico?”, publicado no jornal O Batista Paulistano (abril, 1993, p. 9) onde discuto que a doutrina da autonomia da igreja local tem seu equilíbrio quando praticamos a doutrina da solidariedade e mutualidade no reino de Deus. Sem isso perdemos o senso de comunidade e cada igreja local passa a ser um todo completo e fechado. Risco que a CBB corre como um todo. Aliás fica aqui o desafio de se fazer um levantamento histórico para se constatar se isso já não tem ocorrido na história da própria CBB. O liberalismo eclesiológico, então, valoriza apenas a autonomia deixando de considerar a mutualidade e fraternidade.

comunitária, etc. Precisamos recriar uma **comunidade de valores** e não apenas de **proximidade**. Será preciso identificar nossos estereótipos e buscar nossos “pontos de contato”, ou os valores e ideais que devem nos ligar num vínculo gerador de um espírito de solidariedade e mutualidade. “A **proximidade** focaliza o que é visto; o **valor** focaliza o que é sentido. A **proximidade** admite a importância da presença física para compartilhar idéias; os **valores** criam elos emocionais e a capacidade de compartilhar idéias através de grandes distâncias. As comunidades do futuro podem ser definidas menos por onde vivemos que pelas coisas que acreditamos.”<sup>23</sup>

O resgate de valores que gerem coesão, um senso de “pertencer”, de interdependência e serviço, certamente contribuirá para fortalecer a identidade de nosso povo batista. Sem dúvida, uma identidade assim gerada será muito maior, mais abrangente e com maior gama de implicações e resultados do que uma identidade caracterizada **apenas** por uma declaração de fé (que afinal precisamos revisar sempre), ou mesmo pela uniformidade jurídica ou ainda mesmo por uma identidade apenas baseada em práticas eclesiais e litúrgicas.

Assim, será necessário gerar mecanismos e procedimentos funcionais que viabilizem o resgate desse sentido de comunidade e identidade. E neste sentido precisamos buscar os adequados pontos de contato para nosso povo e que o nosso ponto de contato seja muito mais do que estatutos, regimentos e relatórios financeiros, que têm o seu lugar próprio e necessário, mas não podemos mais ter uma Convenção centralizada apenas numa visão jurídico-contábil-financeira. Isso é meio e não o fim que almejamos. Temos uma missão a cumprir e essa visão é que deve estar em nossa frente. Numa linguagem popular, estamos como uma ave ciscando milimetricamente o chão, enquanto precisaríamos também alçar altos vôos como um pássaro para ter a visão ampla do todo. Sem dúvida, ao nutrirmos os ideais de uma missão (não confundir com Missões, que é parte de nossa missão) não devemos deixar de considerar o chão que estamos pisando. Aqui está o equilíbrio entre o ideal e o real. Vamos andar à medida que enxergarmos nosso chão e a modelagem da nova CBB deve considerar isso.<sup>24</sup> Ulrich sugere que para criarmos comunidade de valores devemos desenvolver seis práticas:<sup>25</sup>

- (1) Forjar uma identidade forte e distinta;<sup>26</sup>
- (2) Estabelecer regras claras de inclusão;
- (3) Compartilhar informações através de fronteiras;
- (4) Criar reciprocidade em série; e,
- (5) Utilizar símbolos e fatos que criem e mantenham valores.

Um outro foco que precisa ser considerado nesta tarefa de repensar a CBB é o que diz respeito à dinamicidade e adaptabilidade que uma organização precisa possuir face ao seu contexto de convivência. Neste sentido poderemos ter uma organização **entrópica** ou uma organização **sinérgica**. Assim poderemos detalhar estes dois impulsores organizacionais:

---

<sup>23</sup> ULRICH, Dave. “Seis práticas para criar comunidades de valores, e não de proximidade” in : PETER F. DRUCKER FOUNDATION. A comunidade do futuro – idéias para uma nova comunidade. São Paulo, Futura, 1998. p. 161 (com adaptações).

<sup>24</sup> Como batistas, precisamos resgatar novamente os ideais de uma visão de futuro. Creio que estamos traumatizados pelos dissabores que temos sofrido pelas crises gerenciais-financeiras em algumas de nossas instituições têm passado ultimamente.

<sup>25</sup> Vide nota número 5.

<sup>26</sup> Cuidando para o risco de que o excesso de identidade pode induzir ao sectarismo, na lembrança do Pr. e prof. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.

## 1) Organizações entrópicas

- enfatizam apenas uma dimensão de sua razão de ser
- estrutura organizacional fechada, isolada do contexto
- menor comunicação e troca de informações com o contexto em que vive
- desconforto quando confrontadas com uma realidade mais ampla, complexa e diversificada
- aquilo que não se compreende, não existe e não é relevante (mito da avestruz)
- sobrevivência apenas em regime de monopólio ou cartelização
- **ciclo vicioso**: organizações entrópicas conduzem o processo a níveis mais altos de entropia e desagregação

## 2) Organizações sinérgicas

- são capazes de se comunicar tanto com o seu público interno (igrejas, entidades, instituições), quanto com o externo (sociedade)
- flexíveis, dinâmicas e equilibradas
- preparadas para as alterações (demandas e ameaças) do contexto
- “arquitetura” aberta para a integração de polaridades, evitando-se os extremos
- geram oportunidades criativas e produtivas para a explicitação de divergências, naturais num grupo
- possuem a capacidade de se libertar de papéis estereotipados (a Convecção é só política, ou é perda de tempo ...)
- possuem capacidade de promover o equilíbrio entre a valorização das pessoas e a valorização das tarefas

Que tipo de CBB almejamos para o futuro? Uma CBB entrópica, ou uma CBB sinérgica?

---

---

9. Além disso, a estrutura da Convenção deve ser modelada para **ser orientada por processos e resultados**, em vez de ser orientada por cargos, autoridade ou atribuições funcionais. Isso significa que o que conta não é a autoridade que alguma pessoa que atue em função executiva possa ter à luz de seu cargo ou atribuição funcional, mas se os procedimentos que essa pessoa está executando ou seguindo cumprem com qualidade os resultados compatíveis com os objetivos almejados pelas igrejas em seus diversos níveis de representatividade. Esses objetivos não serão apenas funcionais, políticos e administrativos, mas também, e principalmente em sua origem, oriundos de uma fundamentação bíblico-teológica.

10. Todos aqueles que recebem a confiança das igrejas locais para participar do processo operacional ou executivo cotidiano da estrutura, deverão colocar à sua disposição **elevado nível de desempenho e qualidade**, estando sujeitos a um contínuo **processo de avaliação independentemente de seu nome, títulos ou atribuições funcionais**. Essa avaliação não poderá ser apenas quantitativa, mas também e principalmente qualitativa em que a probidade dos executivos será um fundamental item.

---

---

Ainda é preciso reconhecer que há duas leis básicas, entre outras, que norteiam uma organização ampla e complexa como a nossa: (1) ou a organização é

**guiada por protótipos, ação ou realizações rápidas** (agir primeiro, pensar depois); ou (2) a organização é **guiada por especificações ou normas** (pensar primeiro, agir depois). Por diversos anos temos discutido muito sobre a nossa identidade, nosso Estatuto e Regimentos, mas nem sempre temos conseguido estabelecer e completar objetivos claros e seguros com a eficácia esperada. Precisamos dinamizar as discussões, mas dinamizar mais ainda as nossas realizações como estrutura denominacional e irmos a campo com mais eficiência e eficácia gerando "protótipos" ou realizações daquilo que é o ponto mais nobre de nossas intenções como Convenção - a cooperatividade entre as igrejas locais. Cremos também que devemos seguir a "via média", isto é, estudar as especificações e normas, mas também promover a realização da obra, e, à medida que isso vai acontecendo, vamos aprendendo a ajustar as especificações. Assim poderemos ter uma estrutura mais flexível, dinâmica e funcional.

---

---

## **Por que não mudar?**

**Aqui está o mais puro exemplo de como temos, muitas vezes, de nos adaptar a atitudes tomadas no passado:**

**A bitola das ferrovias (distância entre os dois trilhos) nos Estados Unidos é de 4 pés e 8,5 polegadas. Por que esse número foi utilizado?**

**Porque era esta a bitola das ferrovias inglesas e como as americanas foram construídas pelos ingleses, esta foi a medida utilizada.**

**Por que os ingleses usavam esta medida?**

**Porque as empresas inglesas que construíam os vagões eram as mesmas que construíam as carroças, antes das ferrovias e se utilizavam dos mesmos ferramentais das carroças.**

**Por que das medidas (4 pés e 8,5 polegadas) para as carroças?**

**Porque a distância entre as rodas das carroças deveria servir para as estradas antigas da Europa, que tinham esta medida.**

**É por que tinham esta medida?**

**Porque essas estradas foram abertas pelo antigo império romano, quando de suas conquistas, e tinham as medidas baseadas nas antigas bigas romanas.**

**E por que as medidas das bigas foram definidas assim?**

**Porque foram feitas para acomodar dois trazeiros de cavalos!**

**Finalmente...**

**O ônibus espacial americano, o Space Shuttle, utiliza dois tanques de combustível sólido (SRB - Solid Rocket Booster) que são fabricados pela Thiokol, em Utah. Os engenheiros que os projetaram queriam fazê-lo mais largo, porém tinham a limitação dos túneis das ferrovias por onde eles seriam transportados, os quais tinham suas medidas baseadas na bitola da linha. Conclusão: O exemplo mais avançado da engenharia mundial em design e tecnologia acaba sendo afetado pelo tamanho do traseiro do cavalo da Roma antiga.**